

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL

FACULDADE DE PSICOLOGIA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

MESTRADO EM PSICOLOGIA SOCIAL

CRISTIANE DAVINA REDIN FREITAS

**“ELE DORME E SE ACORDA COMIGO”: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO
PROGRAMA BOLSA FAMÍLIA**

Porto Alegre

2008

CRISTIANE DAVINA REDIN FREITAS

**“ELE DORME E SE ACORDA COMIGO”: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO
PROGRAMA BOLSA FAMÍLIA**

Dissertação apresentada como requisito para
obtenção do grau de mestre pelo Programa de Pós-
Graduação da Faculdade de Psicologia da Pontifícia
Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientador: Pedrinho A. Guareschi

Porto Alegre

2008

CRISTIANE DAVINA REDIN FREITAS

**“ELE DORME E SE ACORDA COMIGO”: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO
PROGRAMA BOLSA FAMÍLIA**

Dissertação apresentada como requisito para
obtenção do grau de mestre pelo Programa de Pós
Graduação da Faculdade de Psicologia da Pontifícia
Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Aprovada em: _____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Pedrinho A. Guareschi (Orientador) – PUCRS

Prof. Dra. Berenice Rojas Couto - PUCRS

Prof. Dr. Euclides Redin – EST

Dedico essa dissertação à “mãe” Maria (Madrinha) e ao “tio” Pedrinho. Vocês têm me amado, desde o início, “de graça”. Vocês me ensinaram que o amor ultrapassa características biológicas ou sanguíneas. Obrigada pelo carinho, cuidado e incentivo por todos esses anos.

À grande amiga Aline Accorssi. Exemplo de “mulher guerreira” na luta pelos nossos irmãos e irmãs oprimidos. Obrigada por ser esse modelo, por ter dado a luz do tema desse trabalho, por confiar e acreditar em mim, enfim, por ser a pessoa que é.

AGRADECIMENTOS

- Começo a compreender, disse o príncipezinho. Existe uma flor... Eu creio que ela me cativou. Foi o tempo que eu perdi com a minha rosa que a fez tão importante. Eu fiz dela um amigo. Ela é agora única no mundo. (Saint-Exupéry. *O Pequeno Príncipe*. Rio de Janeiro: Agir, 1967).

À meus pais Hilda e David, que me ensinaram que, mesmo no amor, existem contradições. Obrigada por serem, exatamente, como são. À Maria, que sempre me acolheu como uma terceira filha. Obrigada pelo carinho.

Ao Mestre Pedrinho Guareschi, por ter ensinado seu dom de escrever. Não posso dizer que aprendi “a coerência e o fio condutor”, ensinados com tanta ênfase e por tantos anos repetidos, mas sei que estou no caminho. Obrigada por me querer sempre por perto, por reclamar minhas ausências, por me ensinar que, no fim de tudo, o que importa é a gente se querer bem.

Às amigas-irmãs que insistem em lembrar que nunca estarei só: Mariane e Gisele, por me fazerem sentir bem; Daniela e Cristine pelos passeios, risadas e aquela “amadrinhada” nas horas difíceis; Greice pelas “viagens”, pelos questionamentos que me fazem crescer; Larissa pelo afeto e a falta que sempre me faz sentir; Guacira, por me ensinar que o amor é possível.

Enfim, por serem as minhas rosas, únicas no mundo.

À Tia Lia e Tia Sônia, pela torcida, pelas rezas, pelo cuidado, pelo carinho. Vocês também fazem parte disso. Muito Obrigada.

Ao Mestre Paulo Freire, grande inspirador de toda a luta pelos irmãos oprimidos. Ao Prof. Euclides, por sempre ter um ensinamento diferente, por aceitar me desafiar nesse trabalho, quero aprender muito contigo! À Prof. Berenice, que me acolheu tão carinhosamente

no Serviço Social e incentivou essa nova empreitada dos direitos e políticas sociais. Muito obrigada.

À Zélia e à Denise, por me levarem às queridas beneficiárias. Vocês foram essenciais para a concretização desse trabalho. Muito, muito Obrigada.

Ao Grupo de Pesquisa “Ideologia, Comunicação e Representações Sociais” minha casa desde 2001 e a@s irm@s que encontrei lá: Dudu, Léo, Hamilton, Francine, Giordano, Maiko, Lucas, Vanessa, Michele, entre outr@s. Obrigada pela acolhida, receptividade e carinho. Ao Grupo de Leitura que me recebeu com muito respeito e amizade, muito obrigada.

A@s colegas de mestrado, pela partilha de idéias, pelas tentativas de compreender as diferenças teóricas, mas que acima de tudo se colocaram juntos pelo crescimento mútuo.

Valeu! Sigamos crescendo.

Às participantes dessa pesquisa, que partilharam comigo um pouco de suas vidas e de seus saberes. Sem vocês, esse trabalho não teria o brilho e o recheio que tem. Meu desejo é que, através de suas falas, o mundo acadêmico possa ser um pouco diferente do que é. Muito, muito obrigada pela disponibilidade e pela troca.

À Capes que, através da concessão da bolsa, possibilitou a realização do mestrado e desse trabalho.

RESUMO

Este trabalho visa investigar o Programa Bolsa Família (PBF) como política social pública de acesso aos direitos sociais e pesquisar quais os impactos desse programa na vida de quem o recebe. O PBF é um programa de transferência direta de renda, criado pelo Governo Federal, destinado a famílias pobres. Para a concretização desse estudo vamos, inicialmente, explicitar os conceitos de direitos sociais e políticas sociais, fazendo um resgate histórico do surgimento de cada um deles e exemplificando-os com o caso específico do PBF. Num segundo momento, apresentaremos as representações sociais do PBF para suas beneficiárias, a partir das informações coletadas através de entrevistas semi-dirigidas, realizadas com vinte mulheres favorecidas pelo programa. A importância de entendermos o PBF como política social se volta para o reconhecimento das vantagens e contradições desse programa. Já as representações sociais nos possibilitam evidenciar os conhecimentos do senso comum e compreender os conhecimentos, idéias e significados desse programa na vida de suas beneficiárias.

Palavras-chave: Programa Bolsa Família; Direitos Sociais; Políticas Sociais; Representações Sociais.

Área do Conhecimento: Psicologia Social - 7.07.05.00-3

ABSTRACT

The purpose of the dissertation is to investigate the Family Grant Program (FGP) (Programa Bolsa Família) as a public social policy designed to have access to social rights and to find out which are the impacts of this Program in the life of the women who receive it. The FGP is a program of direct transference of income, created by the Federal Government and oriented toward poor families. In this study we start defining the concepts of social rights and social policies, through an historical analysis of their institution and applying the concepts to the FGP. As a second step, the social representations of the FGP for the women who receive it are discussed. These social representations are collected through semi-directed interviews with twenty women of the Program. The importance of understanding the FGP as a social policy has to do with the recognition of the advantages brought to the women in one hand, and the revelation of its contradiction, on the other hand. The study of the social representations helps to make clear the common sense knowledge of the women and to understand the ideas, values and meanings of the Program in their lives.

Key Words: Family Grant Program; Social Rights; Social Policies; Social Representations.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	11
Temática e Justificativa da Dissertação	14
Metodologia de Pesquisa.....	16
O caminho de nosso trabalho.....	19
Referências	20
1. PROGRAMA BOLSA FAMÍLIA: UMA POLÍTICA SOCIAL DE ACESSO AOS DIREITOS SOCIAIS.....	22
Introdução	22
Capitalismo, Liberalismo e Neoliberalismo: Contextualizando o surgimento dos Direitos e das Políticas Sociais	23
Direitos e Políticas Sociais.....	29
<i>Direitos Sociais.....</i>	<i>29</i>
<i>Surgimento dos Direitos Sociais.....</i>	<i>29</i>
<i>Direitos Sociais no Brasil.....</i>	<i>33</i>
<i>Políticas Sociais.....</i>	<i>43</i>
<i>Surgimentos das Políticas Sociais</i>	<i>43</i>
<i>Políticas Sociais no Brasil.....</i>	<i>49</i>
<i>Discernindo e especificando “direitos” e “políticas” sociais.....</i>	<i>55</i>
PBF: Uma política social de acesso aos direitos sociais	60
Considerações Finais.....	63
Referências	64
2. “NÓS TEMOS O MUNDO COM ESSE BOLSA”: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO PROGRAMA BOLSA FAMÍLIA	66
Início: Onde está nossa renda?	66
Encontrando uma parte do tesouro: Programa Bolsa Família (PBF)	68
Entendendo o significado e sua força: Representações Sociais e Ideologia.....	71
Como encontrar essas realidades?.....	75
Cara-a-cara com a realidade: resultados e discussão	76

<i>Conhecimentos: “Eu sei um pouquinho e é muito bom”</i>	76
<i>Sentidos, Significados e Representações: “Nós temos o mundo com esse Bolsa”</i>	79
<i>Postura Crítica: “Cada cabeça uma sentença, então, eu sou desse pensamento”</i>	83
Considerações sem final	89
Referências	90
CONSIDERAÇÕES FINAIS	92
Referências	93
ANEXOS	94
ANEXO 1 – CARTA DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DA PUCRS	95
ANEXO 2 – CARTA DO ORIENTADOR AO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DA PUCRS	97
ANEXO 3 – CARTA RESPOSTA DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DA PUCRS AO ORIENTADOR	100
ANEXO 4 – CARTA DE APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DA PUCRS	101
ANEXO 6 – MODELO DE DISSERTAÇÕES E TESES DO PROGRAMA DE PÓS – GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA	102
ANEXO 7 - ENTREVISTAS	1014

Primeiras Palavras...

Aos esfarrapados do mundo

E aos que neles se descobrem e, assim

Descobrimo-se, com eles sofrem,

Mas, sobretudo,

Com eles lutam.

Paulo Freire

(Pedagogia do Oprimido.[1987]. 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra)

APRESENTAÇÃO

“Não há saber mais, ou saber menos: há saberes diferentes”

(Freire apud Guareschi, 2004).

As motivações para a realização deste trabalho surgiram muito antes de começar o mestrado. Entrei na academia em 2001 acreditando que, com a graduação, seria “dona do saber”. Pensava que, ao aprender as teorias psicológicas sobre os seres humanos, entenderia todas as coisas que precisava saber para ser uma grande “intelectual”. Para minha sorte, um mês depois de começadas as aulas na graduação, o Professor Pedrinho convidou-me para entrar no Grupo de Pesquisa: “Ideologia, Comunicação e Representações Sociais”. Inicialmente, como todo auxiliar de pesquisa, minhas tarefas circulavam entre: catalogar livros, tirar xerox de capítulos e tentar entender algumas daquelas teorias que eram discutidas nos seminários do Grupo, que, obviamente, eu não podia entender, mas sabia que, em algum momento, eu entenderia e seria “mais intelectual ainda”.

Certo dia, o Professor Pedrinho me deu uma tarefa diferente da que eu costumava fazer. Estávamos no momento de categorização da pesquisa: “Comunidade, Mídia e Memória Social”. Minha nova e transformadora tarefa era trabalhar com a categoria religião, ou seja, eu precisava ler todas as entrevistas realizadas na pesquisa e subtrair delas o que eu imaginava que tinha a ver com religião.

Ao ler aquelas entrevistas, onde os participantes, moradores de comunidades periféricas de Porto Alegre, falavam em lutar por recursos para sua comunidade, fundar uma associação de moradores, ir até a prefeitura falar das precariedades do local onde moravam, comecei a sentir um misto de indignação e surpresa e pensava: essas experiências, esses conhecimentos e práticas eu não aprenderei na academia, então jamais poderei “saber tudo”. Também, não posso dizer que essas vivências, esses saberes da vida concreta, são de menor

importância que os que eu vou aprender na graduação. E comecei a me perguntar: será que as demais pessoas que estão aqui na academia poderão saber que essas pessoas, que vivem nas vilas, favelas, sabem tanto quanto nós, que estudamos as teorias? Será que meus colegas percebem que os saberes da vida são tão importantes quanto os saberes da academia? E foi nesse dia que decidi, que enquanto eu estivesse na academia, iria me interessar pelo conhecimento do povo.

Essa é a maior motivação para a realização desta dissertação: levar aos colegas de profissão e a tantos outros, que existem saberes diferentes dos nossos. Nem melhores, nem piores, mas diferentes. Jovchelovitch (2006, p. 229), nos mostra que “a comunicação de saberes não é apenas possível, mas é também necessária ao desenvolvimento da vida humana”. O diálogo entre os diferentes saberes implica que possamos nos desprender de nossas perspectivas e reconhecer que as pessoas que colocam seus diferentes saberes são capazes e preparadas para reconhecer, mutuamente, o modo de saber de cada um como diferente e legítimo.

Em geral, a academia e a cientificidade tentam desvalorizar a legitimidade de um modo de saber diferente, o saber popular, por exemplo, porque são incapazes de se descentrar das perspectivas em que estão colocados. Em vez de reconhecer a legitimidade da diversidade, acreditam que o conhecimento científico é o único que merece reconhecimento. Isto se assemelha a processos de dominação em que há a negação da diversidade do conhecimento e do reconhecimento de que diferentes formas de saber são legítimas, isto é, “existem como constructos que necessitam ser reconhecidos pelo que são e compreendidos como legítimos na diferença que expressam” (Jovchelovitch, 2006, p. 230).

A temática escolhida para evidenciar os saberes populares foi a das representações sociais do Programa Bolsa Família (PBF), criado pelo Governo Federal em 2003 e destinado às famílias pobres. Com esse tema, quisemos mostrar, além dos impactos do programa na vida

dessas famílias, também, quais os conhecimentos, representações e significados que ele possui na visão das pessoas que o recebem e quais as experiências que puderam vivenciar a partir de seu recebimento.

Como todo trabalho que, geralmente, não acontece somente com o que o pesquisador planeja, descobri outros rumos que poderiam me auxiliar na compreensão do PBF como política social pública. Para isso, tive que mergulhar em outro terreno: o do serviço social. Ao realizar a disciplina de “Políticas Sociais: Conceitos e Configurações”, com a professora Berenice Rojas Couto, percebi que havia outra forma de abordar o PBF, além de estudar as representações sociais. Esse novo entendimento possibilitou-me conhecer as vantagens e contradições do PBF, em nível de formulação, gerenciamento e aplicação do programa. Penso ter podido esclarecer, no primeiro capítulo, algumas questões que me perturbaram por um longo tempo, no entendimento de direitos e políticas sociais e seu funcionamento.

Esta apresentação está escrita em primeira pessoa, mas não quer dizer que tenha sido feita somente *por esta pessoa* que lhes escreve. Além das citadas, existem outras que, em relação comigo, trocando seus conhecimentos comigo, formam o meu ser e esta dissertação. Então, esse trabalho foi escrito por muitos conhecimentos, para que outros pudessem se encontrar com este. Nas palavras de Freire (1996, p.29):

Não há *conhecimento* sem pesquisa e pesquisa sem *conhecimento*. Esses que-fazerem se encontram um no corpo do outro. Enquanto *conheço* continuo buscando, reprocurando. *Conheço* porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo *conheço* e me *conheço*. Pesquiso para conhecer o que ainda não *conheço* e comunicar ou anunciar a novidade (grifo meu).

Conheceremos agora, de forma mais aprofundada, a temática e justificativa de nossa pesquisa. Elas nos auxiliarão na compreensão do objeto de nosso trabalho.

Temática e Justificativa da Dissertação

A formação social brasileira tem apresentado, ao longo da história, a problemática da desigualdade social. Numa formação social capitalista, como é o caso do Brasil, as relações sociais de produção são de dominação (posse dos meios de produção por alguns poucos) e de exploração (apropriação de parte do trabalho por quem detém os meios de produção) (Guareschi, 2002).

Essa disparidade existe até hoje, pois conforme o trabalho de Barros, Henriques e Mendonça (2000, p.132): “O Brasil é o país com maior grau de desigualdade, com a renda média dos 10% mais ricos representando 28 vezes a renda média dos 40% mais pobres”. Ou seja, o setor mais rico da população recebe uma renda cerca de 30 vezes superior à dos 40% mais pobres e a razão entre a renda média dos 20% mais ricos e a renda média dos 20% mais pobres alcança o valor de 35 vezes.

Para amenizar essa situação, o Governo Federal, na gestão 2002 – 2006 criou a política social chamada Programa Bolsa Família (PBF), que consiste na transferência direta de renda a famílias carentes. O intuito do Governo Federal, na criação deste programa, é, principalmente, combater a pobreza, fruto da desigualdade social. O PBF também dá a possibilidade de emancipação às famílias, em longo prazo, por disporem desse recurso básico, necessário a um início de busca por autonomia. Este programa é gerido pelo Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS) e procura unificar as ações públicas nas áreas de assistência social, segurança alimentar e nutricional, saúde, educação infantil e transferência de renda (Weissheimer, 2006).

Para que as famílias possam adquirir o benefício concedido pelo PBF é necessário que elas participem do processo educacional de seus filhos, colocando-os na escola, e dos programas de saúde do Governo Federal. Conforme o decreto 5.209 de 17 de setembro de 2004 (MDS, 2004b), a frequência à escola e a promoção de saúde são aspectos que objetivam

a melhoria das condições de vida na perspectiva de inclusão social. Segundo o MDS (2004a), tais exigências dão acesso a direitos que: “aumentam a autonomia das famílias na perspectiva de inclusão social e também ampliam as condições para o aumento nas oportunidades de geração de renda nas famílias”.

A proposta de determinadas exigências (*condicionalidades*) pretende caracterizar o PBF como um programa de assistência social. Essa é a principal inovação trazida pelo programa, que, além de conceder um benefício financeiro às famílias pobres, possibilita o acesso a direitos sociais básicos, assegurados na Constituição Brasileira. Essa política social pública foi instituída pelo Governo Federal na primeira gestão do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva de 2003-2007, pela lei 10.836 de 09 de janeiro de 2004 (Weissheimer, 2006).

Neste contexto, o presente estudo se propõe a investigar duas dimensões do PBF: 1. Seu contexto no âmbito dos direitos e políticas sociais; 2. As representações sociais das famílias beneficiadas pelo PBF sobre tal programa. Para dar conta dessas problemáticas, serão utilizados os referenciais teóricos do serviço social, para explicitar os direitos e políticas sociais, e o das representações sociais, para apreender os conhecimentos e significados do PBF pelas participantes.

O primeiro enfoque teórico que damos é o dos direitos e políticas sociais. Os direitos sociais são premissas presentes na Constituição que assinalam quais são os direitos dos cidadãos em sua coletividade. Esses direitos garantem assistência aos trabalhadores e aos que estão fora da linha de produção. Os direitos sociais, assim como os outros direitos, estão escritos de forma abstrata na Constituição, necessitando serem implementados através das políticas sociais. Os governantes eleitos criam políticas sociais públicas para dar acesso à população aos direitos sociais. Assim, o PBF se constitui numa política social pública, de acesso ao direito à renda, àquelas pessoas impossibilitadas de trabalhar por condição de

doença e às que estão sem emprego, consequência da desigualdade social, provocada pelo capitalismo.

A importância de estudar o PBF no âmbito dos direitos e políticas sociais se coloca no esclarecimento de como funcionam os direitos e políticas sociais e, ao exemplificarmos com o caso do PBF, temos a possibilidade de reconhecer as vantagens e contradições desse programa.

Como segundo enfoque, trazemos a teoria das representações sociais. As representações sociais permitem dar sentido a uma determinada forma de conhecer e pensar o mundo. Elas também implicam a existência de um modo de vida comum onde as pessoas se relacionam entre si. Ao emergirem do social, as representações formam um conjunto de idéias partilhadas que produzem o que é real para as pessoas que vivem em comunidade. As representações também valorizam os saberes de pessoas do povo, por entenderem que estas também possuem uma determinada forma de conhecimento (Jovchelovitch, 2006).

Ao observar as representações sociais do PBF podemos captar os conhecimentos, significados e sentidos desse programa na vida de suas beneficiárias. Evidenciar os conhecimentos das pessoas favorecidas pelo PBF nos mostrará uma nova forma de saber, diferente da científica, além dos efeitos do PBF, como política social, para seus destinatários.

Metodologia de Pesquisa

Pelo fato de pretendermos compreender as representações sociais do PBF, pelas suas beneficiárias, suas opiniões e pontos de vista, julgamos acertado escolher a pesquisa qualitativa, pois ela se propõe a entender os sentidos e a dimensão simbólica construída pelas pessoas, difícil de quantificar. Além disso, através da entrevista qualitativa podemos perceber a realidade construída pelos sujeitos de pesquisa em sua vida cotidiana e relação com o mundo social. Nos dizeres de Bauer e Gaskell (2005, p.65): “É uma compreensão detalhada das crenças, atitudes, valores e motivações, em relação ao comportamento das pessoas em

contextos sociais específicos”. A finalidade da pesquisa qualitativa é investigar a variedade de opiniões e representações sobre um determinado assunto.

Estas questões vêm ao encontro com a proposta teórica de análise das representações sociais que, além da teoria, se propõe a realizar uma observação empírica do cotidiano.

Assim, foram realizadas entrevistas individuais, semi-estruturadas, com 20 mulheres, representantes de famílias beneficiadas pelo PBF, na cidade de Porto Alegre em duas comunidades periféricas de Porto Alegre: Morro da Cruz e Vila Joana d’Arc. Nossa opção por participantes do sexo feminino está de acordo com as diretrizes do PBF, que diz que as mulheres têm melhores capacidades de administrar os custos dentro da família e, por isso, cabe a elas o que resgate do benefício.

A partir do encontro com as beneficiárias, utilizamos a técnica de amostragem por bola de neve (D’Ancona, 1996), na qual uma participante indica a outra, que indica outra e assim sucessivamente. Como tínhamos um contato em cada uma das comunidades, houve a primeira indicação e assim, consecutivamente, as demais indicações. Essa técnica é sugerida em pesquisas com pessoas que, geralmente, convivem em comunidades cujos membros se conhecem entre si, através da vizinhança e da convivência diária.

Na tentativa de apontar as representações sociais surgidas nas entrevistas, foi escolhida a Análise de Conteúdo, como sendo a melhor forma de análise para este estudo, no sentido em que possibilita descrever e interpretar conteúdos provindos das entrevistas (Moraes, 1999). A Análise de Conteúdo permite uma compreensão mais profunda dos significados contidos nos dados coletados, num nível além da leitura comum, tocando na subjetividade do sujeito em questão e abrangendo o conhecimento de aspectos e fenômenos sociais não conhecidos anteriormente.

Este tipo de análise propõe alguns passos para o tratamento dos dados (Bardin, 2004):

1. Transcrição das entrevistas com o intuito de transformá-las em texto;

2. Preparação: As informações obtidas através do texto, construído a partir da transcrição das entrevistas, serão submetidas a um processo de preparação, que se inicia com a leitura de todos os dados. Posteriormente, serão decididos quais os dados que melhor nos fornecem as representações sociais, surgidas a partir da fala das participantes.

3. Codificação: Com os dados preparados, inicia-se o processo de *unitarização* que consiste em transformar os dados escolhidos (representações) em unidades de registro (codificação). As unidades de registro são os segmentos do conteúdo, com significados semelhantes, que serão, posteriormente, categorizados. “A escolha das unidades de registro deve responder de maneira pertinente às características do material e aos objetivos da análise” (Bardin, 2004, p. 104). As unidades de registro serão empregadas a nível temático, ou seja, terão como base os temas surgidos referentes às motivações, opiniões, atitudes, valores, crenças – representações sociais - obtidas através das entrevistas. As unidades poderão ser separadas por palavras, frases ou pelos próprios temas.

4. Categorização: É a classificação das unidades de registro. Consiste num agrupamento das representações comuns aos participantes. Pode ser por semelhança ou analogia, baseados em critérios pré-estabelecidos. Nesta pesquisa, os critérios serão de natureza semântica, que é o que dá origem às categorias temáticas. Esta escolha terá como alicerces a definição do problema de pesquisa, os objetivos e elementos usados na análise de conteúdo. Bardin (2004, p. 118), ao explicar o processo de categorização, diz: “Classificar os elementos em categorias, impõe a investigação do que cada um deles tem em comum com outros. O que vai permitir seu agrupamento é a parte comum existente entre eles”. O ato de classificar impõe certa organização aos dados da pesquisa. Também, será realizado um mapeamento das categorias, na tentativa de fazer uma construção articulada das possíveis representações sociais.

5. Interpretação: Pode ser definida como uma procura de compreensão mais profunda dos conteúdos das representações sociais surgidas através das entrevistas realizadas. Ela implica um movimento novo de pensamento, uma construção criativa de possíveis significados. A interpretação transcende à categorização dos dados. Conforme Thompson, (2002, p. 376) “Os dados representam algo, dizem alguma coisa sobre algo. É esse o caráter transcendente que deve ser compreendido pelo processo de interpretação”.

A interpretação também é a possibilidade do entrevistador re-interpretar o recorte do real pré-interpretado pelos participantes da pesquisa. Por isso o processo de interpretação é simultaneamente um processo de re-interpretação. “Uma interpretação é a representação de uma representação em virtude da similaridade de conteúdos” (Sperber, 1989, p.118). A re-interpretação também nos dá margem para compreender e discutir as intenções de um outro que é diferente.

Depois de conhecermos como foram os procedimentos realizados para a produção desta pesquisa, veremos agora, qual a composição desta dissertação.

O caminho de nosso trabalho

Vimos até então, o processo de construção desse trabalho, nossas motivações, objetivos, constructos teóricos e metodologia utilizada para a sua concretização. Após essa apresentação, teremos mais dois capítulos que são os grandes achados dessa pesquisa. O primeiro capítulo, estritamente teórico, intitulado: Programa Bolsa Família (PBF): uma política social de acesso aos direitos sociais, procura diferenciar os conceitos de direitos e políticas sociais e contextualizar o PBF nesses âmbitos, o que nos possibilita compreender suas repercussões na população e suas contradições.

O segundo capítulo empírico, intitulado: “Esse Bolsa é o mundo pra nós”: representações sociais do PBF, nos mostra os conhecimentos, impactos e significados do

programa para suas beneficiárias. Este artigo está recheado de falas de nossas participantes para evidenciar as representações sociais surgidas a partir de suas idéias.

Esperamos que este trabalho possa contribuir para o conhecimento científico, no sentido de poder evidenciar o conhecimento do senso comum e mostrar, a toda comunidade acadêmica e não acadêmica, os impactos do PBF para a população empobrecida no sentido material, mas riquíssima nos “saberes da vida”.

Referências

- Bardin, L. (2004). *Análise de Conteúdo*. (3 ed.). Lisboa: Edições 70.
- Barros, R., Henriques, R., e Mendonça, R. (2000). Desigualdade e pobreza no Brasil: Retrato de uma estabilidade inaceitável. [Versão eletrônica]. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, 42, p.123-142.
- Bauer, M.; Gaskell, G. (2005). *Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som: Um manual prático*. (4 ed.) Petrópolis: Vozes.
- D’Ancona, M. A. (1996). *Metodologia cuantitativa: Estratégias e técnicas de investigación social*. Madrid: Síntesis.
- Freire, P. (2005). *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra.
- Governo Federal. (2003). *Lei 10.836*. Acesso em: Setembro, 2006. Disponível em: http://www.presidencia.gov.br/ccivil_Ato2006/2004/Lei/L10.836.htm.
- Guareschi, P. (2002). *Sociologia crítica: Alternativas de mudança*. (52 ed.) Porto Alegre: Edipucrs.
- Jovchelovitch, S. (2006). *Knowledge in Context: Representations, community and culture*. London: Routledge.
- Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS). (2004a). *Bolsa Família: Perguntas e respostas*. Acesso em: Setembro, 2006. Disponível em: <http://200.152.41.8/bolsafamilia02.asp>.
- Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS). (2004b). *Decreto 5.209 de 17 de setembro de 2004*. Acesso em: Setembro, 2006. Disponível em: http://200.152.41.8/decreto5_209.pdf.

Moraes, R. (1999). Análise de conteúdo. *Educação* (p. 07-32). Ano XXII, 37, Porto Alegre.

Sperber, D. (1989). L'étude anthropologique des représentations. In: Jodelet, D. (org.). *Les représentations sociales*. (p.113-130). Paris: Presses Universitaires de France.

Thompson, J. B. (2002). *Ideologia e cultura moderna: Teoria social dos meios de comunicação de massa*. (6 ed.). Petrópolis: Vozes.

Wessheimer, M. A. (2006). *Bolsa Família: Avanços, limites e possibilidades do programa que está transformando a vida de milhões de famílias no Brasil*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo.

1. PROGRAMA BOLSA FAMÍLIA: UMA POLÍTICA SOCIAL DE ACESSO AOS DIREITOS SOCIAIS

Introdução

O objetivo desse artigo é discutir um referencial teórico, com base em pressupostos da psicologia social crítica e das contribuições trazidas pelas reflexões sobre direitos e políticas sociais, a fim de poder compreender e interpretar o Programa Bolsa Família (PBF). Nosso intuito é, a partir desses referenciais, situar tal Programa, caracterizar sua especificidade e discutir o espaço que ele ocupa dentro das inúmeras outras políticas sociais.

A inovação principal trazida pelo PBF é a transferência de um benefício financeiro que possibilite o acesso a direitos sociais básicos, assegurados na Constituição Brasileira. Isso garante aos cidadãos e cidadãs as condições materiais necessárias e indispensáveis para a sobrevivência, num país repleto de desigualdades. Essa política social pública foi instituída pelo Governo Federal na primeira gestão do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva de 2003-2007, pela lei 10.836 de 09 de janeiro de 2004 (Weissheimer, 2006).

A discussão percorre os seguintes passos: iniciamos caracterizando como funciona nosso modo de produção, baseado no modelo liberal capitalista que, em última instância, é o responsável pelo surgimento dos direitos e políticas sociais. Os princípios do liberalismo e neoliberalismo moldaram e concretizaram, ao longo da história, o tipo de políticas sociais que temos hoje.

Num segundo passo, procuramos esclarecer e diferenciar os conceitos de direitos sociais e políticas sociais, resgatando alguns traços de sua criação e de como eles se configuram atualmente, no mundo e no Brasil.

Finalmente, num terceiro passo, propomos uma discussão sobre o PBF no âmbito dos direitos e políticas sociais, com o fim de entender e exemplificar como se concretizou essa

política social governamental, como são seus mecanismos de implementação e qual sua relação com os direitos sociais.

As políticas e os direitos sociais se fizeram necessários a partir da constatação de que a desigualdade social, gerada pela falta, ou exploração do trabalho, deixou uma boa parcela da população em situação de carência. Esse mecanismo de exploração da mão-de-obra e criação de um exército industrial de reserva é o que caracteriza o modelo econômico capitalista que tem como objetivo maior a busca de lucro. Iremos ampliar esse contexto a partir de agora.

Capitalismo, Liberalismo e Neoliberalismo: Contextualizando o surgimento dos Direitos e das Políticas Sociais

Neste momento, vamos percorrer o contexto que deu acesso ao surgimento dos direitos e políticas sociais, através do entendimento das idéias e políticas econômicas colocadas na sociedade, nos diferentes períodos históricos. É importante ressaltar que os momentos históricos, descritos a seguir, estão colocados de forma simplificada, devido à abrangência do tema. Todavia, esse pequeno esclarecimento facilita o posterior entendimento de como se desenvolveram as políticas e os direitos sociais.

Na sociedade feudal, o servo era vinculado ao senhor por relações de submissão e proteção. O servo estava totalmente submetido ao senhor. No modo de produção capitalista, ocorre uma ruptura entre a posse dos meios de produção e o trabalhador. Os meios de produção passam a ser de propriedade do dono do capital. Assim, o homem pode oferecer sua força de trabalho, sem estar ligado ao senhor, mas não é dono da propriedade. Como depende do trabalho para seu sustento, o trabalhador oferece sua mão-de-obra a qualquer preço. O proprietário do capital, para obter lucro, estabelece com o trabalhador, uma relação de exploração do trabalho (Faleiros, 1980).

O capitalismo divide as pessoas em dois grupos: de um lado, os que detêm os meios de produção e, de outro, os que trabalham. Os trabalhadores não trabalham no que é seu e não

recebem, em geral, a quantia justa pelo seu trabalho. A esse mecanismo costumamos chamar de relação de *exploração* (Guareschi, 2002).

Stotz (2005) nos mostra como funciona o mecanismo de exploração no modo de produção capitalista:

O sistema capitalista funciona acumulando trabalho, ou a mais-valia. (...) Dessa forma, o trabalhador produz cada vez mais em tempo menor, ou mais intensamente, no mesmo tempo. A maior produtividade por trabalhador leva à demissão de parte da força de trabalho empregada, pois um número menor produz mais e, com isso, os capitalistas podem ao mesmo tempo obter mais valor adicional e gastar menos com o pagamento de salário, tudo resultando no aumento da taxa de lucro final (p. 60).

Como observamos, a exploração de alguns trabalhadores provoca o desemprego de outros trabalhadores. O fato de existirem pessoas desempregadas mantém o sistema capitalista intacto, pois o proprietário dos bens não tem preocupação com os seus empregados, enquanto outras pessoas concorrerem por aquele emprego. Quanto maior for a disputa pelo trabalho, maior será a insegurança dos que estão empregados. O capitalista tem garantido o seu lucro com o número de trabalhadores que desejar, sem que estes possam reivindicar por melhores condições de trabalho.

Podemos concluir, então, que o modo de produção capitalista ao mesmo tempo em que gera a riqueza, também produz a pobreza. Para que o capitalismo funcione é preciso que se exclua grande parte da população: em sua lógica de funcionamento é imprescindível a existência da pobreza. O acúmulo da riqueza nas mãos de poucos gera a pobreza do restante. O capitalismo torna a força de trabalho uma mercadoria. O trabalho humano despendido na produção de um bem não é valorizado e sim a quantidade ou tempo de trabalho na realização de determinado produto. Aqui fica clara a relação de exploração estabelecida pelo capitalismo

em função da acumulação de capital e desvalorização da mão-de-obra humana (Behring e Boschetti, 2008).

Junto ao capitalismo, surgiram as idéias liberais com os grandes ideais de liberdade e autonomia. Contudo, só possuíam esses requisitos os proprietários dos meios de produção. Era considerado livre, somente quem detinha a propriedade privada e poderia comprar dos não proprietários a força de trabalho. Essa lógica dá continuidade à exploração do trabalho que configura o sistema capitalista.

O liberalismo surgiu na Inglaterra na luta da Revolução Gloriosa que tinha como metas a tolerância religiosa e o governo constitucional. Procuravam limitar o poder do rei e da Igreja Católica. Na França, com a Revolução Francesa, nasceram novos ares para as idéias liberais, onde a Liberdade, Fraternidade e Igualdade se configuravam num norte para a vida dos cidadãos em qualquer país. A revolução Gloriosa na Inglaterra foi considerada a vitória do povo inglês pois as idéias liberais acabaram sendo difundidas no país inteiro. Já a vitória da Revolução Francesa foi considerada uma conquista para toda humanidade, pois foi a partir dela que surgiu a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, a qual abrangia todos os homens em qualquer país (Couto, 2008). Essa declaração será melhor explicada no item direitos sociais.

Alguns elementos essenciais do liberalismo possibilitam compreender as razões pelas quais, a não intervenção do Estado era útil ao liberalismo (Behring e Boschetti, 2008). São eles:

- 1) Individualismo, onde o indivíduo e não a coletividade, é considerado sujeito de direito.
- 2) O bem-estar individual que maximiza o bem-estar coletivo.
- 3) Liberdade e Competitividade, que no pensamento liberal, dão autonomia ao indivíduo para decidir o que é melhor para si.

4) A naturalização da miséria, que é percebida como algo natural e sem solução, pois é decorrente da imperfeição humana, ou seja, a miséria é considerada mais uma questão da moral humana do que um acesso desigual à riqueza socialmente produzida.

5) Manutenção de um Estado mínimo, que deve assumir um papel neutro e agir em favor e complemento dos interesses de mercado. Sua intervenção deve restringir-se a regular as relações sociais que primam pela liberdade individual, a propriedade privada e assegurar o livre mercado.

O principal sustentáculo do liberalismo era o princípio do trabalho como mercadoria e sua regulação pelo livre mercado. Havia uma ideologia que pregava que cada indivíduo deveria agir conforme seu próprio interesse econômico. Quando muitos buscassem seus interesses individuais estariam atuando pelo bem coletivo. O funcionamento livre e ilimitado do mercado asseguraria o bem estar de todos (Behring e Boschetti, 2008). Para que o mercado fosse o grande regulador das relações sociais, o Estado deveria estar ausente em sua intervenção. A função do Estado seria somente fornecer a base legal ao mercado e garantir maior liberdade ao mercado livre, o que, na visão dos liberais, poderia aumentar os “benefícios aos homens” (Behring e Boschetti, 2008).

As idéias liberais, contudo, começaram a ser questionadas pela classe operária, a partir da Revolução Russa de 1917 que resultou na implementação das idéias socialistas. As idéias socialistas eram entendidas como o programa político das classes trabalhadoras, formadas durante a Revolução Industrial, e tinham como objetivo promover uma transformação do ordenamento político e econômico pelo controle dos meios de produção e da promoção da igualdade social (Couto, 2008; Bobbio, Mateucci e Pasquino, 1998). Com as lutas das classes operárias em favor da conquista de direitos, notou-se um enfraquecimento das idéias liberais, principalmente, no que concerne à não intervenção do Estado e a conquista dos direitos sociais.

As reivindicações dos trabalhadores trouxeram à tona o reconhecimento das precárias condições de trabalho e vida, que a crise do capitalismo de 1929 gerou a partir do pânico da Bolsa de Nova York. Conhecida como Grande Depressão, essa crise reduziu o comércio internacional a um terço do que existia antes. Esses fatos instauraram a desconfiança de que os pressupostos do liberalismo econômico poderiam estar equivocados. Após a crise econômica, as idéias do economista Keynes começaram a ser propagadas e fomentaram uma mínima intervenção do Estado na superação da crise e na criação de políticas sociais que dessem conta da enorme desigualdade. Concomitante às idéias keynesianas surgiu o Estado de Bem-Estar ou *Welfare State* que implementou uma política assistencial, de acesso gratuito a certos serviços, à população comprovadamente pobre. Voltaremos a isso ao tratar das políticas sociais.

Com o surgimento das dificuldades em sustentar o keynesianismo e o *Welfare State* abriu-se o campo para a implementação das idéias neoliberais. Essas orientações foram elaboradas no consenso de Washington, onde se reuniram, em 1989, o Fundo Monetário Internacional (FMI), o Banco Mundial, o governo norte americano e políticos latino-americanos de orientação neoliberal, com o objetivo de elaborar um receituário para as economias periféricas. Nesse receituário estavam algumas medidas a serem seguidas pelos países periféricos como: ajuste fiscal, redução do tamanho do Estado, privatizações, abertura comercial, fim das restrições ao capital externo, abertura financeira, desregulamentação, reestruturação do sistema previdenciário, fiscalização dos gastos públicos, etc (Behring e Boschetti, 2008).

O grande pilar do neoliberalismo está na liberdade dos mercados, onde a desregulamentação da economia abriria os mercados para o livre fluxo dos produtos e do capital, contando com o enfraquecimento da atuação do Estado. Os pressupostos do neoliberalismo também circulam pela geração de poupança, combate à inflação com

estabilidade monetária a qualquer preço e pagamento da dívida externa – no caso dos países de terceiro mundo que estivessem endividados.

O resultado das “soluções” neoliberais para as economias periféricas foi um agravamento da crise social, com altas taxas de desemprego, sendo que a poupança não promoveu o crescimento econômico esperado, a lucratividade transformou-se em capital volátil e o grande avanço tecnológico gerou mais pessoas sem trabalho. Conforme Couto, (2008, p. 72):

O paradigma teórico neoliberal assentou-se em três propostas fundamentais, sendo a primeira a de reversão acelerada das nacionalizações do pós-guerra; a segunda, na crescente tendência desregulamentação das atividades econômicas e sociais pelo Estado e a terceira, na tendência de transformar os poderes universais da proteção social pela particularização dos benefícios sociais.

A intervenção do Estado, na ótica neoliberal, se restringe a fornecer as condições efetivas para o pleno funcionamento do mercado. Ninguém deveria intervir no desejo de progresso que é imanente da relação com o mercado. As necessidades geradas na população pela economia neoliberal deverão ser supridas pela benevolência da sociedade. Esse paradigma, presente a nível mundial e também ajustado no contexto brasileiro, permanece atuante na regulação da economia, associado ao capitalismo, até os dias atuais.

A discussão sobre a implementação do capitalismo, sustentado pelo liberalismo, a criação do Estado de Bem Estar Social até a chegada do neoliberalismo, pode nos auxiliar no entendimento da criação e surgimento dos direitos e políticas sociais. Os contextos elucidados até aqui são, freqüentemente, associados aos acontecimentos ligados à conquista de direitos e políticas sociais.

Direitos e Políticas Sociais

Este segundo bloco nos remete à discussão dos Direitos e Políticas Sociais. Os Direitos Sociais e as Políticas Sociais são tratados em itens separados, inicialmente, onde explicitaremos a história de sua criação, a nível mundial, e sua configuração na sociedade brasileira. No fechamento do bloco, fazemos um esclarecimento conceitual dos Direitos e Políticas Sociais e de como essas duas formas diferenciadas de leis se relacionam.

Direitos Sociais

Nesse item, iniciamos com a discussão do surgimento dos direitos sociais nas sociedades ocidentais, principalmente a partir da Revolução Francesa. Após vermos como eles se manifestam na formação social brasileira.

Surgimento dos Direitos Sociais

Os direitos sociais, associados aos direitos civis e políticos, começaram a ser defendidos a partir dos séc XVII e XVIII. Nessa época, as classes burguesas lutavam contra o poder absolutista dos reis e do Estado e pretendiam, através dos direitos civis, restringir tanto o poder monárquico como o Estatal. Essa foi uma das primeiras tentativas de possibilitar a ligação entre a sociedade e Estado e o princípio da construção de um Estado social, onde há o reconhecimento de que o homem é portador de direitos (Couto, 2008).

A garantia legal da elaboração dos direitos surgiu a partir da *Déclaration des droits de l'homme et du citoyen* (Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão), votada pela Assembléia Nacional francesa em 1789, durante a Revolução Francesa, na qual se proclamava a liberdade, a igualdade de direitos e a reivindicação de direitos “naturais e imprescindíveis” (Bobbio, Mateucci e Pasquino, 1998). Esta constituição estava baseada na doutrina do jusnaturalismo e do contratualismo, onde “os homens têm direitos naturais anteriores à

formação da sociedade, direitos que o Estado deve reconhecer e garantir como direitos do cidadão” (Bobbio, Mateucci e Pasquino, 1998, p.353). Outras constituições como a americana, também se basearam nessas doutrinas. A declaração dos Direitos Humanos e Cidadania representou uma grande conquista dos cidadãos sobre o poder.

Os direitos foram classificados, primeiramente, em civis e políticos e, mais tarde, sociais. Os direitos civis, conquistados no séc. XVII, são aqueles que primam pela liberdade individual do ser humano, como a liberdade de pensamento, de escolher a própria religião, etc. Neste tipo de direito, o Estado não deve intervir, pois eles dizem respeito à escolha singular do cidadão. Os direitos políticos, referentes à liberdade de associação nos partidos e aos direitos eleitorais, implicam uma intervenção estatal, onde este tem papel representativo exigindo a participação dos cidadãos na determinação dos objetivos políticos do Estado. Os direitos políticos foram conquistados no séc XIX e junto aos direitos civis formam os direitos de 1ª geração. Já os direitos sociais, considerados de 2ª geração, foram conquistados na sociedade contemporânea, no século XX e se configuram como direito ao trabalho, à assistência, ao estudo, à tutela da saúde e assistência à miséria e nasceram a partir das exigências dos trabalhadores da sociedade industrial. Esses direitos exigem a ação ativa do Estado para “garantir aos cidadãos uma situação de certeza” (Bobbio, 1992 p. 354).

Como vimos, os direitos sociais com participação efetiva do Estado, foram criados tardiamente, após os direitos civis e políticos. Ocorreu que, nos séculos XVII e XVIII, momento em que houve o reconhecimento de que o homem era portador de direitos, os ideais que imperavam na sociedade eram os liberais. Assim, os homens deveriam exercer os direitos, individualmente, contra o poder do Estado. Na ótica liberal, os direitos sociais tinham um caráter privado e individualista, sendo que, os verdadeiros portadores de direitos eram os que tinham em poder uma propriedade privada e assim possuíam os requisitos para adquirir liberdade e autonomia. Muitas pessoas sem propriedades, ficaram desassistidas pelos direitos,

sendo coagidas a vender, aos que eram proprietários, a sua força de trabalho. Nessas circunstâncias, estava aberto o campo para a consolidação do capitalismo (Couto, 2008).

Mas, o capitalismo foi questionado pela Revolução Russa em 1917, fazendo com que os princípios que primavam pela centralidade do individualismo e não intervenção do Estado, fossem reformuladas em 1930, pelas idéias de Keynes. Percebeu-se a necessidade de uma maior intervenção do Estado na economia com o objetivo de enfrentar a grande crise do capitalismo, que deixou muitas pessoas sem trabalho e renda. A intervenção do Estado consistiria então na possibilidade de gerar renda na sociedade, distribuindo-a no sentido de criação de programas sociais. É importante deixar claro que Keynes preservou a liberdade individual, pregada pelo liberalismo, onde a intervenção do Estado se dá na lógica dos direitos perante a comunidade e o Estado (Couto, 2008).

Durante os séculos XVIII, XIX e XX, houve diversas lutas para universalizar os direitos civis, políticos e a diminuição da desigualdade como meta dos direitos sociais. Os direitos sociais primeiramente, serviram para atender aos trabalhadores e só posteriormente, assumiram um caráter redistributivo aos mais necessitados, com a intervenção do Estado.

Os direitos sociais foram criados na tentativa de restaurar a igualdade, destituída pela estrutura capitalista, resultante das desigualdades sociais entre as classes sociais (Guareschi, 2002). Tais direitos estão baseados na prestação de serviços, ou de crédito, por parte do Estado, órgão responsável pela execução dos direitos. O Estado tem o dever de fornecer condições econômicas e criar políticas que assegurem o cidadão o acesso à educação, trabalho, cultura, moradia, seguridade social etc. Os direitos são de natureza coletiva, mas cada cidadão individualmente tem direito a acessar, dentro dos direitos, o que necessita (Couto, 2008).

Podemos concluir que a criação dos direitos sociais partiu das necessidades da população operária, fruto das relações de trabalho criadas na sociedade capitalista, que

resultou na exploração dos trabalhadores e no empobrecimento de uma parcela da população que necessitou ser assistida por esses direitos (Bobbio, 1992). Eles são resultado de lutas feitas pela sociedade com o Estado através de pactos sociais, traduzidos em cartas de intenções, acordos políticos ou leis com o objetivo de ter os direitos assegurados a toda a população (Couto, 2008).

Não há como desvincular os direitos sociais dos movimentos e reclames populares. Através dessas manifestações, o Estado toma para si a responsabilidade de executar ações em favor dessas reivindicações ao longo da história. Porém, nem todas as exigências são atendidas; depende da vontade do grupo dirigente considerar o que é importante ou não para aquele determinado momento histórico. Assim, há a tentativa de intermediar os interesses dos governantes com os dos cidadãos. Nos dizeres de Vieira (2004, p. 144): “Adotar bandeiras pertencentes à classe operária, mesmo quando isso configure melhoria nas condições humanas, patenteia também a necessidade de manter a dominação política”, ou seja, as pessoas que elaboram os direitos, ainda que respondam às necessidades da população, terão em troca certa estabilidade na conservação de seu lugar no poder.

Assim, o Estado normatiza esses direitos através de um documento formal que é a Constituição. Bobbio (1992) nos mostra que, não necessariamente, o fato de os direitos existirem no papel significa que serão de fato, assegurados na prática. Mesmo estando escritos, ainda representam ideais a serem alcançados pela população. A partir disso, comenta:

A linguagem dos direitos tem uma função prática, que é emprestar uma força particular às reivindicações dos movimentos que demandam para si e para os outros a satisfação de novos carecimentos materiais e morais; mas ela se torna enganadora se obscurecer ou ocultar a diferença entre o direito reivindicado e o direito reconhecido e protegido. (...) Os direitos sociais são aqueles que a esmagadora maioria da humanidade não possui de fato (p.10).

Visto os direitos sociais de forma mais geral, veremos agora como os direitos sociais foram constituídos no Brasil. Esses aspectos nos possibilitam compreender, posteriormente, o papel do PBF como política pública de asseguramento de alguns direitos sociais no Brasil.

Direitos Sociais no Brasil

Percorreremos a história do Brasil para observar como os direitos foram abordados nos diferentes períodos pelos quais transcorreu a história brasileira. Desde o princípio, o desenvolvimento dos direitos ficou ao encargo da elite brasileira, que caracterizou a proteção social dos trabalhadores como concessão de favores, ou privilégios. A dependência dos operários ao senhor, ou empregador, ocorreu desde o início da história do Brasil até a consolidação das leis trabalhistas. Começamos do início.

Em 1500, os portugueses colonizaram o Brasil tornando-o dependente da administração de Portugal. A organização social e implementação de direitos no Brasil ficou, a partir dessa época, intimamente ligada ao império lusitano que se expandiu com o sistema produtivo baseado na agricultura, com mão de obra escrava. (Couto, 2008).

Naquela época, os escravos não eram considerados seres humanos e, portanto, não possuíam nenhuma forma de proteção legal que lhes assegurassem alguma condição de trabalho. A assistência às necessidades de moradia, saúde, alimentação dependiam do dono do escravo, o grande proprietário da terra. Pode-se dizer que o Estado estava mais comprometido com o poder privado, assegurando os direitos, sob a forma de leis, somente aos grandes proprietários de terras (Carvalho, 2008).

Como os escravos eram considerados objetos de posse do seu senhor, sem a condição de ser humano, criou-se uma dificuldade de proclamar os direitos civis no Brasil, que deixava os escravos à mercê de quem tinha sua posse. O tráfico de escravos foi interrompido somente em 1850 devido a fortes pressões internacionais, mas a escravidão no Brasil continuou até 1888, quando então foi abolida. Conforme Couto (2008, p.78):

[A abolição da escravatura] não alterou substancialmente as condições de vida da maioria da população brasileira e, portanto, continuaram persistindo, nas relações sociais, os traços nos quais se assentou a relação de trabalho no período escravocrata, o que dificultou sobremaneira a garantia dos direitos civis e políticos.

Nas grandes propriedades, a lei legitimada era a lei dos coronéis, que se nomeavam donos de escravos e dos trabalhadores, que dependiam deles para viver. O que era concedido aos trabalhadores como boas condições de trabalho eram favores, ou benefícios, oferecidos pelos proprietários de terra, de acordo com sua própria vontade. Como os trabalhadores precisavam dos coronéis para manter sua subsistência, necessitavam dessa “ajuda” para sustentar a si e suas famílias. Criaram-se aí as condições objetivas da ideologia do favor e da relação de dependência social, o que os aproximava da relação dos senhores com seus escravos (Couto, 2008).

Como o poder sobre a propriedade era dos senhores, estes criavam um sistema de justiça interno, onde suas decisões se tornavam leis no que dizia respeito à suas propriedades, sendo que, todos os que vivessem nas grandes fazendas deveriam submeter-se a essas leis. A garantia dos direitos civis pelo Estado não existia, pois quem determinava o que era de direito das pessoas que viviam nas fazendas, eram os grandes proprietários de terra. “O poder do governo terminava na porteira das grandes fazendas” (Carvalho, 2008 p.21).

O acesso a informações e a organização de movimentos coletivos eram impedidas nas fazendas porque não era de interesse do governo e dos grandes proprietários que os trabalhadores se organizassem para reivindicar por melhores condições de trabalho. Mesmo assim, algumas idéias européias oriundas da Revolução Industrial eram trazidas por estudantes das famílias enriquecidas que voltavam de sua formação na Europa. Contudo, essas idéias ainda não tinham força, pois os interesses a burguesia estavam voltados à emancipação de Portugal.

Com a independência do Brasil em 1822, foi necessária a criação de uma Constituição. Nessa constituição, mantiveram-se as características do Brasil colônia, como: dependência política do Brasil em relação a Portugal, trabalho escravocrata e relações de poder centralizadas nas mãos dos grandes proprietários. A principal idéia da independência era ter uma dupla monarquia onde a ligação entre os dois países permaneceria com exceção de suas atividades comerciais. A organização e formatação da constituição estavam repletas do que já era conhecido no Brasil em relação a Portugal.

Além da Constituição, após a independência do Brasil, criou-se a necessidade de constituir a eleição da Assembléia Nacional Constituinte que, em 1824, promoveu garantias de liberdade individual, direito de propriedade, o princípio da educação primária gratuita, igualdade de todos perante a lei e a liberdade de pensamento e expressão. Essas garantias remetiam a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão da Revolução Francesa de 1789, mas no caso do Brasil, essas idéias ficaram só no papel. Os direitos existentes na Constituição de 24 eram usufruídos por uma pequena parcela da população. Somente as pessoas com recursos para manter sua subsistência e que podiam participar da vida política do país é que, realmente, possuíam essas garantias. Além disso, a abolição da escravatura, pregada pelas idéias liberais e presente na Constituição, não aconteceu, pois o trabalho escravo foi mantido no Brasil até 1888. Mesmo com a nova constituição, a estrutura política e escravocrata foi mantida.

Como se esperava, os direitos políticos continuavam na sociedade dentro de seus padrões tradicionais. O sustento dos escravos e trabalhadores, ainda estava submetido ao bel-prazer dos grandes proprietários. Isso indica que o atendimento das necessidades sociais da população era uma questão sem importância. Persistia, na sociedade brasileira, a lógica do favor, conforme nos mostra Couto (2008, p.87-88):

O trabalho com os que ficavam à margem dessa realidade era feito pelos religiosos, sem interferência do Estado, criando-se nessa época as condições para a caracterização dessa área como campo da filantropia ou da iniciativa de cunho privado.

Os primeiros a reivindicar os direitos sociais no Brasil foram os imigrantes europeus que vieram ao Brasil no séc. XVIII, abalando o autoritarismo que ia contra os direitos aos trabalhadores. Inicialmente, essas demandas foram sendo supridas através de concessões da elite nacional aos imigrantes. As idéias liberais, que pairavam na Europa, não encontravam espaço na sociedade brasileira por algumas razões: o Brasil continuava essencialmente rural, enquanto a Europa desenvolvia manufaturas e indústrias; a burguesia brasileira era considerada frágil por depender do Estado e das classes rurais, em contraponto a uma forte burguesia encontrada na Europa.

Lentamente, os imigrantes foram trazendo a consciência dos direitos e deveres dos trabalhadores, encontrando dificuldades na aceitação destes pela elite brasileira. A dependência brasileira a Portugal, inicialmente como colônia e após com os acordos estabelecidos com a Inglaterra, retardaram a entrada do sistema capitalista e do trabalho assalariado no país

No período republicano, a Constituição anterior foi reformulada pelos governos que sucederam à Proclamação da República, instituindo a Constituição de 1891. Como a anterior, as leis colocadas nessa nova Constituição também não saíram do papel. Sabendo que a Constituição deveria conter os direitos reconhecidos por lei para serem executados na sociedade através do Estado, o que vimos na sociedade brasileira foi que os direitos estavam escritos na Constituição, mas não eram colocados em prática. Isso mantinha a elite em situação privilegiada e os trabalhadores a serviço da vontade desta elite.

O endurecimento da elite brasileira na busca pelos seus interesses e satisfação das demandas dos trabalhadores pela lógica do favor, gerou uma série de obstáculos para a estruturação dos direitos civis, políticos e sociais no país. A intervenção social no Brasil ficou, inicialmente, marcada com caráter assistencial, não-estatal e tinha como pressupostos a caridade e a solidariedade (Jaccoud; Silva et al 2005).

Contra-pondo-se a esta realidade, muitos movimentos surgiram por parte da população demonstrando uma enorme insatisfação com a realidade brasileira. Dentre eles, poderíamos citar a Revolta de Canudos, em 1893 e do Contestado, em 1912, revoltas de cunho religioso que ficaram marcadas pela construção de comunidades que lutavam contra medidas adotadas pela República, no que diz respeito à Igreja e ao Estado. Em 1902, houve a Revolta da Vacina que protestou contra a invasão do Estado nas casas para forçar as pessoas a tomarem vacina. Esses movimentos, entre outros, primavam pelo que constava na Constituição como livre escolha religiosa, direitos iguais a todos perante a lei e inviolabilidade do lar. Cabe ressaltar que os movimentos populares citados anteriormente, foram aniquilados por forças militares do governo central, demonstrando que a lei que realmente vigorava na prática era a do Estado e da elite, não importando o que constava na Constituição (Carvalho, 2008; Couto, 2008).

Os direitos sociais, presentes na Constituição de 1891, primavam pelo direito do livre exercício de qualquer profissão moral, intelectual e industrial. Mesmo com a escravidão abolida, os trabalhadores ainda viviam com condições inadequadas de vida, onde os direitos sociais eram privilégios de somente uma parcela da população, a qual pertencia a uma classe social mais elevada e possuía sua propriedade privada. A população que não participava dessas condições, não tinha acesso a esses direitos e continuava dependente das concessões da elite formada pelos grandes proprietários (Couto, 2008). A garantia dos direitos somente a uma parcela da população contribuía para a relação de poder de uma classe sobre a outra, para a manutenção do *status quo* através da concessão de favores, demonstrando que a

desigualdade social é um aspecto da sociedade brasileira que percorre toda sua história, até os tempos de hoje. Conforme as palavras de Couto (2008, p.92): “Os traços constitutivos de uma sociedade dependente, com economia baseada no trabalho escravo e com relações sociais delimitadas pelo campo privado, darão a trajetória dos direitos, características persistentes nessa sociedade”. Deste modo, não havia no povo brasileiro um sentimento nacional de pertencimento à nação brasileira até 1930. O povo assistia os acontecimentos políticos, mas não participava deles, pelo contrário, observava com curiosidade e até certa temerosidade (Carvalho, 2008).

Em 1930, o Brasil viveu um momento de instabilidade onde se alternavam ditaduras e regimes democráticos, levando à ocorrência de uma Revolução que indicou uma série de mudanças sociais e políticas. O governo revolucionário criou, nessa época, o Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, além da vasta legislação trabalhista e previdenciária, completada em 1943 com a Consolidação das Leis do Trabalho. O governo revolucionário durou até 1934 quando a assembléia constituinte votou nova Constituição e elegeu Vargas presidente.

Diferentemente de outros países do mundo, os direitos que, primeiramente, foram consolidados no Brasil foram os direitos sociais. Isso se deve a característica populista - onde a principal referência é o povo - e a desenvolvimentista - que propunha aos países subdesenvolvidos, como o Brasil, ter uma elevação nas escalas de riqueza, bem-estar e poder, colocando-os num patamar “desenvolvido”. Esses aspectos marcaram os governos que exerceram o poder no período de 1930 a 1964 e representavam a síntese das heranças construídas no Brasil colônia.

A legislação trabalhista não contou com a participação política e muito menos com a vigência dos direitos civis. Foram criadas leis para os trabalhadores, onde os maiores interessados não puderam intervir. Esse fato coloca em cheque sua definição como conquista

democrática e “compromete, em parte, sua contribuição para o desenvolvimento de uma cidadania ativa” (Carvalho, 2008, p.110)

Na Primeira República, onde predominava o pensamento liberal, vemos uma não intervenção do Estado na área trabalhista, o que limitava a área social. No entanto, a corrente positivista de Comte, primava pela incorporação do proletariado à sociedade por meio de medidas de proteção ao trabalhador e a sua família. Os positivistas influenciaram a legislação trabalhista de 30 e também os governantes da época: Getúlio Vargas e seu primeiro Ministro do Trabalho, Lindolfo Collor. Por esse motivo, o governo de Vargas deu tanta ênfase para as questões sociais.

Entre os anos de 1931 a 1943, muitas leis do trabalho foram criadas. Dentre elas poderíamos destacar a jornada de oito horas no comércio e na indústria, a regulamentação do trabalho feminino, em 1932 foi criada a carteira de trabalho, entre outras. Essas leis foram consolidadas pela Constituição de 1934, onde o governo foi considerado competente para regular as relações de trabalho. Essa Constituição também determinou a criação de um salário mínimo considerado o recurso para o trabalhador sustentar a sua família. O salário mínimo foi adotado em 1940. Em 1943 foram consolidadas as Leis de Trabalho que, conforme Carvalho (2008, p.113) “tiveram um impacto profundo e prolongado nas relações entre patrões, empregados e Estado”.

Mesmo com a amplitude da legislação trabalhista, muitos trabalhadores autônomos e as domésticas da área urbana, além de todos os trabalhadores da área rural ficaram sem a proteção dos direitos constitucionais. Os trabalhadores excluídos não eram sindicalizados e não tinham direito à previdência. Esse dado nos mostra que a assistência aos trabalhadores continuava sendo um privilégio, pois como direito, deveria beneficiar a todos e não somente a parcela dos trabalhadores da qual o governo se interessava em favorecer, provavelmente porque obteria alguma vantagem com isso (Carvalho, 2008).

Na Constituição criada em 1934, grande parte da população continuou sem o acesso aos direitos sociais e políticos, ou seja, os direitos sociais ficaram restritos ao trabalho formal e urbano e os direitos políticos não abrangiam os analfabetos e mendigos que eram proibidos de votar.

O golpe de Estado de 1937 e a implantação do Estado Novo por Vargas, caracterizaram no Brasil um período ditatorial e autoritário que colocou os direitos sociais em primeiro plano, visando o processo de industrialização no país. A classe operária foi considerada uma categoria social marginalizada que precisava ser controlada para não se tornar perigosa na reivindicação por seus direitos. Foi criada uma nova Constituição que permitia a intervenção direta do Estado no exercício dos direitos, os quais poderiam ser plenamente controlados pelo governo.

Especificamente no campo dos direitos sociais, a intervenção do Estado se tornou mais incisiva, principalmente, em relação à organização dos trabalhadores, proibindo-os inclusive de realizar manifestações de greve. O Estado ampliou os benefícios das classes menos favorecidas viabilizando o acesso à educação e ampliação da mão-de-obra para o projeto de industrialização do país. Essas medidas tinham por objetivo também legitimar o governo perante a população pobre. Nessa constituição, manteve-se a regulamentação do salário mínimo, considerado necessário para a subsistência do trabalhador (Couto, 2008).

Em 1942 foi criada a Legião Brasileira de Assistência (LBA) com o intuito de amparar as famílias pobres, o que traria maior legitimidade para o governo Vargas. Inicialmente, a LBA assistiria às famílias dos pracinhas que foram para as guerras e, posteriormente, atenderia à população pobre na área materno infantil. A coordenação da instituição ficou ao encargo da primeira dama, Darcy Vargas e deu continuidade à política do favor e da bondade aos mais necessitados, descartando a possibilidade de que estes também possuíam direitos.

Em 1943 estavam consolidadas as leis trabalhistas com a criação da carteira de trabalho, jornada diária de oito horas, férias remuneradas, salário maternidade, etc cumprindo com a meta de organizar as relações entre capital e trabalho. Para Couto, estas medidas tinham por trás um objetivo maior do que dar assistência aos trabalhadores e pessoas pobres, conforme nos diz:

Todo esse aparato estava voltado para o fornecimento das condições exigidas pelo desenvolvimento do setor industrial, uma política que se desenvolveu com forte apelo junto à população empobrecida e às classes trabalhadoras. (Couto 2008, p.104)

No período de 1930 a 1945 foi quando se constituíram e se destacaram os direitos sociais no Brasil. A maior parte da legislação trabalhista e previdenciária foi criada nessa época. O que veio depois sobre a legislação trabalhista foi aperfeiçoamento e maior abrangência de trabalhadores contemplados pela legislação. A ênfase nos direitos sociais encontrava bastante respaldo perante a população pobre dos centros urbanos. O populismo de Vargas trazia o povo para a política, mas os deixava passivos e dependentes dos benefícios fornecidos pelo governo. A população tinha lealdade ao governo porque não percebia os direitos como parte de sua cidadania e sim como um favor (Carvalho, 2008 p.126).

As políticas trabalhistas implantadas por Vargas também tinham a função de controlar os trabalhadores através das imposições feitas em seu processo de trabalho. Como a área social necessitava de maiores intervenções do Estado, surgiram várias manifestações públicas, estimuladas pela estrutura sindical que foi bastante atuante nesse período (Couto, 2008).

Os direitos sociais referentes à organização dos trabalhadores, com exceção da previdência, voltaram a ser ampliados somente na Constituição de 1988, passada a ditadura militar, onde a constituinte de 1988 aprovou a Constituição Cidadã de cunho liberal democrata. A Constituição e as políticas democráticas, não deram conta do desemprego e da

desigualdade social existente no Brasil desde o início de nossa história. Os problemas na educação, nos serviços de saúde e saneamento também persistiram.

As ampliações na área dos direitos sociais da Constituição de 1988, voltaram-se para a fixação em um salário mínimo o limite inferior para as aposentadorias e pensões, ordenou o pagamento de pensão de um salário mínimo a todos os deficientes físicos e a todos os maiores de 65 anos e introduziu a licença paternidade, que dá ao pai cinco dias de licença do trabalho pelo nascimento de um filho. Outro grande avanço na Constituição de 1988, ainda no campo dos direitos sociais referiu-se à responsabilidade da República Federativa do Brasil sobre a desigualdade, referida nos seguintes itens do artigo 3 da Constituição de 1988:

III – Erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir as desigualdades sociais e regionais;

IV – Promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação (Brasil, 1988, p.5).

Com esses termos, os constituintes demonstram conhecimento das desigualdades sociais e regionais no Brasil e colocam a responsabilidade sobre esses problemas na ação do próprio país. Além desses termos, outros foram criados no sentido de garantir a seguridade social a todos os que dela necessitarem, distribuindo universalmente e equitativamente o financiamento, contando com a participação da comunidade, caracterizando a gestão administrativa como democrática e descentralizada.

A Constituição de 1988 garantiu, com esses objetivos, a assistência social às pessoas necessitadas, tirando essa responsabilidade da esfera individual e colocando-a na esfera social pública. Diferentemente de tempos anteriores, o Estado passa a intervir como condutor do estabelecimento do sistema de seguridade social. Pela primeira vez, um texto constitucional refere o Estado como responsável por intervir frente às necessidades sociais da população, reafirmando que todas as pessoas têm acesso aos direitos como cidadãos. Contudo, a

desigualdade social persistiu no Brasil, por manter o acúmulo de renda nacional nas mãos de poucos, enquanto que a grande massa da população persiste na pobreza e miséria.

Observemos agora, como esse processo, semelhante ao dos Direitos Sociais, ocorreu com as Políticas Sociais.

Políticas Sociais

Intimamente ligadas aos direitos sociais, na busca pela diminuição das desigualdades, encontramos as políticas sociais que representam a tentativa de implementação prática dos direitos sociais na sociedade. Veremos como surgiram as primeiras políticas sociais a nível internacional e após o caso específico do Brasil.

Surgimentos das Políticas Sociais

Não há como definir exatamente o período em que surgiram as políticas sociais. Sabe-se que elas começaram a surgir no momento de ascensão do capitalismo, com a Revolução Industrial, com o crescimento das lutas de classe e o desenvolvimento da intervenção do Estado nas questões sociais (Bhering e Boschetti, 2008). Esses aspectos remontam para o período pós Segunda Guerra Mundial, onde os movimentos sociais e os Estados-Nação começavam a se formar na Europa no fim do séc. XIX.

As primeiras políticas sociais foram desenvolvidas pelo Estado com o intuito de manter a ordem social e punir a vagabundagem e não com o objetivo real de uma política social que é o de garantir assistência à população. Também foram consideradas políticas sociais a caridade privada e as ações filantrópicas com características assistenciais.

A criação de leis com nome de política social, iniciada na Inglaterra, tinham, na verdade, o intuito de punir e reprimir os trabalhadores para manter a soberania do Estado sobre os operários. Essas leis inglesas, que antecederam a Revolução Industrial, tinham alguns aspectos comuns: regular a remuneração do trabalho, impedir o trabalhador de negociar a sua

remuneração, obrigar o pobre a aceitar qualquer trabalho que lhe fosse oferecido, proibir a mendicância dos pobres que poderiam trabalhar, obrigando-os a se submeter aos trabalhos oferecidos a eles (Bhering e Boschetti, 2008). Dentre essas leis poderíamos citar o Estatuto dos Trabalhadores (1349), Estatuto dos Artesãos (1563), Leis dos pobres elisabetanas (1531 a 1601), Lei do Domicílio (1662), *Speenhamland Act* (1795) e a Lei Revisor das Leis dos Pobres, ou Nova Lei dos Pobres (1834). Sobre essas leis, afirmam Behring e Boschetti (2008, p.48):

O princípio estruturador dessas leis era obrigar o exercício do trabalho a todos que apresentassem condições de trabalhar e as ações assistenciais previstas tinham o objetivo de induzir o trabalhador a se manter por meio de seu trabalho.

A lei de *Speenhamland* (1795), foi a primeira tentativa de política social de assistência aos trabalhadores pobres. Essa lei garantia assistência social aos empregados e desempregados que recebessem abaixo de determinado rendimento, além de fixar o trabalhador em seu local de trabalho, impedindo o deslocamento dos trabalhadores a outros locais. A *Speenhamland* impediu, até ser abolida, o estabelecimento de um mercado competitivo, pois permitia que o trabalhador negociasse a sua força de trabalho sem correr o risco de perdê-la. Em 1834 essa lei foi abolida e substituída pela *Poor Law* (Lei dos Pobres), conveniente aos ideais capitalistas e liberais, que viam o trabalho como fonte única e exclusiva de renda, limitando a assistência dos pobres ao domínio da filantropia. A Lei dos Pobres restituiu a obrigatoriedade do trabalho, deixando os pobres incapazes de trabalhar sem assistência.

A Lei dos Pobres foi uma forma de consolidar o capitalismo, o que provocou a exclusão de muitos trabalhadores que ficaram em situação de pobreza e sem assistência social alguma. Os trabalhadores não conformados com a sobrecarga de trabalho, reivindicaram seus direitos através de greves e manifestações, mas tiveram obstáculos impostos pela burguesia

que solicitou a repressão por parte do Estado e o domínio pela regulamentação das relações de produção.

A disputa entre capitalistas e trabalhadores resultou na ampliação dos direitos sociais, a contragosto da burguesia liberal no século XX. A ampliação dos direitos sociais abriu as portas para a expansão das políticas sociais – que viabilizam os direitos – até a década de 1930. Neste sentido, a perspectiva do Estado precisou ser modificada, mas não abandonou por completo as concepções liberais e capitalistas. O Estado somente reconheceu a necessidade dos direitos, sem colocar em xeque os fundamentos do capitalismo.

A mobilização e organização da classe trabalhadora no final do século XIX e início do século XX forçou uma modificação do Estado liberal, através da construção de políticas sociais. Para os liberais, a política social era uma prática negativa, pois estimulava o desinteresse pelo trabalho e a acomodação. O Estado não deveria garantir as políticas sociais pois elas poderiam se tornar um risco para o mercado. Quanto à parcela da população impossibilitada de trabalhar (crianças, idosos e deficientes) o Estado deveria assegurar assistência mínima, como um paliativo. Na ótica liberal, a pobreza deveria se minimizada pela caridade privada.

A intervenção estatal deu-se de diferentes formas entre as nações, o que nos impede de generalizar a ação do Estado nos países. Algumas iniciativas foram apontadas como demonstrações da intervenção Estatal, de cunho liberal. Com o crescimento do movimento operário, ocupando espaços políticos e sociais importantes e a Revolução de 1917 do movimento socialista, as idéias liberais foram perdendo sua força, tendo que reconhecer, cada vez mais direitos de cidadania à população trabalhadora.

Concomitante ao crescimento dos direitos e políticas sociais, o capitalismo sofreu uma grande crise decorrente da concentração e monopolização do capital, fazendo com que as empresas intercapitalistas criassem uma forte concorrência entre si, desencadeando nas duas

guerras mundiais. Além das guerras, houve a crise de 1929-1932, conhecida como a Grande Depressão, onde a bolsa de Nova York reduziu drasticamente, alterando o comércio mundial reduzindo-o a um terço do que era antes. Essa grave crise econômica gerou o desemprego em massa e a legitimação política do capitalismo.

Na tentativa de superar a crise de 29, o economista Keynes propôs saídas democráticas da crise com uma intervenção do Estado mais efetiva na economia. Keynes questionou os pressupostos vigentes da economia, entendendo que eles não explicavam o desemprego generalizado dos meios de produção (homens, matérias-primas, etc). Os pressupostos capitalistas giravam em torno da idéia que a oferta cria a sua própria demanda, impossibilitando uma crise geral da superprodução, pois a economia capitalista seria auto-regulável.

Contradizendo esses pressupostos, Keynes afirmou que o equilíbrio pregado pelo capitalismo não harmonizava a relação entre empresários e o bem-estar global, comprovadas pela grande depressão e pelas guerras. Haveria uma situação desigual entre empresariado, consumidores e assalariados, favorecendo a insuficiência da demanda e trabalho, que gera o desemprego. “Quando há insuficiência de demanda efetiva, significa que não existem meios de pagamento suficientes em circulação, o que pode levar à crise” (Behring e Boschetti, 2008, p. 103).

Neste sentido, o Estado deveria intervir evitando essa insuficiência ou criar políticas sociais que dessem conta da população desempregada. Para Keynes, o dever do Estado era restaurar o equilíbrio econômico, gerado pela crise, para que as condições de acumulação capitalistas fossem restabelecidas. Além de gerar empregos por meio de serviços públicos o Estado também deveria estar encarregado de promover maior igualdade por meio das políticas sociais abrangendo as pessoas consideradas incapazes para o trabalho (idosos, deficientes e crianças). Na realidade, o que Keynes propôs foram saídas capitalistas para a crise do

capitalismo, pois ele defendia a liberdade individual e a economia liberal. A proposta das políticas sociais e da intervenção do Estado era somente um rompimento parcial com os princípios do liberalismo (Bhering e Boschetti, 2008).

Dando continuidade às idéias de Keynes, implantou-se na Europa do pós-guerra, a proposta do Estado de bem-estar social ou *Welfare State*. As políticas propostas pelo *Welfare State* visavam garantir aos indivíduos e famílias uma renda mínima, independentemente do valor do trabalho ou propriedade, diminuindo as inseguranças ligadas às contingências sociais (doenças, velhice, desocupação, etc.) A idéia que norteava a criação dessas políticas visava aumentar a demanda e ampliar o mercado de consumo. O termo *Welfare State* incorpora a perspectiva de intervenção estatal na regulação do mercado, com vistas a manter o equilíbrio entre a oferta e a demanda e assegurar benefícios de proteção aos trabalhadores em momento de perda da capacidade laborativa e aos cidadãos em situação de dificuldades econômicas e sociais. O *Welfare State* preservava o individualismo e entendia a intervenção do Estado como um mal necessário, seguindo os pressupostos liberais (Couto, 2008).

A imagem do *Welfare State* ficou vinculada ao sucesso da acumulação do capitalismo mas também ficou marcada por algumas dificuldades econômicas na década de 1970, como as duas crises do petróleo (1973 e 1979), pressões inflacionárias e crise do consumo. Essa “crise financeira” do capitalismo foi resultado da limitada capacidade de financiamento do Estado pelas políticas sociais. Por outro lado, houve mobilizações de trabalhadores para que o Estado pudesse ampliar e atender melhor suas demandas (Couto, 2008).

A crise no mundo do trabalho contribuiu para a queda do *Welfare State*, pois as políticas sociais se mantinham com a contribuição da população, inserida no mercado de trabalho, ao Estado. Diante da impossibilidade do mercado absorver toda a população, eram poucos os que poderiam contribuir para a conservação das políticas sociais.

Na década de 70, viu-se a queda na lucratividade do sistema capitalista, acompanhada de altas taxas de inflação, ruindo os pilares econômicos que sustentavam a proposta keynesiana. A crise mundial do capitalismo incrementou problemas já existentes, como a grande desigualdade social e econômica, que colocou a necessidade de um novo posicionamento do Estado para o enfrentamento das desigualdades. Assim, iniciou-se um movimento que pretendia fortalecer o sistema capitalista e incidir em sua lucratividade, deixando as desigualdades em segundo plano. Nascia o ideário neoliberal que percebia a intervenção do Estado no enfrentamento das desigualdades, como um péssimo aliado no acúmulo de lucro. O custo no financiamento das políticas sociais prejudicaria o acúmulo de lucro e reforçaria idéias de que, com o benefício concedido pelo Estado, os trabalhadores não se dedicariam mais ao trabalho. O que os neoliberais não conseguiram levar em conta foi que não havia oportunidades de trabalho a toda população (Couto, 2008).

Os neoliberais acreditavam que a crise econômica, as altas taxas de inflação, o desequilíbrio fiscal, o crescimento da burocracia e o poder dos sindicatos estava relacionado aos excessos de poder do Estado, na política do Welfare State. No pensamento neoliberal, o Estado havia transgredido o princípio da liberdade individual e criado condições para desestimular os homens para o trabalho pela possibilidade de viver com o benefício concedido pelo Estado.

Assim, os neoliberais incentivaram a quebra do poder dos sindicatos, a desregulamentação do trabalho, a retirada parcial da intervenção do Estado na área social, o retorno da cultura privatista no campo das políticas sociais e a cobrança da dívida externa. Iniciou-se uma progressiva dificuldade no financiamento das políticas sociais, pois os neoliberais entendiam que a pobreza e as desigualdades sociais eram distorções que deveriam ser corrigidas pelo livre desenvolvimento da economia. Nesta lógica de mercado, “existem naturalmente, ganhadores e perdedores, fortes e fracos, os que pertencem e os que ficam de

fora” (Soares, 2000, p.13). As idéias neoliberais permanecem até hoje em nossa sociedade, emperrando o desenvolvimento de políticas sociais e dificultando o processo de diminuição das desigualdades sociais.

Vejam os o processo de criação das políticas sociais no Brasil, para melhor compreensão do que representa o PBF.

Políticas Sociais no Brasil

Assim como os direitos sociais, as políticas sociais ficaram marcadas, na história brasileira, por suas características de dependência ao mercado mundial. A colonização, entre os séculos XVI e XIX e o peso da escravidão influenciaram diretamente nos processos de trabalho e nas relações sociais presentes na sociedade brasileira. No período da colonização, império e república as políticas sociais se configuraram pela lógica do favor e da bondade dos grandes proprietários de terras ou das elites, o que mantinha sua posição de dominação.

Foram os trabalhadores que, ao tomarem consciência de que o trabalho livre não era um prolongamento do trabalho escravo, realizaram as primeiras manifestações no início do século XX. Ao extrapolarem o mandonismo e paternalismo das elites, encontraram como resposta a repressão policial e a dissuasão político-militar (Behring e Boschetti, 2008).

Entretanto, a expansão das políticas sociais deu-se no período da ditadura (1937-1945 e 1964-1984) a partir das reivindicações dos movimentos e manifestações dos trabalhadores, como ocorreu na luta pelos direitos sociais. Porém, a materialização de muitos dos direitos escritos em lei não se realizou. E assim como os direitos, as políticas sociais existentes nessa época se limitavam às leis trabalhistas, que nem sempre eram cumpridas à risca.

As políticas sociais voltadas ao trabalho iniciaram-se com a regulação dos acidentes de trabalho, a criação das aposentadorias e pensões e auxílios doença, maternidade, família e seguro desemprego, baseados nas idéias dos países desenvolvidos. O sistema público de previdência começou com os IAPs (Institutos de Aposentadorias e Pensões) que cobria os

riscos ligados à perda da capacidade de trabalho (velhice, morte, invalidez, doença) com planos pouco organizados e orientados pela lógica de contribuição através do seguro. Os IAPs ofereciam um conjunto de benefícios e serviços, de acordo com a contribuição dos trabalhadores, dos empresários e do Estado, que não eram uniformes e estavam mais preocupados com a acumulação de reservas financeiras do que com a prestação de serviços.

No final do governo Vargas, já havia a intenção de uniformizar e unificar a previdência social no Brasil, que se concretizou na criação da Lei Orgânica de Previdência Social, aprovada em 1960. Esse período foi marcado pela ação do Estado sobre a força de trabalho, tanto na organização do mercado de trabalho quanto no aumento da força de trabalho, incluindo a execução de políticas sociais e a regulação das normas de produção e consumo.

A assistência social teve dificuldades em especificar o campo de sua atuação, pois, tinha um caráter fragmentado, desorganizado, indefinido e instável de suas configurações. Em 1942, houve a primeira iniciativa de centralização das políticas sociais com a criação da LBA – Legião Brasileira de Assistência, já citada anteriormente, carregada de características assistencialistas na relação entre o Estado e a sociedade brasileira. A introdução das políticas sociais no Brasil teve seu desfecho com a Constituição de 1937, que sinalizava a necessidade de reconhecimento das categorias dos trabalhadores pelo Estado e consolidava as leis trabalhistas, promulgadas em 1943.

Após esse momento, a expansão das políticas sociais foi lenta e seletiva, marcada por alguns aperfeiçoamentos institucionais, como a separação dos Ministérios da Saúde e Educação em 1953 e a criação de novos IAPs. A disputa de projetos trouxe certa paralisia no campo da política social a exemplo de propostas como a Lei Orgânica de Previdência Social (LOPS) e da previdência rural, em pauta no final da Era Vargas. Estas políticas só foram aprovadas no congresso em 1960 e 1963. Esse período, que ficou marcado pela instabilidade

(suicídio de Vargas em 1954, renúncia de Jânio Quadros em 1961 e o Golpe Militar em 1964) dificultou os consensos no projeto nacional e, portanto, no desenvolvimento de políticas sociais. O golpe de 64 instaurou uma ditadura que durou 20 anos e trouxe impactos para a política social (Bhering e Boschetti, 2008).

No período da ditadura militar, as políticas sociais foram expandidas e modernizadas para que os militares tivessem adesão e legitimidade, pois a censura, as prisões e as torturas implementadas pela ditadura tiravam a confiabilidade da população nos militares. A previdência social foi unificada, uniformizada e centralizada no Instituto Nacional de Previdência Social (INPS), em 1966 com a exclusão dos trabalhadores da gestão da previdência. A previdência foi ampliada aos trabalhadores rurais (1971), as empregadas domésticas (1972), aos jogadores de futebol, aos autônomos (1973) e aos ambulantes (1978). Em 1974, criou-se a renda mensal vitalícia para os idosos pobres, no valor de meio salário mínimo aos que tivessem contribuído ao menos um ano para previdência.

A assistência social foi implementada por uma rede conveniada de serviços prestados pela LBA. Ao mesmo tempo em que se impulsionavam as políticas públicas como estratégia de busca de legitimidade, a ditadura militar configurava um sistema dual de acesso às políticas sociais: para quem pode e quem não pode pagar (Bhering e Boschetti, 2008).

Com a queda da ditadura militar e a transição para democracia, iniciou-se uma nova crise no Brasil em decorrência do endividamento externo. O Brasil teve um grande aumento na inflação que gerou um empobrecimento generalizado, a crise dos serviços sociais públicos em função de um aumento da demanda e o desemprego, em contraposição a não expansão dos direitos. Essas características brasileiras já existiam antes da crise e foram exacerbadas nos anos 1980 por causa da enorme dívida com os países estrangeiros.

O endividamento, paralisado pelo baixo nível de investimento privado e público, sem uma solução consistente para a sanção da dívida que agravou os problemas sociais, deu

margem para a entrada da hegemonia neoliberal, que encontrou no Brasil uma realidade econômica arruinada pela inflação.

Ainda nos anos 80 houve uma reivindicação do movimento dos trabalhadores e dos movimentos sociais que, ultrapassando o controle das elites, realizaram conquistas políticas pautando alguns eixos na Constituição como: a reafirmação das liberdades democráticas; impugnação da enorme desigualdade, afirmação dos direitos sociais, direitos trabalhistas etc. A consolidação de um novo movimento operário e popular foi possível pelas mudanças geradas pelos processos de industrialização e urbanização, reconstituindo a esquerda brasileira. As classes dominantes brasileiras e de outros países tiveram que conviver, nessa década, com a presença incômoda dos movimentos populares.

A principal política social dos anos 1980 criada por Sarney, nos últimos anos da ditadura, foi o Programa do Leite. Este programa estava mais voltado a instrumentalização das associações populares, gerando vantagens clientelistas, do que, de fato, promovendo o acesso à alimentação. As demais políticas que estariam voltadas para a previdência, saúde, educação e assistência social, que deveriam ter sido “repensadas” pelos grupos de trabalho do governo Sarney, não foram realizadas.

O processo de redemocratização, apesar da crise econômica, possibilitou a inserção de políticas orientadas pelos princípios da universalização, responsabilidade pública e gestão democrática, com a construção da Articulação Nacional de Entidades pela Mobilização Popular na Constituinte. Essa Articulação reuniu movimentos sociais, personalidades e partidos políticos com compromissos democráticos que formaram grupos de trabalho para então repensar as políticas. Desse movimento nasceu o conceito de seguridade social e a articulação das políticas de previdência, saúde e assistência social e do direitos a elas vinculadas, a exemplo da cobertura previdenciária aos trabalhadores rurais e do Benefício de Prestação Continuada (BPC) para idosos e pessoas com deficiência. Mesmo com a

consolidação dessas políticas, a assistência social teve dificuldades em ascender à condição de política pública de seguridade, na perspectiva de superar suas características assistencialistas e improvisadas.

No fim dos anos 80, as políticas sociais tiveram avanços nas áreas da saúde e previdência com a intervenção dos movimentos sociais em defesa dos direitos das crianças e dos adolescentes, gerando posteriormente, o Estatuto da Criança e do Adolescente (1990). Na constituição também existiam contradições na implantação de políticas sociais, como a convivência entre universalidade e seletividade, suporte legal ao setor privado em contraposição do dever do Estado para com algumas políticas. Esses aspectos estavam de acordo com alguns ideais neoliberais que começaram a se incrementar na década de 1990.

No início da era Fernando Henrique Cardoso se espalhou a idéia de realizar “reformas” orientadas para o mercado, onde as causas para a crise dos anos 1980 estavam colocadas nos problemas desencadeadas pelo Estado. Estas reformas, que vinham ao encontro aos pressupostos neoliberais, tinham por objetivo reformar o Estado, através de privatizações e a reforma da previdência, desprezando as conquistas de 1988 voltadas à intervenção do Estado na área social.

Essas mudanças promoveram alterações significativas nas condições de vida e de trabalho da população, pois o desenvolvimento do Estado Social ficou contido e limitado, sob o controle das classes dominantes para que a população e os operários não representassem perigo para as reformas da elite.

No campo das políticas sociais, a “reforma” fez com que o Estado se afastasse da firmamento das políticas e desprezasse o padrão constitucional de seguridade social. As políticas sofreram uma adaptação ao novo contexto pela criação do trinômio do neoliberalismo para as políticas sociais: privatização, focalização / seletividade (políticas restritas a apenas à parcela da população comprovadamente pobre) e descentralização (não partilhamento de poder entre

as esferas públicas, realizando uma mera transferência de responsabilidades para entes da federação ou para instituições privadas). Esses aspectos direcionaram as políticas sociais a se tornarem “ações pontuais e compensatórias para os efeitos mais perversos da crise” (Behring e Boschetti, 2008, P.156), contradizendo significativamente os princípios da Constituição de 1988 que ampliavam a implementação dos direitos sociais na sociedade.

Para os neoliberais a política social ocupava um lugar secundário, demonstrando o delineamento de um projeto antidemocrático e antipopular por meio das classes dominantes. O trinômio apresentado pelos neoliberais estava de acordo com seus interesses no sentido de que a privatização estava voltada aos os que podem pagar pelos serviços, abrindo as portas para o acúmulo de lucro para o capitalismo, sendo que, no campo das políticas sociais, a privatização compôs um movimento de transferências patrimoniais. A seletividade associada à focalização assegurava o acesso à proteção social somente aos comprovada e extremamente pobres e a descentralização tinha a finalidade de desresponsabilizar o Estado de sua intervenção na sociedade. Nos anos 1990, os neoliberais junto à classe dominante bloquearam a esfera pública das ações sociais e da opinião, como expressão dos interesses da população, apesar das inovações de 1988.

Os direitos mantidos pela seguridade social se orientaram pela seletividade e focalização em detrimento da universalidade e estatização. As reformas da previdência de 1998 a 2003 focalizaram ainda mais os direitos da população contribuinte, restringindo direitos, reduzindo o valor dos benefícios, limitando alguns benefícios e provocando a ampliação da permanência no mercado de trabalho, não incorporando os trabalhadores pobres inseridos nas relações informais. A saúde pública tinha falta de recursos demonstrada pelas longas filas, demora na prestação de serviços falta de medicamentos e redução de leitos.

A assistência social foi a política que mais sofreu para se materializar como política pública e para superar algumas características históricas como: a demora na regulamentação

da assistência como direito (LOAS – Lei orgânica de assistência Social), a redução e residualidade na abrangência pois os programas atingem, no máximo a 25% da população que deveria ter acesso aos direitos, manutenção e reforço do caráter assistencialista e filantrópico e ênfase nos programas de transferência de renda de caráter compensatório (Bhering e Boschetti, 2008).

As conquistas democráticas dos trabalhadores e do movimento popular nos anos 1980 traziam a perspectiva de uma ampla e profunda reforma democrática do Estado. No entanto, as mudanças econômicas e culturais impostas pela elite e pelos neoliberais dificultaram ao extremo a implementação de uma política mais democrática no Brasil. Esses obstáculos exigem persistência e uma vontade política forte presente na sociedade e a compreensão de que as mudanças poderão ocorrer em longo prazo. Conforme nos dizem Bhering e Boschetti (2008, p.182) “qualquer expectativa de curto prazo pode ser frustrante para os que apostam nesse projeto, considerando as forças que a ele se opõem, hoje”.

As políticas sociais encontraram e encontram empecilhos importantes para sua concretização, dada a conjuntura dos ideais econômicos presentes na sociedade atual. A partir da leitura do surgimento dos direitos e políticas sociais, partimos agora para o entendimento mais claro desses dois conceitos.

Discernindo e especificando “direitos” e “políticas” sociais

Na literatura, tanto os direitos como as políticas sociais são explicitadas de forma conjunta, sem que haja uma diferenciação entre esses conceitos ou um esclarecimento de suas semelhanças e diferenças. Neste subtítulo, nossa intenção é mostrar que, mesmo que os direitos e as políticas sociais estejam intimamente ligados, eles têm algumas diferenças significativas que fazem com que eles se tornem categorias separadas de leis que se referem à preocupação com a assistência da população. Vejamos essas nuances.

Na Constituição Brasileira de 1988, os direitos sociais estão assegurados conforme esta definição: “Art. 6º São direitos sociais a educação, a saúde, o trabalho, a moradia, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição” (Brasil, 1988 p.7). Esses direitos têm por objetivo garantir aos indivíduos condições materiais tidas como imprescindíveis para o pleno gozo dos direitos de todos os cidadãos. Como seguimento dessas proposições, temos os direitos dos trabalhadores urbanos e rurais referentes ao salário mínimo, seguro desemprego, condições de trabalho, etc. Podemos incorporar aos direitos sociais a responsabilidade da República Federativa de “erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir as desigualdades sociais e regionais” (Brasil, 1988 p.5).

Os Direitos Sociais são princípios enunciados na Constituição, que implicam um comportamento ativo do Estado, na garantia de uma situação de estabilidade aos cidadãos, diante do reconhecimento das desigualdades sociais de uma sociedade capitalista (Bobbio, Mateucci e Pasquino, 1998).

O que se observa é que os direitos presentes na Constituição estão colocados de forma ampla, com quase nenhuma explanação de como esses direitos são colocados em prática na sociedade. Há uma preocupação do Estado em legitimar, sob a forma de lei Constitucional, quais são os direitos do cidadão, mas o caminho para a execução dos direitos fica à parte da Constituição. Bobbio, Mateucci e Pasquino (1998) assinalam que um dos problemas da declaração dos direitos na Constituição é que eles são enunciados como grandes princípios, podendo ficar como meros princípios abstratos. Desse modo, cabe a pergunta: como fazer com que os direitos sociais sejam, realmente, assegurados à população?

É aí que trazemos à tona o papel das políticas sociais. Baseados na Constituição, os governantes eleitos para administrar o país, os estados e os municípios, criarão políticas sociais para assegurar à população os direitos presentes na Constituição. Certamente, as

políticas sociais também são geradas por reivindicações da população. Dessa forma, as políticas sociais são intervenções práticas na sociedade, com o intuito de garantir os direitos sociais (Couto, 2008).

Além das políticas sociais públicas, provenientes da ação do Estado, também existem as políticas sociais que algumas organizações privadas se encarregam de criar: as políticas sociais privadas. As organizações recebem subsídios do Estado, de entidades internacionais, de particulares ou empresas para construir e articular algumas políticas. As empresas podem descontar do imposto de renda alguns serviços que prestam ou algumas subvenções que oferecem às instituições e aos trabalhadores. “Os organismos privados e estatais estão muito entrosados na administração ou gestão cotidiana dos programas sociais, formando um só conjunto: o Estado ampliado” (Faleiros, 2007, p.10).

As políticas sociais são vistas ora como mecanismos de manutenção da força de trabalho, ora como conquistas dos trabalhadores, ora como arranjos do bloco no poder ou bloco governante, ora como doação das elites dominantes, ora como instrumento de garantia do aumento da riqueza ou dos direitos do cidadão.

Estes auxílios ou serviços, mesmo garantidos por lei, geralmente, aparecem como favores à população. Muitas políticas sociais são implantadas em certas conjunturas políticas para ganhar votos ou prestigiar certos grupos que estão no poder ou no governo. O caráter assistencialista que os poderes dominantes fazem questão de impor às políticas sociais vem ao encontro às exigências do capital, que tira do Estado o dever de assegurar uma proteção efetiva à população (Faleiros, 2007).

Apesar das políticas sociais serem confundidas com ações assistencialistas, caritativas e de cunho filantrópico, cabe ressaltar que elas estão consolidadas como direitos do cidadão e dever do Estado, que provê os recursos para a execução dessas políticas. Os recursos que o Estado fornece são procedentes de um conjunto de ações da iniciativa pública e da sociedade,

para garantir o atendimento às necessidades básicas da população. Neste sentido, a participação da população se torna imprescindível na formulação e no controle das ações políticas do Estado, pois a consolidação das políticas sociais como direito social foi viabilizada a partir da disputa dos movimentos sociais e interesses coletivos. Torna-se necessária uma visão das políticas sociais como direito, para que não haja um retrocesso ao status de benesse, podendo garantir um financiamento justo e necessário para sua efetivação (Couto e Martinelli, 2007).

Sendo as políticas sociais a concretização dos direitos colocados na Constituição, podemos concluir que a relação existente entre os direitos sociais e as políticas sociais está na materialidade que as políticas sociais dão aos direitos sociais. As políticas sociais devem ser realizadas na órbita do Estado, com o intuito de se manterem mais estáveis, contudo, têm sido entendidas como produto de um processo político pela possibilidade de flexibilização que a política pública traz consigo, ao ser modificada conforme os interesses e prioridades de cada governante.

Apresenta-se, então, a lacuna entre os direitos sociais e as políticas sociais, pois os direitos são apresentados na Constituição como essenciais para a cidadania e dignidade da pessoa humana, mas estão colocados de forma ampla e abstrata, deixando a cargo dos governantes eleitos, a concretização desses direitos sob a forma de políticas públicas. Por outro lado, como se vê, os direitos sociais carecem da intervenção econômica Estatal, o que dificulta sua concretização, direcionando aos governantes a responsabilidade de colocá-los em prática. Couto (2008, p. 48) apóia essa idéia:

Essa vinculação da dependência das condições econômicas têm sido a principal causa dos problemas de viabilização dos direitos sociais, que não raro, são entendidos apenas como produto de um processo político, sem expressão no terreno da materialidade das políticas sociais.

Outro empecilho para a efetivação das políticas sociais com o intuito de garantir à população o acesso aos direitos sociais é a sua legitimação sob a forma de leis. O ato de formalizar ações em forma de leis cria empecilhos para a realização das ações de interesse da maioria, remetendo essas reivindicações para um longo e penoso processo judicial emperrando a possibilidade de concretização prática da lei. Por outro lado, as leis também podem servir como garantia do exercício dos direitos, possibilitando maior acesso às necessidades da população, desde que esse acesso seja de forma igualitária, garantindo as condições objetivas de socialização e cobrança dessa lei. Couto (2008, p.56) aprofunda esta reflexão:

A simples existência de garantias legais não significa a garantia dos direitos sociais. O acesso às leis a ao seu aparato jurídico formal tem sido dificultado aos segmentos populacionais pauperizados, o que tem reforçado a máxima de que existem leis em abundância e pouca efetividade em seu cumprimento.

Conclui-se que tanto os direitos sociais como as políticas sociais são processo e resultado das relações entre Estado e sociedade civil, que se estabeleceram no âmbito dos conflitos e lutas de classes. Seus principais objetivos se voltam à resolução de problemas sociais, mas sua efetividade e eficácia ainda são discutíveis. Contudo, a formulação de políticas sociais que possibilitem o acesso da população aos direitos sociais é imprescindível para que a justiça social e a equidade possam estar garantidas numa sociedade capitalista.

Pensar os direitos e políticas sociais na agenda de lutas dos trabalhadores é tarefa de todos que têm compromisso com a emancipação política e a emancipação humana, tendo em vista elevar o padrão de vida das maiorias e discutir suas necessidades mais profundas e radicais. Debater e lutar pela ampliação dos direitos e políticas sociais é fundamental porque incentiva a disputa pelo fundo público, abarca as necessidades básicas de milhões de pessoas

com impacto real nas suas condições de vida e trabalho e implica um processo de discussão coletiva, socialização da política e organização dos sujeitos políticos.

A partir do esclarecimento sobre as políticas e os direitos sociais, poderemos compreender como o PBF se encaixa na realidade desses conceitos e quais as implicações de sua implementação na sociedade brasileira.

PBF: Uma política social de acesso aos direitos sociais

O PBF é um programa de transferência direta de renda a famílias consideradas em situação de pobreza. Tem como finalidade combater a fome, a miséria, a exclusão social e promover a emancipação das famílias mais pobres (Governo Federal, 2003). O PBF unificou em si os programas de transferência de renda anteriores, como: Bolsa Escola, Cartão Alimentação, Bolsa Alimentação e Auxílio Gás. A unificação foi realizada para que houvesse mais rapidez na liberação do dinheiro às famílias. Atualmente, o PBF atende a 11 milhões de famílias em situação de pobreza e tem mantido a sobrevivência, melhorado a qualidade de vida e incluído essas pessoas no mercado de consumo (Weissheimer, 2006).

Uma das características do PBF é que ele procura associar a transferência do benefício financeiro ao acesso aos direitos sociais básicos, com o intuito de garantir aos cidadãos as condições básicas e necessárias para a sobrevivência, num país repleto de desigualdades. Como o PBF é a materialização do direito à renda, presente na Constituição, ele se configura numa política social pública instituída pela lei 10.836 de 09 de janeiro de 2004 (Weissheimer, 2006).

O direito à renda sempre esteve atrelado ao trabalho, principal indicador de cidadania capitalista. Os programas de transferência de renda, como o PBF, são políticas criadas para a população afastada do processo tradicional produtivo. Essas políticas de repasse de renda tentam suprir uma falha estrutural na organização da sociedade, que não possibilita acesso ao trabalho a todos os cidadãos brasileiros (Couto e Martinelli, 2007).

O fato de o PBF ser focalizado às famílias pobres, faz com que ele deixe de se configurar como uma política universal. Isso significa que somente os cidadãos considerados em situação de pobreza, poderão ter acesso ao PBF. Porém, a focalização pode ser vista como a tentativa de selecionar um grupo populacional, que tem necessidade de superar a situação de exclusão e vulnerabilidade social, que são os maiores problemas da sociedade brasileira desde seu surgimento (Silva, Yazbek e Giovanni, 2008).

Para ingressar nos programas de transferência de renda, como o PBF, existem alguns critérios gerais preestabelecidos em lei: estar sem poder trabalhar (por impossibilidade individual ou social), estar sem seguro desemprego, sem fonte de renda e com um mínimo “aceitável” de bens. É preciso se submeter à comprovação de carência junto aos agentes de serviço social para validar a necessidade de ajuda.

Os critérios para inserção no PBF são a manutenção das crianças e adolescentes freqüentando a escola e o cumprimento dos cuidados básicos em saúde: manter o calendário de vacinação das crianças atualizado e o pré e pós-natal para as gestantes e mães em amamentação. Esses critérios são chamados de condicionalidades, que são ações que devem ser cumpridas pela família beneficiada, para facilitar a superação da pobreza. Essas condicionalidades envolvem a concretização dos direitos sociais e constitucionais: saúde, educação, alimentação e assistência. O cumprimento das condicionalidades depende da participação efetiva das famílias no processo educacional e nos programas de saúde que promovam a melhoria das condições de vida.

As condicionalidades têm sido um elemento de crítica, porque impõem às famílias beneficiadas a obrigação de recorrer a serviços, no campo das políticas sociais, que são direitos constitucionais e não deveriam ser tratados como condição para acesso ao benefício (Couto e Martinelli, 2007). Por outro lado, as condicionalidades dão ao PBF uma característica que o diferencia dos programas de transferência de renda anteriores, pois

nenhum outro programa incentivou à busca pela educação de forma tão efetiva, com vistas a proporcionar a futura emancipação das famílias beneficiárias. Esse fato rompe, em parte, com o viés assistencialista das políticas sociais de transferência de renda, onde o benefício era concedido, sem nenhuma possibilidade de proporcionar autonomia às pessoas favorecidas (Silva, Yazbek e Giovanni, 2008).

Os valores concedidos pelos programas de transferência de renda são sempre inferiores ao salário mínimo. Os auxílios são inferiores ao salário do trabalhador, para que este não perca o estímulo de trabalhar e produzir, seguindo a lógica do sistema capitalista (Faleiros, 2007). No caso do PBF os valores pagos variam de R\$ 15,00 a R\$ 95,00, de acordo com a renda mensal por pessoa da família e o número de crianças. Em alguns casos, a concessão de dinheiro pode ser maior, como acontece com as famílias que migraram de programas remanescentes e já recebiam um benefício maior naqueles programas.

Seria importante que as pessoas beneficiadas pelos programas de transferência de renda tivessem uma participação mais ativa sobre o planejamento dos valores concedidos pelos benefícios. Isso abriria a possibilidade para a população pobre, falar sobre suas reais necessidades e considerar a transferência de renda como um direito.

O PBF ainda possui resquícios de uma política assistencialista quando, ao ser criada pelo Governo Federal, acaba conduzindo a população a manter os políticos responsáveis pela sua criação no poder. Encontramos aí um impasse: se o PBF é uma política pública, que assegura o direito social de acesso à renda, por que ele mesmo não se torna um direito do cidadão, sem que a responsabilidade de sua manutenção esteja nas mãos dos governantes?

Mesmo assim, o PBF traz mudanças qualitativas para a população carente pois sua prioridade é o enfrentamento da fome e da pobreza no Brasil. O PBF tem gerado uma interferência positiva na vida das famílias, possibilitando a busca de subsídios que venham a alterar o processo de exclusão social. Pela amplitude e proporção do PBF, certamente, as

famílias beneficiadas poderão contar com esse benefício enquanto estiverem em situação de vulnerabilidade. Na lógica capitalista é impensável que apenas um programa de transferência de renda como o PBF possa enfrentar a desigualdade. Contudo, sem essa garantia, seria muito difícil pensar em formas de inserção qualificada da população na sociedade (Couto e Martinelli, 2007).

Infelizmente, os programas de transferência de renda, como o PBF, ainda estão sendo pensados sob a forma de concessão de benefício, tanto do poder governante como das pessoas com maior poder aquisitivo no Brasil. A obtenção de renda através desses programas deve ser vista, assim como outras políticas sociais, como um meio de acesso aos direitos do cidadão. A realidade da desigualdade e pobreza no Brasil deve ser pensada não como algo a ser minimizado, mas como um problema essencial para o travamento da busca pela equidade.

Considerações Finais

Os direitos e políticas sociais são ações que nasceram em conjunto na história, mas que possuem características diferentes quando vistos mais de perto. As políticas sociais dão aos direitos sociais a materialização e praticidade que os falta. As políticas e direitos sociais se complementam, porque dão materialidade a princípios essenciais que possibilitam plenas condições de sobrevivência à população.

Os programas de transferência de renda, considerados políticas sociais públicas de acesso ao direito Constitucional à renda, foram criados para o enfrentamento da desigualdade e para as pessoas que não tem acesso ao mercado de trabalho.

Neste sentido, o PBF foi criado para a superação da pobreza e promoção de autonomia das famílias beneficiadas, em longo prazo. Contudo, apresenta uma série de contradições referentes às condicionalidades, aos valores concedidos e a exigência de uma articulação entre renda e programas sócio-assistenciais. Além disso, o PBF ainda pode ser pensado como uma troca de favores, por fazer com que as famílias beneficiadas fiquem direcionadas a apoiar os

mesmos políticos que construíram essa política. Esse fato pode desvincular o programa de transferência de renda de sua condição de direito.

Por outro lado, o PBF tem tido um impacto positivo sobre a renda das famílias e aponta para a redução da pobreza e melhoria da qualidade de vida da população pobre. O PBF também possibilitou a promoção dos atendimentos básicos para as condições de vida, aumentando potencialidades e oportunidades, que facilitam o acesso à emancipação.

Através da história dos direitos e políticas sociais, pode-se arriscar dizer que o PBF rompeu com muitas pressões liberais e neoliberais, que só foi possível devido a uma ação política decidida e forte, de alguém que tinha respaldo na população devido a sua popularidade e compromisso.

Referências

- Behring, E. R. e Boschetti, I. (2008). *Política Social: fundamentos e história*. (4 ed.) São Paulo: Cortez.
- Bobbio, N. (1992). *A Era dos Direitos*. Rio de Janeiro: Campus.
- Bobbio, N.; Matteucci, N.; Pasquino, G. (1998). *Dicionário de política*. (11 ed.) Brasília: Editora Universidade de Brasília.
- Brasil. Constituição. (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília: Senado.
- Carvalho, J. M. (2008). *Cidadania no Brasil: o longo caminho*. (10 ed.) Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Couto, B. R.; Martinelli, T. (2007). *Questão social na contemporaneidade: programas de transferência de renda*. Texto apresentado em Mesa Redonda no III Encontro Nacional de Política Social, realizado em Vitória (ES) no período de 17 a 19 de junho de 2007.
- Couto, B. R. (2008). *O direito social e a assistência social na sociedade brasileira: uma equação possível?* (3 ed.) São Paulo: Cortez.
- Faleiros, V. P. (1980). *A política social do estado capitalista: as funções da previdência e assistência sociais*. São Paulo: Cortez.

- Faleiros, V. P. (2007). *O que é política social*. (5 ed.). São Paulo: Brasiliense (Coleção primeiros passos).
- Governo Federal. (2003). *Lei 10.836*. Acesso em: Setembro, 2006. Disponível em: http://www.presidencia.gov.br/ccivil_Ato2006/2004/Lei/L10.836.htm.
- Guareschi, P. (2002). *Sociologia crítica: Alternativas de mudança*. (52 ed.) Porto Alegre: Edipucrs.
- Jaccoud, L. (org); Silva F. B. et al (2005). *Questão social e políticas sociais no Brasil contemporâneo*. Brasília: IPEA.
- Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS). (2004a). *Bolsa Família: Perguntas e respostas*. Acesso em: Setembro, 2006. Disponível em: <http://200.152.41.8/bolsafamilia02.asp>.
- Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS). (2004b). *Decreto 5.209 de 17 de setembro de 2004*. Acesso em: Setembro, 2006. Disponível em: http://200.152.41.8/decreto5_209.pdf.
- Silva, M. O.; Yazbek, M. C. e Giovanni, G. (2008). *A política social brasileira no século XXI: a prevalência dos programas de transferência de renda*. (4 ed.) São Paulo: Cortez.
- Soares, L. T. (2000). *Os custos sociais do ajuste neoliberal na América Latina*. São Paulo: Cortez (Coleção Questões da nossa época).
- Stotz, E. N. (2005). Pobreza e Capitalismo. In: Valla, V. V., Stotz, E. N., e Algebaile, E. B. (orgs.). *Para compreender a pobreza no Brasil*. (p.53-72). Rio de Janeiro: Contraponto: Escola Nacional de Saúde Pública.
- Vieira, E. (2004). *Os direitos e a política social*. São Paulo: Cortez.
- Wessheimer, M. A. (2006). *Bolsa Família: Avanços, limites e possibilidades do programa que está transformando a vida de milhões de famílias no Brasil*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo.

2. “NÓS TEMOS O MUNDO COM ESSE BOLSA”: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO PROGRAMA BOLSA FAMÍLIA

Início: Onde está nossa renda?

A formação social brasileira tem apresentado, ao longo da história, a problemática da desigualdade social. Numa formação social capitalista, como é o caso do Brasil, as relações sociais de produção são de dominação, onde alguns poucos detém os meios de produção, e de exploração, onde os que detém os meios de produção se apropriam de parte do trabalho dos trabalhadores da terra (Guareschi, 2002).

Essa disparidade existe até hoje, pois conforme o trabalho de Barros, Henriques e Mendonça (2000, p.132): “O Brasil é o país com maior grau de desigualdade, com a renda média dos 10% mais ricos representando 28 vezes a renda média dos 40% mais pobres”. Ou seja, o setor mais rico da população recebe uma renda cerca de 30 vezes superior à dos 40% mais pobres e a razão entre a renda média dos 20% mais ricos e a renda média dos 20% mais pobres alcança o valor de 35 vezes.

Para amenizar essa situação, o Governo Federal, na gestão 2002 – 2006, criou o Programa Bolsa Família (PBF), que consiste na transferência direta de renda a famílias carentes. O intuito do Governo Federal, na criação deste programa, é, principalmente, combater a pobreza, fruto da desigualdade social. O PBF também dá a possibilidade de emancipação às famílias, em longo prazo, por disporem desse recurso básico, necessário a um início de busca por autonomia. Este programa é gerido pelo Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS) e procura unificar as ações públicas nas áreas de assistência social, segurança alimentar e nutricional, saúde, educação infantil e transferência de renda (Weissheimer, 2006).

Para que as famílias possam adquirir o benefício concedido pelo PBF é necessário que elas participem do processo educacional de seus filhos, colocando-os na escola, e dos programas de saúde do Governo Federal. Conforme o decreto 5.209 de 17 de setembro de 2004 (MDS, 2004b), a frequência à escola e a promoção de saúde são aspectos que objetivam a melhoria das condições de vida na perspectiva de inclusão social.

A proposta de determinadas exigências (*condicionalidades*) pretendeu caracterizar o PBF como um programa de assistência social (MDS, 2004a) . Segundo o MDS (2004a), tais exigências dão acesso a direitos que: “aumentam a autonomia das famílias na perspectiva de inclusão social e também ampliam as condições para o aumento nas oportunidades de geração de renda nas famílias”.

Neste contexto, o presente estudo se propôs investigar o conhecimento das famílias beneficiadas, suas idéias e significados sobre o PBF. Para dar conta dessa problemática, foi utilizado o referencial teórico das representações sociais.

As representações sociais permitem dar sentido a uma determinada forma de conhecer e pensar o mundo. Elas também implicam a existência de um modo de vida comum onde as pessoas se relacionam entre si. Ao emergirem do social, as representações formam um conjunto de idéias partilhadas que produzem o que é real para as pessoas que vivem em comunidade. As representações também valorizam os saberes de pessoas do povo, por entenderem que estas também possuem uma determinada forma de conhecimento (Jovchelovitch, 2006).

Ao observar as representações sociais do PBF, podemos captar como as famílias beneficiadas entendem o papel deste em suas vidas e se esta compreensão está de acordo com as intenções do Governo Federal para este programa.

Este estudo percorrerá o seguinte trajeto: primeiramente, iremos explanar sobre as características do PBF; falaremos, em seguida, sobre a teoria das representações sociais. Após

a abordagem desses aspectos mais teóricos, explicitaremos um pouco do método utilizado para a realização da pesquisa e, por fim, faremos uma discussão das questões apresentadas pelas participantes dessa pesquisa.

Encontrando uma parte do tesouro: Programa Bolsa Família (PBF)

O Programa Bolsa Família (PBF) é um benefício concedido pelo Governo Federal a famílias pobres, com renda mensal por pessoa de R\$ 60,01 a R\$ 120,00, e extremamente pobres, isto é, com renda mensal por pessoa de até R\$ 60,00. É regulamentado pela lei nº 10.836, de nove de janeiro de 2004 e tem como finalidade combater a fome e a miséria (Governo Federal, 2003).

As famílias com renda mensal de até R\$ 60,00 por pessoa podem ser incluídas no PBF independentemente de sua composição. Por sua vez, as famílias com renda mensal entre R\$ 60,01 e R\$ 120,00 por pessoa podem ingressar no PBF desde que tenham gestantes, nutrizes e crianças e adolescentes entre 0 a 15 anos. O público alvo preferencial para o recebimento do benefício em nome da família é a mulher. Essa decisão tem como base estudos sobre o papel da mulher na manutenção da família e na sua capacidade em usar os recursos financeiros em proveito de toda a família.

O PBF não é um programa iniciado pela gestão atual do Governo Federal. Ele é a evolução de uma série de formulações para a elaboração de um programa de renda mínima. Alguns políticos, como o senador Eduardo Suplicy, em 1991, o governador Cristóvam Buarque e Antônio Palocci em 1995, já haviam pensado em criar projetos de transferência de renda que acabaram ficando distribuídos pelos Estados, Municípios e pelo Distrito Federal. No final da gestão do governo de Fernando Henrique Cardoso foram lançadas políticas voltadas para a melhoria da renda e da qualidade de vida da população mais pobre: *PETI (Programa de Erradicação do Trabalho Infantil)*, *Agente Jovem*, *Sentinela*, *Bolsa Escola*, *Bolsa Alimentação e Auxílio Gás* (Governo Federal, 2003). Com a entrada do governo Lula, a

idéia de criar o PBF teve o intuito de organizar esses projetos em um só programa (Weissheimer, 2006).

O governo Lula integrou e incorporou essas políticas em um único programa que unificou as ações públicas nas áreas de assistência social, segurança alimentar e nutricional, saúde, educação infantil e transferência de renda. O PBF contém em si os programas de transferência de renda já existentes: Bolsa Escola, Cartão Alimentação, Bolsa Alimentação e Auxílio Gás, para que houvesse mais rapidez na liberação do dinheiro às famílias. Esta medida também reduziu burocracias e criou mais facilidade no controle dos recursos, possibilitando uma maior confiabilidade no programa, além de um pacto entre Governo Federal, Estados e Municípios, com a intenção de potencializar a ação de todos no combate à pobreza.

Conforme as informações do *site* do MDS (2004), órgão do governo responsável pela gerência desse programa, os valores pagos pelo PBF variam de R\$ 15,00 a R\$ 95,00, de acordo com a renda mensal por pessoa da família e o número de crianças. Em alguns casos, a concessão de dinheiro pode ser maior, como acontece com as famílias que migraram de programas remanescentes (acima citados) e já recebiam um benefício maior naqueles programas.

Ao entrar no PBF, a família se compromete em manter suas crianças e adolescentes em idade escolar freqüentando a escola e a cumprir os cuidados básicos em saúde: o calendário de vacinação para as crianças entre 0 e 6 anos e a agenda pré e pós-natal para as gestantes e mães em amamentação. Esses critérios são chamados de *condicionalidades*, que são ações que devem ser cumpridas pela família beneficiada, para facilitar a superação da pobreza. Essas condicionalidades envolvem a concretização dos direitos sociais e constitucionais: saúde, educação, alimentação e assistência. O cumprimento das

condicionalidades depende da participação efetiva das famílias no processo educacional e nos programas de saúde que promovam a melhoria das condições de vida.

Os responsáveis pelo monitoramento das condicionalidades são os ministérios. A frequência à escola é acompanhada pela Secretaria de Educação, a partir do sistema desenvolvido pelo MEC (Ministério da Educação). O acompanhamento de saúde é realizado pela Secretaria de Saúde a partir dos agentes comunitários de saúde. As informações recolhidas pelos ministérios são repassadas trimestralmente à Secretaria Executiva do Programa, que consolida as informações.

O intuito das condicionalidades é de certificar o compromisso e a responsabilidade das famílias atendidas. Elas também propiciam o acesso aos direitos que, a médio e longo prazos, aumentam a autonomia das famílias, na perspectiva da inclusão social e ampliam as condições para o aumento nas oportunidades de geração de renda das famílias.

O PBF integra o *Fome Zero*, que visa assegurar o direito humano à alimentação adequada, promovendo a segurança alimentar e nutricional e contribuindo para a erradicação da extrema pobreza e para a conquista da cidadania pela parcela da população mais vulnerável à fome. Temos, pois, como os objetivos do PBF: 1) promover o alívio imediato da pobreza; 2) reforçar o exercício dos direitos sociais básicos nas áreas de saúde e educação por meio do cumprimento das condicionalidades; 3) a superação da situação de vulnerabilidade e emancipação das famílias mais pobres do país.

Após esses esclarecimentos sobre o PBF, discutimos agora alguns aspectos sobre a Teoria das Representações Sociais, que possibilitará o entendimento posterior dos significados do PBF para as famílias beneficiadas.

Entendendo o significado e sua força: Representações Sociais e Ideologia

Discutimos o significado e a importância das representações sociais devido a possibilidade que oferece para melhor entendimento do presente estudo. Ao contrário da facilidade em constatar a realidade das representações, definir seu conceito é algo bastante complexo.

Serge Moscovici, insatisfeito com uma psicologia que pressupunha uma hierarquia de saber, onde o conhecimento verdadeiro estava colocado na ciência, tratou de reabilitar e mostrar a importância do conhecimento do senso comum. Para tanto, criou a teoria das representações sociais como forma de denunciar e explorar a existência da diversidade de conhecimentos entre os vários setores da população. Dessa forma, o conhecimento prático, popular, também deveria ser valorizado, pois ele co-existe com o conhecimento científico (Jovchelovitch, 2006).

Sendo assim, as representações sociais são maneiras de pensar e agir na vida cotidiana. Elas descrevem relações comuns entre os indivíduos, uma vez que: “se manifestam no discurso público e no pensar social sobre os fenômenos que tocam as realidades sociais” (Guareschi, 2007, p. 33). Aprofundando nossas reflexões, remetemo-nos ao que diz Moscovici (2003), quando refere que as representações sociais correspondem a certo modelo recorrente e compreensivo de imagens, crenças e comportamentos simbólicos. Elas não são estáticas e sim dinâmicas, porque correspondem a uma “rede” de idéias, metáforas e imagens que podem estar interligadas ou não e por isso são móveis e fluidas. Elas não são uma réplica do mundo, ou um reflexo dele; elas o constituem, são uma realidade ontológica em si mesmas. Elas ainda evocam o que está ausente, ou implícito, no mundo.

O status simbólico conferido às representações diz respeito à criação de vínculos e à partilha de significados, entre os membros de uma comunidade. Elas também podem ser consideradas um fenômeno social à medida que se constituem através das relações entre as

pessoas, ou seja, a relação entre o *self*, o outro e o objeto (Jovchelovitch, 2006). Estas interações têm como objetivo a constituição de mentalidades e crenças que influenciam sobre os comportamentos dos indivíduos que interagem entre si.

Podemos constatar, dessa maneira, que as representações guiam nossas ações do dia-a-dia e estão tão penetradas em nossas vidas, que elas constituem a realidade (Moscovici, 2003). Assim como a linguagem, as representações são compartilhadas, o que significa que as pessoas formam idéias e saberes comuns, sobre a realidade que representam. É isso que dá, a essas pessoas, um sentimento de identidade e pertença dentro de uma comunidade. Essa dimensão simbólica das representações sociais extravasa os conceitos teóricos - que explicam como os conhecimentos sociais são produzidos - e formam “um conjunto de regularidades empíricas que compreendem idéias, valores e práticas de comunidades humanas sobre objetos sociais específicos” (Jovchelovitch, 2006, p. 45).

As representações sociais fornecem uma organicidade que possibilita às pessoas orientar-se em seu mundo material e social e controlá-lo. Além disso, “possibilitam que a comunicação seja possível entre os membros de uma comunidade, fornecendo-lhes um código para nomear e classificar, sem ambigüidade, os vários aspectos de seu mundo e da sua história individual e social” (Moscovici, 2003, p. 21). As representações são objetos do trabalho social e simbólico e através do diálogo podem ser colocadas dentro de *teorias* que são familiares e aceitáveis numa comunidade. Elas são necessárias porque satisfazem às necessidades dos indivíduos e grupos (coletividades), porque constroem pensamentos comuns e visões consensuais de ação que permitem, a essas pessoas, formar um vínculo social e estabelecer a continuidade da comunicação da idéia.

Construídas através da interação entre as pessoas, as representações têm como objetivo tornar familiar (conhecido), algo não-familiar (desconhecido). O ato de representar nos faz transformar o que é estranho, perturbador, ameaçador, que está fora, em algo conhecido,

baseado em experiências e classificações anteriores que possibilitam colocar o novo para dentro de nós e o tornar familiar. Essa transferência acontece através da ancoragem que significa:

Reduzir idéias estranhas a categorias e imagens comuns – contexto familiar. Transforma algo estranho e perturbador, que nos intriga, em nosso sistema de categorias e o compara com um paradigma de uma categoria que nós pensamos ser apropriada. Se a classificação obtida é aceita, qualquer opinião que se relacione com a categoria irá se relacionar com o objeto ou com a idéia. Essa classificação garante um mínimo de coerência entre desconhecido e conhecido. Classificar é dar nome a alguma coisa. O que não tem nome nos é estranho (Moscovici, 2003, p.61).

Assim como a ancoragem, as representações, por criarem realidades, também têm a tarefa da objetivação. Neste sentido, objetivar refere-se a transformar algo abstrato em algo quase concreto, transformar o que está na mente em algo que exista no mundo físico. “Une a idéia de não familiaridade com a de realidade, torna-se verdadeira essência da realidade. Toda representação torna real, realiza, um nível diferente da realidade” (Moscovici, 2003, p.61).

Mesmo criando a realidade, as representações são constantemente reformuladas, o que lhe atribui a característica de dinamicidade. Conforme há mudança nos interesses humanos, novas representações são criadas. “As representações são estruturas que conseguiram certa estabilidade através da transformação de uma estrutura anterior” (Moscovici, 2003, p.61).

A proposta de investigar as representações sociais de um grupo de pessoas sempre se refere a uma análise das “representações de representações” (Moscovici, 2003, p.218). Metodologicamente falando, esta é uma tentativa de compreender a maneira como o grupo pensa a si mesmo, em suas relações com os objetos que o afetam e, ao mesmo tempo, consegue agir no social através das representações sociais.

Como estratégia de pesquisa, Moscovici (2003) sugere que:

O passo inicial é o estabelecimento de uma distancia crítica do mundo cotidiano do senso comum, em que as representações circulam. Se as representações sociais servem para tornar familiar o não familiar, a primeira tarefa de um estudo científico das representações sociais é tornar o familiar, não familiar, a fim de que elas possam ser compreendidas como fenômenos e descritas através de toda técnica metodológica que possa ser adequada nas circunstâncias específicas. (...) A teoria das representações sociais fornece um referencial interpretativo tanto para tornar as representações sociais visíveis, como para torná-las inteligíveis como formas de prática social (p.25).

Perguntamo-nos qual a relação entre representações sociais e ideologia, pois esta se torna uma questão fundamental à compreensão de como o PBF pode se tornar uma prática assistencialista e ideológica. Entendemos ideologia no sentido em que Thompson (2002) a define: O uso das formas simbólicas para criar, manter ou sustentar relações assimétricas, de dominação, onde o sentido (significado) das formas simbólicas está a serviço do poder.

O fato das representações sociais serem formas simbólicas faz com que elas *possam* tornar-se ideológicas, mas não as torna, necessariamente, ideológicas. É por isso que o estudo das representações sociais e da ideologia requer que investiguemos como o sentido é mobilizado pelas formas simbólicas em contextos específicos, ou seja, se o sentido é usado ou não, para manter relações de poder assimétricas.

Questionar se as representações sociais são, ou não ideológicas, nos coloca diante da necessidade de dar visibilidade à forma como elas se estruturam. Isto exige que investiguemos os contextos sociais dentro dos quais essas formas simbólicas são empregadas e articuladas em sua construção.

É com o intuito de desvendar as representações sociais existentes entre as famílias que recebem o benefício do PBF que se faz presente esse estudo. As representações nos ajudarão a

perceber as idéias, os conhecimentos e sentidos comuns das pessoas beneficiadas ligadas ao recebimento do Bolsa Família, como também o quanto essa representação pode carregar conotações ideológicas. Apresentamos então, a metodologia utilizada para o delineamento dessa pesquisa.

Como encontrar essas realidades?

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, pela pretensão de compreender as representações sociais do PBF, através do conhecimento, idéias e significados trazidos pelas mulheres, chefes de família, beneficiadas pelo programa.

Nossa escolha por participantes do sexo feminino deve-se às diretrizes do PBF, que confere às mulheres o resgate do benefício e as considera com melhores capacidades de administrar os custos dentro da família. Neste sentido, foram realizadas 20 entrevistas individuais, semi-estruturadas, com mulheres representantes de famílias contempladas pelo PBF, na cidade de Porto Alegre, em duas comunidades periféricas: Morro da Cruz e Vila Joana d'Arc.

Para a escolha das participantes, foi utilizada a técnica de amostragem por bola de neve (D'Ancona, 1996), na qual uma participante indica a outra, que indica uma terceira e assim sucessivamente. Tínhamos um contato em cada uma das comunidades que possibilitou a primeira indicação e assim, consecutivamente, as demais indicações.

Na tentativa de apontar as representações sociais surgidas nas entrevistas, foi escolhida a Análise de Conteúdo, que possibilitou uma compreensão mais profunda dos significados contidos nos dados coletados, tocando na subjetividade do sujeito em questão e abrangendo o conhecimento de aspectos e fenômenos sociais não conhecidos anteriormente. Este tipo de análise propõe alguns passos para o tratamento dos dados (Bardin, 2004): 1. Transcrição das entrevistas com o intuito de transformá-las em texto; 2. Leitura atenta das informações contidas no texto; 3. Categorização; 5. Interpretação.

Cara-a-cara com a realidade: resultados e discussão

Após a transcrição e leitura cuidadosa das 20 entrevistas, três grandes dimensões se apresentaram que, de modo geral, dão conta das inúmeras falas e informações coletadas. Quisemos ver quais as representações sociais do PBF. Sabemos que as representações não são homogêneas. Separamos, por isso, na análise, três dimensões dessas representações. a) Uma parte mais cognitiva, que denominamos **“Conhecimento”**, o que elas sabem sobre os objetivos, diretrizes e condicionalidades do programa. Discutimos isso no item “Eu sei um pouquinho e é muito bom”. b) As representações como tais, seus **sentidos e significados**. Abordamos as representações no item “Esse bolsa é o mundo para nós”. c) E, finalmente, as contradições existentes, que chamamos de **postura crítica**, que discutimos no item: “Cada cabeça uma sentença, então, eu sou desse pensamento”. As entrevistas estão identificadas por um número e pela região pela qual foram coletadas: MC – Morro da Cruz; JD – Joana d’Arc.

Conhecimentos: “Eu sei um pouquinho e é muito bom”

Neste primeiro momento, verificamos qual o conhecimento das beneficiárias do PBF a respeito dos objetivos e condicionalidades do programa. Nossa intenção não é realizar um teste com as participantes, mas poder colocarmo-nos num lugar de aprendizagem, onde elas pudessem mostrar-nos seus conhecimentos e sua consciência sobre o programa em que estão inseridas. A consciência para Freire (2005), é um ato de conhecimento, uma aproximação crítica da realidade. Para alcançar tal consciência é necessário que o homem se distancie da realidade e a observe. Assim, o que pretendemos ao questionar as beneficiárias do PBF era fazê-las, de certa forma, distanciarem-se da realidade para observá-la e pensar sobre ela.

No que se refere aos objetivos do programa, estes podem ser sintetizados em quatro itens: 1. promover o acesso à rede de serviços públicos, em especial, de saúde, educação e assistência social; 2. combater a fome e promover a segurança alimentar e nutricional; 3.

estimular a emancipação sustentada das famílias que vivem em situação de pobreza; 4. combater a pobreza (MDS, 2004b). Algumas falas expressam esses itens:

“...é pra manter as criança mais no colégio também, porque tem muitas que são analfabetas, né, eu sei um pouquinho e é muito bom, sabe, para os pais não deixá as criança faltá” (E1 JD). “Que era um benefício que o governo tava dando pras pessoas que estão em dificuldade pra arrumar um emprego, que era um auxílio para as crianças irem pro colégio” (E7 MC). “É, o Bolsa Família é pra comprá material, eu é que compro comida. Aí eles pedem sempre prá comprá uma coisa, eu não tenho, aí eu fico sentida porque, ás vez, tirei o Bolsa Família deles prá comprá rancho” (E5 JD).

Ao compararmos as diretrizes do PBF com as falas de nossas participantes, vemos que há uma ênfase na questão da escolaridade dos filhos. Parece que a diminuição da pobreza, da desigualdade, não é tão relevante como a manutenção dos filhos na escola. Isso pode ter sido entendido na perspectiva de que a escolaridade dos filhos poderá dar um outro rumo na realidade das participantes, em longo prazo, como prevê a legislação do PBF, quando diz que um de seus objetivos é promover a autonomia das famílias em longo prazo.

A escolaridade também é fator determinante, quando as questionamos sobre as condicionalidades. O acompanhamento de saúde da família, em alguns momentos, é colocado como fator secundário:

“Tem que ter os filhos no colégio, não faltar no colégio, não pode faltar muito no colégio. Não faltar porque eles cortam no caso, eles tem um papel que o colégio é obrigado a mandar pra lá, um papel que diz a freqüência das criança no colégio e ir no posto também pesar eles sempre, sempre tá pesando” (E1 JD). “Tem que ter esse compromisso, de botá as criança na escola e medi e pesá todo mês no posto, que se não tu sai do programa. (...) Se eu não deixá ela ir pro colégio, assim, não ir lá e falá

nada, aí eu perco. Essas são as regra do programa” (E5 JD). “Se faltar, eles cortam e agora eles tão medindo o peso, fiquei sabendo que tem que mostrar as vacinas e tu tem que fazer tudo direitinho pra continuar recebendo, fiquei sabendo assim. Usar o dinheiro direitinho, comprar comida pras criança, não gastar com besteira” (E7 MC).

As participantes também apresentam reflexões sobre a imposição das condicionalidades pelo Governo Federal e demonstram saber que a escolaridade dos filhos e o acesso à saúde são direitos constitucionais do cidadão, que devem ser buscados por eles mesmos, não necessitando da determinação do governo para que esses direitos sejam acessados:

“Olha a única coisa que eles pede pra nós fazer é ter as criança na escola, (...) ter as crianças na escola e pesar as criança. E eu acho que isso nem é obrigação deles, é obrigação nossa, como mãe, vou ser bem sincera pra ti, não é porque a gente ganha que a gente não vai fazer isso, eu já fazia antes, imagina, então cada cabeça uma sentença. Então, eu sou desse pensamento, isso é obrigação nossa com os nossos filhos, não é o governo que manda fazer isso” (E8 MC). “Eu acho certo assim, eles ter que ir pro colégio que daí a criança não faltá o colégio, não só prá mim, mas pra outras, a pessoa tem obrigação de levar a criança no colégio porque tem várias pessoas que não manda as criança ir pro colégio, mas eu sempre mandei as criança, nunca faltaram, (...) essa Bolsa Escola aí, ajuda muito a criança, é uma responsabilidade também” (E3 JD).

O acesso à escola, visto como possibilidade de emancipação e crescimento pelas diretrizes do PBF, também é percebido pelas beneficiárias do PBF como uma questão obrigatória na formação dos filhos. A escola recebe um significado, dado pelas beneficiárias, de dar oportunidade a seus filhos para, futuramente, poderem usufruir de uma realidade diferente da atual, a partir do estudo. Tal visão está de acordo com o que diz Freire (2005),

que nos mostra que quando a educação é libertadora, permite que homens e mulheres cheguem a ser sujeitos de sua realidade, de forma que possam transformar o mundo, estabelecer relações de reciprocidade e serem reconhecidos, para que possam tomar consciência de seu poder de transformação. Apesar de que ainda haja forças neoliberais e capitalistas que coloquem obstáculos a essa forma de pensar a educação, as falas de nossas participantes sugerem que seus filhos possam, no futuro, transformar suas realidades.

O fator “escola” será novamente destacado, de forma mais profunda, no item que se segue. Passaremos então, a observar quais os significados – representações que as mulheres beneficiárias atribuem ao PBF.

Sentidos, Significados e Representações: “Nós temos o mundo com esse Bolsa”

Neste momento, apreciaremos quais são as representações atribuídas ao PBF, pelas beneficiárias. Tentamos abranger aqui, grande parte dos significados dados ao programa. Primeiramente, veremos como o PBF é percebido pelas mulheres que recebem o benefício como única renda; após, no que o benefício contribuiu para a vida das que já tinham alguma forma de renda. Para essas últimas, veremos no que o programa acrescentou em termos nutricionais e materiais, o que modificou na escolaridade de seus filhos e sua posição diante do consumo.

Algumas mulheres revelaram ser o PBF sua única fonte de renda. Para elas o PBF é considerado algo imprescindível, a ponto de não saberem o que fazer caso o programa terminasse, vemos nas falas:

“O que eu tinha que te dizer foi o que eu te disse, né? ele é tudo, né? Ele dorme comigo e se acorda comigo, né?” (E1 MC). “Pra mim é muito bom, importantíssimo, se não fosse ele, como é que eu ia sustentá os meus filho?” (E4 JD). “...a única coisa, é que o Bolsa é muito importante, muito mesmo, nós temos o mundo com esse Bolsa,

como eu te disse a minha única renda é isso” (E11 MC). “Ah, é uma boa, né, serve bastante, bah, eu no meu caso não sei nem como fazer se eu chegar a perder, né, pra manter a casa os filhos tudo” (E11 MC). “Ah, vai ser ruim, eu não sei, eu acho que vai ser bem ruim, vai ser bem ruim porque a gente não tem serviço e vai contar com quem? Eu conto mesmo com o Bolsa Família” (E7 MC).

Diante da impossibilidade de trabalho para toda a população, característica de uma sociedade capitalista, os programas de transferência de renda, como o PBF, acabam se tornando a esperança, das pessoas excluídas do trabalho, de obter renda como forma de subsistência. O PBF representa, também, a melhoria das condições de vida das pessoas pobres que conseguiam manter-se, apenas, com a alimentação básica e que, após o recebimento do benefício, puderam desfrutar de uma maior variedade de alimentos e garantir o material escolar de seus filhos, como mostram as falas:

“Antes eles não tinha oportunidade de comê fruta, antes eles não tinham oportunidade de tê as coisa, antes tinha coisa que eu não podia dá, antes eu não tinha um pão pra comprá pra eles de manhã, não tinha caderno pra dá prá eles irem pra escola, pra mim é bom, uma oportunidade boa. Aquele pequenininho tá engordando mais que os outro, ele não tá passando o mesmo trabalho que os outro, que tinha que botá as coisa no carrinho e pedi, tomavam banho de chuva pedindo com eles nas casa” (E5 JD). “Ah, mudou bastante coisa, né, mudou bastante coisa, porque assim com o Bolsa Família eu já não fico tão pra trás, porque era um sufoco pra pedi as coisa pra criança, eu não tinha o suficiente pra comprá as coisa, mudou bastante. Agora, graças a Deus, eu consigo manter eles assim, mantê eles tudo direitinho, né” (E13 MC).

Com a melhora na alimentação e manutenção das famílias pobres, diminuiu a necessidade dos filhos ajudarem no sustento da casa. Atrelado à exigência da frequência

escolar, o PBF facilitou o acesso à escola, aos filhos das beneficiárias, tirando-os das ruas e tornando viável a continuação dos estudos. Esse fato fica evidente nessas verbalizações:

“Foi nessa época que a minha filha terminou a oitava série e queria fazer o segundo grau e eu não tinha condições de pagar as passagens dela, nem de comprar o material dela, ela não ia fazer o segundo grau. Aí, quando eu recebi a cartinha da Caixa, dizendo que eu tinha sido aprovada, foi a maior ajuda, fiquei muito feliz. Que ela fez o segundo grau, hoje já trabalha, graças ao que eu ajudei. Agora no ano que vem ela vai entrar no colégio e vai fazer uma faculdade, tudo graças ao Bolsa Família, que ajudou a gente” (E2 MC). “Ah sim, porque os meus filhos trabalhavam na sinaleira, trabalhavam na feira, eles tiveram que sair tudo. Aí tu vê, pra manter ganhando o Bolsa Família tiveram que largar tudo e continuação dos estudo, né, que eles trabalhavam na sinaleira, ficavam de carro em carro, na feira também eles trabalhavam e tiveram que largar tudo pra manter o Bolsa Família” (E3 MC).

Na condição de excluídos da sociedade de produção (a sociedade dos que estão inseridos no mercado de trabalho) e da sociedade de consumo (dos que tem poder aquisitivo suficiente para corresponder à demanda de consumo do mercado), as pessoas que antes eram consideradas “supérfluas, imprestáveis e desnecessárias” (Bauman, 2005, p.54) vêm-se podendo participar do “caminho natural das coisas”, ou seja, podem comprar os meios para sua subsistência, manter seus filhos na escola, sem que estes precisem trabalhar para conseguir o sustento, e também começam a ingressar na sociedade de consumo. Verificamos a realidade do consumo nas seguintes falas:

“Ah, eu quero, às vezes, eu pego, vou no mercado, compro comida pra levar pra casa, que uns anos atrás eu ganhava das pessoas e agora eu vou no mercado direto” (E4 MC). “Ele me ajuda em tudo, que o dinheiro é uma vantagem, porque eu posso comprar o material pras crianças, faço um crediário pequeno e compro os calçados

pra eles dou um dinheiro pra merenda pra uma coisa, pra outra, me ajuda bastante” (E10 MC). “Eu acho um programa bom, que adiantou pra muita pessoa, gente que não podia comprá numa loja, já pode, permite a gente comprá uma loja, um calçado, uma roupa pro filho e tem loja que permite. Então, tem gente que compra material, bastante coisa, né, eletrodoméstico, bastante coisa, né?” (E12 MC). “Desse Bolsa eu comprei uma TV prá mim, tô pagando na loja, coisa que eu não podia né” (E5 JD).

A entrada na “sociedade de consumo” (Bauman, 2008), parece ser considerada mais uma vantagem do PBF para nossas participantes. O consumo, considerado uma característica e ocupação dos seres humanos como indivíduos, acaba estabelecendo uma linha tênue com o *consumismo*. O consumismo é um atributo da sociedade, conquistado, à medida que gera nos indivíduos, uma capacidade profundamente individual de querer, desejar, almejar, tal como a capacidade de trabalho na sociedade dos produtores. Esta capacidade torna-se uma força externa que move e dá continuidade à “sociedade dos consumidores”, como uma forma específica de convívio humano, que, ao mesmo tempo, estabelece parâmetros específicos para estratégias individuais de vida, manipulando as possibilidades de escolha e conduta individuais (Bauman, 2008).

O consumismo também desempenha um papel importante nos processos de auto-identificação individual e de grupo, assim como na seleção e execução de políticas de vida individuais. É por isso que, quando as beneficiárias sugerem que “poder comprar” é algo vantajoso, nos levam a pensar que, ao poderem consumir sentem-se inseridas na sociedade de maneira equiparável ao resto da população, deixando, de certa forma, seu lugar de exclusão. A entrada na “sociedade de consumo” as coloca dentro dos padrões estabelecidos por essa sociedade, amenizando sua condição de diferença do resto da população.

Para ser “igual” numa sociedade de consumidores, todo mundo precisa ser, deve ser e tem que ser um consumidor por vocação. O consumo, visto e tratado como vocação é, ao

mesmo tempo, um direito e um dever humano universal que não conhece exceção. Assim, a sociedade de consumidores não reconhece as distinções de classe, justificando o sentimento de “igualdade” que as pessoas empobrecidas podem ter, ao consumir. O exagero no consumismo pelas camadas pobres aparece na afirmação de Belk (apud Bauman, 2008, p.74):

O pobre é forçado a uma situação na qual tem que gastar o pouco dinheiro ou os poucos recursos de que dispõe com objetos de consumo sem sentido e não com suas necessidades básicas, para evitar a total humilhação social e evitar a perspectiva de ser provocado e ridicularizado.

Cabe o esclarecimento de que não queremos julgar ou propor no que as beneficiárias devem usar a renda de que dispõe. Os dados que coletamos não nos permitem afirmar que nossas participantes possuem um comportamento consumista. Nosso intuito é provocar a reflexão de que, as imposições de uma sociedade capitalista e neoliberal, que não disponibiliza trabalho para todos, atinge também as pessoas carentes com o fim de fazê-las consumir, com os poucos recursos que têm, contribuindo para a acumulação de lucro que é seu objetivo final. Nos dizeres de Bauman (2008, p. 41): “O ‘consumismo’ chega, quando o consumo assume o papel chave que, na sociedade de produtores, era exercido pelo trabalho”.

Após a explanação e discussão dos sentidos, significados e representações do PBF, trazidos pelas beneficiárias, partiremos para o terceiro momento de nossa explanação: verificar quais são as reflexões críticas de nossas participantes sobre o programa em que estão inseridas.

Postura Crítica: “Cada cabeça uma sentença, então, eu sou desse pensamento”

Ao investigar o posicionamento das beneficiárias do PBF a respeito do próprio PBF, as entrevistas propiciaram que nossas participantes pudessem ter um certo distanciamento de sua realidade, para que pudessem “olhar de fora” e falar a respeito do programa em que estão

inseridas. Suas reflexões giram em torno de quatro eixos: o primeiro eixo mostra um posicionamento positivo sobre o programa. O segundo diz respeito às pessoas que recebem o benefício sem merecê-lo ou que o usam de forma inadequada; o terceiro, faz referência aos valores concedidos, considerados baixos em sua maioria, o que não garante um sustento apropriado às necessidades das beneficiárias; o quarto e último, se norteia pela sugestão de que, melhor que receber o benefício seria ter a possibilidade de ter um trabalho.

Neste primeiro eixo, observamos que o PBF é colocado como algo, essencialmente, positivo. Algumas participantes conhecem as críticas feitas pelo senso comum ao programa, mas refutam essas objeções, argumentando que, o PBF é bom porque auxiliou os pobres a saírem da condição de necessidade extrema e possibilitou aos que não podem trabalhar ter um sustento para sua família. Vejamos através das falas:

“Eu não vejo nada, eu acho que não, no meu ver, não tem nada de errado. É uma coisa que tão ajudando os pobre, que não tem condições de dá as coisa pros filho assim, muitas pessoa também não tem condições de dá material pro colégio bem dizê” (E4 JD). “Eu acho que não tem nada de ruim, como eu falo isso aí, eles dizem que isso aí deixa a pessoa mais preguiçosa em relação ao trabalho. Eu conheço pessoas, né, que não caminham e dependem disso aí, pessoas doentes e casos piores que o meu né, que dependem disso aí, né? Então eu acho que não tem nada de ruim, acho que o Bolsa Família é tudo de bom, então, acho que não tem nada” (E1 MC).

Essas falas denotam que o programa ainda é visto como uma “ajuda aos pobres”, como se dizer algo negativo a respeito do PBF seria estar desprezando essa bonificação dada pelo Governo às pessoas pobres. Isso tira a dimensão de que, o PBF como política social, é um direito previsto na Constituição às famílias em situação de pobreza, destituídas da sociedade de produção, que não possibilita acesso ao trabalho a toda a população.

Outra sorte de reflexões demonstra uma crítica às pessoas, também beneficiárias do programa, que ganham o benefício, mas na concepção das participantes, não precisariam dele.

Vejamos as verbalizações:

“Teve pessoa que eles chegavam nas casa, que não precisava tê esse benefício do Bolsa Família, muitas pessoa foi cadastrada errado, porque não tava precisando. Todas as casa, eles iam e eles sabiam, as pessoa falava, mentiam, que não ganhavam salário nenhum, eu acho né, porque como é que tu vai menti? Mas eles mentiram, depois agora que eles tão vendo que tem pessoa que não precisa (E4 JD). “Não, a única coisa que eu acho é que eles poderiam botar mais gente que tá precisando, que eu acho que tem muita gente botando dinheiro fora. (...) Eu acho que eles deveria investigar melhor, porque várias família que tão precisando aí, não tem” (E7 MC).

Na visão de nossas participantes, as pessoas que não precisam do benefício e o recebem, impedem que outras pessoas necessitadas sejam contempladas pelo programa. Essa afirmação traz em si uma crítica um pouco mais profunda: os gerenciadores do PBF, não estão sabendo discernir quem, realmente, precisa do benefício, dando essa renda, destinada às famílias pobres, a pessoas que poderiam sustentar-se com recursos próprios. Com essas premissas, parece que o programa começa a ser visto como algo de *direito* das famílias pobres, não podendo ser usufruído por pessoas que, comprovadamente, não se encontram nessa condição. Aqui, podemos dizer, há um começo de conscientização de que o programa de transferência de renda Bolsa Família é *direito* das famílias pobres.

Neste contexto, as participantes ainda citam que existem beneficiários que, mesmo necessitando da renda oferecida pelo programa, não o usam de forma adequada. As seguintes falas demonstram essa realidade:

“Não sei, porque olhando assim, as pessoa não sabe assim pegá e investi o dinheiro. Tem pessoas que não sabem, gastam com bobagem. (...) Eu acho que eles fazem

muita coisa que não é importante: compra cigarro, essas coisa assim, que não é pras criança é pra eles mesmo, porque o Bolsa Família é pras criança não pros adulto” (E14 MC). “Olha, é muita gente que usa o dinheiro pra muitas outras coisa que não é pra usar, é droga, é bebida é outro tipo de coisa, sabe?” (E8 MC).

Fica implícito, nessas falas, que a finalidade do PBF é utilizar a renda para o sustento dos filhos. Caso essa renda seja utilizada para outros fins, o merecimento do benefício é colocado em dúvida, como para as pessoas que recebem e não precisam desta renda, o que vimos nas falas anteriores. Se fossemos pensar nos critérios colocados por nossas participantes para merecer o programa, poderíamos dizer que a primeira condição seria comprovar a condição de pobreza. A segunda condição, seria a seleção de pessoas que soubessem quais são as finalidades do programa e que teriam as condições de usá-lo para estas finalidades, que se norteiam, principalmente, no sustento dos filhos.

Esses argumentos vêm ao encontro à característica de focalização do PBF que é destinado às famílias pobres, excluindo a possibilidade desses programas serem universais, ou seja, para todos que dele necessitassem, independente de serem pobres ou não. Outro fator semelhante aos princípios do PBF, diz respeito ao papel da mulher que, em suas diretrizes, é quem tem as melhores condições de gerir os recursos dentro de casa e portanto, teriam as condições necessárias para saberem usá-lo.

O que vemos nessas falas é que as regras do PBF estão bastante presentes na vida dessas mulheres, a ponto de fazerem críticas ao programa, quando ele mesmo não consegue dar conta dos princípios que contém. Também demonstram uma tentativa de lutar pelo que é seu e reconhecer que outras pessoas, em condições semelhantes às suas, mereceriam ganhar o programa em detrimento de outras que não valorizam esse benefício para os fins a que ele se destina. Além disso, encontram outros obstáculos na superação da condição de pobreza, que mesmo com a renda do programa, não dão conta de sustentar e manter sua família.

Essa crítica, voltada aos valores concedidos pelo programa, denota que estes não são suficientes para a manutenção e sustento da família. Esse fato está presente nas seguintes falas:

“Não mudou muita coisa, não mudou nada do que eu tinha, porque é pouco dinheiro que vem, aí mesmo, é pouco aí quando tu vê, tu não tem mais assim” (E14 MC). “Já nem tá dando muito, já o dinheiro tá bem desvalorizado, então tá conseguindo só ajudá, né, tem que fazê milagre né, tem que pegá o dinheiro comprá o leite, comprá o feijão e o arroz e compra o gás ainda, ia aumentá, né” (E4 JD).

Partindo do pressuposto de que os programas de transferência de renda foram criados como resposta à desigualdade social, as políticas de repasse de renda, na verdade, tentam suprir uma falha estrutural na organização da sociedade, que não possibilita acesso ao trabalho a toda a população (Couto e Martinelli, 2007). Contudo, os valores concedidos são sempre inferiores ao salário do trabalhador, para que este não perca o estímulo de trabalhar e produzir, seguindo a lógica do sistema capitalista, onde o trabalhador será explorado pelo dono do capital e temerá ser trocado por alguém que, na condição de excluído, aguarda por uma vaga no mercado de trabalho (Faleiros, 2007).

Encontramos aqui uma contradição: se os programas de transferência de renda, como o PBF, foram criados para dar conta da falta de trabalho, como os valores repassados podem ser inferiores às necessidades dos beneficiários? Uma resposta a esta questão, já colocada anteriormente, seria para não fazê-los perder a vontade de trabalhar. Mas de novo o impasse: qual a finalidade de manter seu desejo de trabalhar se não há trabalho para todos?

Talvez a resposta mais adequada a esta questão seria proporcionar aos beneficiários que pudessem falar sobre o quê precisam para seu sustento e a manutenção de sua família, sem ficarem subjugados à implementação de políticas que, muitas vezes, não condizem com a sua realidade. Porém, dar voz aos que não tem, representa ir contra os ditames do mercado

capitalista neoliberal, que insiste em manter a lógica de que os problemas coletivos, sociais, são secundários à acumulação do lucro.

Por outro lado, o desejo de que a possibilidade de trabalho existe, supera a necessidade de viver apenas com o recurso do PBF, como vemos na fala:

“o programa ali não é, só tu vivê de programa é muito pouco, 94 se tu bota na mão é muito pouco, tinha que sê mais. (...) O Bolsa Família é bom, mas é muito pouquinho, assim, um mês 94, pra um monte de criança não, acho que tinha que se aumenta ou um trabalho era melhor, né” (E5 JD).

Assim como esta participante, outras também colocam que, poder ter um trabalho, além de garantir o sustento da família, as faz sentir mais dignas, mais realizadas, do que viver da renda do benefício. Estas falas representam a preferência pelo trabalho:

“Eu acho bom, só eu acho que as pessoas não devem se acostumar só com o programa também. Eu pra mim queria que me arrumassem um serviço, que o Bolsa Família fosse pra dar um teto e depois vou te arrumar um emprego, vou te tirar disso aí, ai eu gostaria, porque daí tava me dando uma oportunidade pra mim trabalhá e sê alguém, que só com o programa a gente não vive, eu acho. Só dependê de programa, só dependê de governo não era, um dia acaba e daí?” (E5 JD). “Ah não sei, porque o Bolsa Família ajuda, mas trabalhando ajuda muito mais, porque rende mais, porque é um dinheiro acho que é um pouquinho mais do Bolsa Família e se for de carteira assinada aí é melhor porque a gente tem os direitos e quando vem a hora, a gente temos direitos. Eu gostaria muito de trabalhar” (E3 MC).

O trabalho aparece como algo que daria um novo caminho para suas vidas, tanto em relação ao sustento da casa, como ao seu sentimento de ser “sujeito no mundo” (Freire, 2005). Esse “ser sujeito”, significa poder refletir sobre a realidade, sobre sua situação concreta, para intervir na realidade de mudá-la. Nossas participantes parecem ter o desejo de poder

transformar sua realidade, a partir do trabalho, e se libertarem da condição de excluídas que a sociedade lhes impõe.

Essas reflexões não param por aí, seguem reverberando, tomando novas formas e lugares. Possibilitar às participantes refletirem sobre sua condição e sobre o programa no qual estão inseridas, o PBF, se faz na tentativa de que elas possam fazer uma aproximação e apreensão críticas da realidade em que estão inseridas, fazendo com que elas possam nos mostrar sua conscientização sobre o programa. Nas palavras de Freire, (2005) a consciência é um teste da realidade, um compromisso histórico e uma consciência histórica. Ela implica que “os homens criem sua existência com o material que a vida lhes oferece” (p.30). Assim, o conhecimento crítico da realidade possibilita que a história possa ser criada pelas próprias mãos de quem a vivencia: “Quanto mais conscientizados nos tornamos, mais capacitados estamos para ser anunciadores e denunciadores, graças ao compromisso de transformação que assumimos” (Freire, 2005, p. 32).

Considerações sem final

Neste trabalho, podemos observar as representações sociais de 20 beneficiárias do PBF, através de seus conhecimentos, idéias, sentimentos, significados e reflexões. Nele pretendemos mostrar os saberes das participantes, que consideramos saberes diferentes dos nossos, nem melhores, nem piores, mas saberes que revelam suas experiências únicas, singulares (Guareschi, 2004). É certo que não podemos generalizar essas discussões para todas e todos os contemplados pelo programa, mas o que podemos afirmar é que realizamos, com essas participantes, um diálogo sobre as suas experiências mais profundas com o PBF.

Do mesmo modo, não pretendemos fazer nenhum tipo de analogia ao programa sobre os benefícios ou malefícios de sua implementação. Nossa intenção é, justamente, mostrar o impacto que esse programa tem na vida das pessoas que o recebem e provocar discussões a

respeito desses impactos, de forma que o PBF possa, de fato, atender aos fins que se dispõe: acabar com a fome, diminuir a pobreza e promover a emancipação e autonomia das famílias.

Ao fazer perguntas às nossas participantes, também temos o intuito de fazer perguntas à sociedade e aos possíveis leitores desse estudo. É através das perguntas que chegamos ao conhecimento, à conscientização, ao estímulo para a curiosidade. Curiosidade pela realidade em que vivemos, para que possamos transformá-la numa realidade mais igualitária, onde todos têm seu “lugar ao sol”. Finalizamos com as palavras de Freire (2002, p. 51) “Radicalmente, a existência humana implica assombro, pergunta e risco. E, por tudo isso, implica ação, transformação”.

Referências

- Bardin, L. (2004). *Análise de Conteúdo*. (3 ed.). Lisboa: Edições 70.
- Barros, R., Henriques, R., e Mendonça, R. (2000). Desigualdade e pobreza no Brasil: Retrato de uma estabilidade inaceitável. [Versão eletrônica]. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, 42, p.123-142.
- Bauman, Z. (2005). *Vidas Desperdiçadas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- _____. (2008). *Vida para Consumo: A transformação das pessoas em mercadoria*. Rio de Janeiro: Zahar Editor.
- D’Ancona, M. A. Metodologia cuantitativa: Estratégias e técnicas de investigación social. Madrid: Síntesis, 1996.
- Freire, P.; Faundez, A. (2002). *Por uma pedagogia da pergunta*. (5 ed.). Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Freire, P. (2005). *Conscientização: teoria e prática da libertação* (3 ed.). São Paulo: Centauro.
- Governo Federal. (2003). *Lei 10.836*. Acesso em: Setembro, 2006. Disponível em: http://www.presidencia.gov.br/ccivil_Ato2006/2004/Lei/L10.836.htm.
- Guareschi, P. (2002). *Sociologia crítica: Alternativas de mudança*. (52 ed.) Porto Alegre: Edipucrs.

- _____. (2004) *Psicologia social crítica : Como prática de libertação*. Porto Alegre:Edipucrs.
- _____. (2007). *Psicologia Social e Representações Sociais: Avanços e novas articulações*. In: Veronese, Marília, e Guareschi, P. (orgs.) *Psicologia do Cotidiano: Representações sociais em ação*. (p. 17-40). Petrópolis: Vozes.
- Jovchelovitch, S. (2006). *Knowledge in Context: Representations, community and culture*. London: Routledge.
- Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS). (2004a). *Bolsa Família: Perguntas e respostas*. Acesso em: Setembro, 2006. Disponível em: <http://200.152.41.8/bolsafamilia02.asp>.
- Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS). (2004b). *Decreto 5.209 de 17 de setembro de 2004*. Acesso em: Setembro, 2006. Disponível em: http://200.152.41.8/decreto5_209.pdf.
- Moscovici, S. (2003). *Representações Sociais: Investigações em psicologia social*. (4 ed.). Petrópolis: Vozes.
- Thompson, J. B. (2002). *Ideologia e cultura moderna: Teoria social dos meios de comunicação de massa*. (6 ed.). Petrópolis: Vozes.
- Wessheimer, M. A. (2006). *Bolsa Família: Avanços, limites e possibilidades do programa que está transformando a vida de milhões de famílias no Brasil*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É preciso terminar. Mas, o que é terminar perguntou-me o orientador. Tentando arriscar responder, diria que terminar seria “dar um tempo”. Parar por uns instantes para (re) pensar no que já foi escrito, conversado, pensado. Terminar também se faz necessário para cumprir um protocolo burocrático e receber um título que como nosso modelo econômico capitalista, neoliberal insiste em instituir, me dará uma posição hierárquica na academia: serei mestre!

Contudo, isso seria ir por um lado oposto ao qual me propus escrever. Justamente, o que quis mostrar nesse trabalho é que jamais poderei saber mais que alguém ou mesmo *ser* mais que alguém. O que eu me propus foi reconhecer que o saber das pessoas consideradas dispensáveis, refugos da sociedade (Bauman, 2005), são apenas diferentes que os saberes científicos, são saberes da vida. Lamentei muito não ter podido explanar amplamente as idéias surgidas nas entrevistas, tendo que me deter aos aspectos principais. O modelo protocolado do Programa de Pós Graduação em Psicologia limitou-me a escrever dois capítulos com número de páginas contados, (como também me limitou a conhecer outras áreas que não a da psicologia) mas confesso que extrapolei um pouco esses limites.

Não quero, de forma alguma, idealizar o saber popular, mas mostrar que não há um estado absoluto de ignorância ou de saber. “Todo mundo sabe alguma coisa do mesmo modo que ninguém ignora ou domina todo saber” (Streck, D.; Redin, E.; Zitkoski, J. 2008, p.377).

De qualquer forma, seria impossível terminar esses dois anos de mestrado, e outros que vieram antes desses, nessas folhas de papel. As pessoas que encontrei, os caminhos por onde passei, não terminarão dentro de mim. Também, a luta pelo acesso aos direitos sociais através das políticas sociais, numa condição em que elas possam, realmente, dar conta da pobreza e da desigualdade, é o que motiva a seguir essas linhas adiante.

Contudo, penso que outra grande luta está em mostrar à comunidade acadêmica que os saberes da vida, da experiência prática, são conhecimentos valiosos, tais quais os que geramos em laboratórios e que são considerados científicos. Guareschi (2002, p.18) diz que a ciência é “um conjunto de teorias que tentam explicar a realidade” então, por que não deixar a própria realidade falar por si mesma?

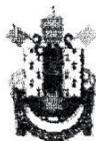
Referências

Bauman, Z. (2005). *Vidas Desperdiçadas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

Guareschi, P. (2002). *Sociologia Crítica: Alternativas de mudança*. 52 ed. Porto Alegre: Edipucrs.

Streck, D.; Redin, E.; Zitzkoski, J. (orgs.) (2008) *Dicionário de Paulo Freire*. Belo Horizonte: Autêntica, p. 377.

ANEXOS



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul¹
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Ofício 1410/07-CEP

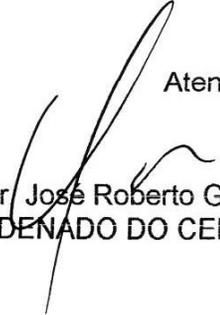
Porto Alegre, 26 de novembro de 2007.

Senhor(a) Pesquisador(a):

O Comitê de Ética em Pesquisa da PUCRS avaliou seu protocolo de pesquisa intitulado: "**Representações sociais do programa bolsa família**" e, solicita retornar com modificações com as observações em anexo, feitas pelo CEP-PUCRS.

Solicitamos responder as questões abaixo e, qualquer modificação feita no texto do protocolo ou em outro documento, deverá ser indicada com número da página e linha.

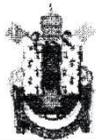
Atenciosamente,


Prof. Dr. José Roberto Goldim
COORDENADO DO CEP-PUCRS

Ilmo(a) Sr(a)
Prof Pedrinho Arcides Guareschi
N/Universidade

PUCRS

Campus Central
Av. Ipiranga, 6690 – 3º andar – CEP: 90610-000
Fone/Fax: (51) 3320-3345
E-mail: cep@pucrs.br
www.pucrs.br/prppg/cep



Questões levantadas pelo CEP – PUCRS

- *Solicita-se anexar a carta de autorização da Prefeitura Municipal de Porto Alegre para que o estudo possa ser desenvolvido.*

PUCRS

Campus Central

Av. Ipiranga, 6690 – 3º andar – CEP: 90610-000

Fone/Fax: (51) 3320-3345

E-mail: cep@pucrs.br

www.pucrs.br/prppg/cep

Porto Alegre, 03 de novembro de 2007.

Ilmo. Sr

Prof. Dr. José Roberto Goldim

DD. Coordenador do CEP-PUCRS

Prezado Prof. Goldim,

Recebi, hoje cedo, sua comunicação solicitando retornar o projeto de pesquisa “Representações sociais do programa bolsa família” com modificações, conforme as observações. E as observações diziam: “Solicita-se anexar a carta de autorização da Prefeitura de Porto Alegre para que o estudo possa ser desenvolvido”.

Após refletir sobre a solicitação feita, e tendo conversado com alguns colegas, pensei em fazer-lhe algumas consultas antes de progredir na busca dessa carta, também porque nem sei por onde começar, já que a Prefeitura de Porto Alegre é uma instituição ampla e complexa, como toda burocracia. Além do mais, tenho vários colegas que estão desistindo de fazer pesquisas que, mesmo indiretamente, tenham a ver com seres vivos ou instituições, pois não conseguem dar conta das inúmeras exigências solicitadas.

Meus pensamentos caminham na seguinte linha:

- Tendo como ponto de referência fundamental que as questões éticas que devam ser levadas em consideração na pesquisa têm a ver com “seres humanos”, isto é, pessoas, e estando bem claro no projeto que será preenchido um termo de consentimento com as mulheres entrevistadas que recebem bolsa família, fico me perguntando se essa questão ética abrangeria também uma instituição que apenas aplica recursos vindos de outra instituição, o Governo Federal, e exigindo que ela desse permissão para a pesquisa. Aliás, não seria o caso, logicamente, de solicitar permissão ao Governo Federal, pois é a primeira fonte de recursos?

- Mas minhas preocupações vão mais além e se ligam também, e principalmente, com a questão da liberdade de investigação, característica fundamental da liberdade de pesquisa, que faz parte integrante da liberdade da Universidade. Só há verdadeira universidade se nela houver liberdade de investigação. Por que digo isso? Exatamente por que todo estudioso das

instituições sabe, como muito bem nos mostra Foucault, que toda instituição, à medida que se estabelece, cria e desenvolve relações de poder, de vários matizes. É algo constitutivo delas. Agora me pergunto: minha pesquisa é sobre uma prática social recente, chamada “bolsa família”. Tal prática vem sendo questionada por diversas vozes na sociedade, com sugestões, da parte de muitos, que se constitui numa prática assistencialista. Pelo projeto, nós iremos, como foi dito, tentar compreender e investigar essa prática a partir das falas de mulheres que recebem tal benefício. Essas mulheres estarão plenamente livres de responder ou não, e de interromper a investigação no momento que quiserem. Além de tudo, seu anonimato está garantido, e isso está no próprio termo de consentimento. Vem agora a questão: Se, supostamente, a instituição “Prefeitura Municipal de Porto Alegre”, através de algum de seus funcionários responsável pelo programa, suspeitar que isso poderá trazer algum prejuízo à instituição e negar a permissão, como ficamos? Como avançar na pesquisa em ciência social e institucional? A liberdade de pesquisa na Universidade, algo fundamental para que a Universidade seja livre, continuará a ser garantida? Quem poderá pesquisar instituições, ou práticas institucionais, se devemos pedir permissão a elas para pesquisá-las?

O que ficamos nos perguntando é o seguinte: há algum ser humano que será ferido em seus direitos e em sua ética com a pesquisa? É a instituição que irá garantir isso e por isso ela deverá dar a permissão para se realizar a investigação? A permissão não poderá ser negada pelo fato de se suspeitar que o programa contém limitações pedagógicas, ao menos como supõem alguns pensadores sociais? Quem irá investigar as práticas das instituições, se isso depende das próprias instituições interessadas?

A pari, temos feito muitas investigações sobre práticas pastorais, principalmente na Igreja Católica e em outras Igrejas, mas nunca nos passou pela cabeça pedir permissão ou aos bispos e, no caso da Igreja Católica, à CNBB. Pesquisamos, como no caso presente, *peessoas*, seres humanos, e para com eles nos sentimos responsáveis.

Talvez a questão de fundo, aqui, esteja no esclarecimento que deve ser feito entre pessoas e instituições. Até entenderíamos que a instituição devesse ser consultada se houvesse alguma relação intrínseca entre as pessoas e instituições. Mas não vejo que uma mulher do povo, numa periferia de Porto Alegre, pertença, ou tenha algo a ver com a Prefeitura, pelo fato de receber um benefício, isto é, uma pequena quantia em dinheiro, com a qual ela faz livremente o que deseja. Tenho dificuldade em conseguir ver possíveis prejuízos *a seres humanos*, quando são investigadas determinadas práticas subjacentes à atividade de

determinadas instituições. Pelo contrário, penso até que essas instituições deveriam garantir e agradecer tais investigações.

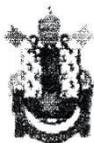
Pois eram essas considerações que gostaria de dialogar com o Senhor, pensando que, talvez, possa ser dispensada essa autorização da Prefeitura. Fico no aguardo das decisões de V.S.

Com saudações e amizade,

Prof. Pedrinho A.Guareschi

Orientador do Projeto de Mestrado “Representações sociais do programa bolsa família”.

Em tempo: Conversando com minha orientanda, fiquei sabendo que a lista de mulheres que recebem bolsa família está disponível no site da Caixa Econômica Federal, de modo que isso dispensaria até mesmo dirigir-se à Prefeitura. Escolheríamos uma mulher e, através dela, no processo metodológico que se costuma chamar de “bola de neve”, iríamos descobrindo outras, até fechar a amostragem.



Ofício 025/08-CEP

Porto Alegre, 04 de janeiro de 2008.

Senhor(a) Pesquisador(a)

O Comitê de Ética em Pesquisa da PUCRS em resposta a sua correspondência referente ao protocolo de pesquisa intitulado: **“Representações sociais do programa bolsa família”**: sobre a solicitação da carta de autorização da Prefeitura de Porto Alegre tinha outro fundamento a informação prestada pelos autores, dessa ser a fonte de acesso aos dados de identificação da participante do programa Bolsa Família. Foi uma solicitação visando exclusivamente proteger a privacidade das participantes deste programa, que por si só, já os tornam vulneráveis.

A nova informação contida no *post scriptum* da sua carta altera o processo, ao se basear em uma fonte de acesso a registros tornados públicos, ou seja, sem que haja a interveniência de algum gestor público ou privado para permitir o acesso.

O papel dos Comitês de Ética em Pesquisa, longe de ser um elemento cerceador da liberdade dos pesquisadores, é uma salvaguarda social para a adequação ética das pesquisas.

Aguardando o envio da nova versão do projeto com a alteração na forma de coleta de dados, coloco-me ao inteiro dispor para outras questões que forem necessárias esclarecer.

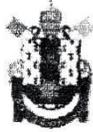
Atenciosamente,

Prof. Dr. José Roberto Goldim
COORDENADOR DO CEP-PUCRS

Ilmo(a) Sr(a)
Prof. Pedrinho Arcides Guareschi
N/Universidade

PUCRS

Campus Central
Av. Ipiranga, 6690 – 3º andar – CEP: 90610-000
Sala 314 – Fone Fax: (51) 3320-3345
E-mail: cep@pucrs.br
www.pucrs.br/prppg/cep



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Ofício 130/08-CEP

Porto Alegre, 27 de fevereiro de 2008.

Senhor(a) Pesquisador(a)

O Comitê de Ética em Pesquisa da PUCRS
apreciou e aprovou seu protocolo de pesquisa registro CEP 07/04003, intitulado:
"Representações sociais do programa bolsa família".

Sua investigação está autorizada a partir da
presente data.

Relatórios parciais e final da pesquisa devem ser
entregues a este CEP.

Atenciosamente,


Prof. Dr. José Roberto Goldim
COORDENADOR DO CEP-PUCRS

Ilmo(a) Sr(a)
Prof Pedrinho Arcides Guareschi
N/Universidade

PUCRS

Campus Central
Av. Ipiranga, 6690 – 3º andar – CEP: 90610-000
Sala 314 – Fone Fax: (51) 3320-3345
E-mail: cep@pucrs.br
www.pucrs.br/prppg/cep



**Programa de Pós-Graduação em Psicologia
Mestrado / Doutorado**

ATO NORMATIVO Nº 002 / 07

MODELO DE DISSERTAÇÕES E TESES:

A Comissão Coordenadora, no uso de suas atribuições, em relação ao novo modelo de teses e dissertações, **RESOLVE:**

I - ELEMENTOS FORMAIS

CAPA - AZUL (MODELO PUCRS)

FOLHA ROSTO - CENTRALIZADA

FOLHA ROSTO COM OBTENÇÃO DO TÍTULO – NO VERSO DESTA FOLHA DEVE CONSTAR A FICHA CATALOGRÁFICA

FOLHA ROSTO COM NOMES DA BANCA EXAMINADORA

DEDICATÓRIA (OPCIONAL)

AGRADECIMENTOS (OPCIONAL)

RESUMO e PALAVRAS-CHAVE/ ABSTRACT e KEY WORDS DA DISSERTAÇÃO/TESE

SUMÁRIO

TABELAS

LISTA DE FIGURAS

QUADROS

LISTAS DE SIGLAS

NÚMERO DA ÁREA DO CNPq

II – INTRODUÇÃO

O objetivo desta introdução é descrever todo o processo de pesquisa para a elaboração da tese ou dissertação, desde a escolha do tema até o final da investigação. Deverá contemplar o planejamento e desenvolvimento do estudo bem como a apresentação dos resultados e discussão. É importante que essa introdução retrate o processo de construção do conhecimento do/a aluno/a.

A Introdução pode ser elaborada **como um texto único** ou **ser dividida em tópicos** como os sugeridos abaixo:

a) Temática da Dissertação/Tese

Contextualizar o tema na atualidade/contemporaneidade. Explicitar os fundamentos teóricos, considerando a área do conhecimento em que o estudo está inserido, explicitando a relevância do tema pesquisado.

b) Justificativa

Abordar a importância do tema estudado, no sentido de mostrar em que, como, por que e para o que pode contribuir para a produção de conhecimento.

c) Objetivos

Fazer constar os objetivos da pesquisa, evidenciando as modificações que possam ter ocorrido no processo de construção da dissertação/tese.

d) Operadores/Conceitos/Ferramentas teóricas

Apresentar os conceitos/operadores e perspectivas teóricas que fundamentam a pesquisa, indicando a perspectiva/o paradigma teórico, assim como a área do conhecimento na qual o estudo se situa.

e) Problema/Hipóteses e Questões da Pesquisa

Descrever o problema geral da pesquisa e, dependendo da abordagem, explicitar as questões ou das hipóteses da pesquisa.



f) Do Contexto/Campo de Pesquisa

Descrever o contexto no qual a pesquisa aconteceu, ou seja, espaço, local, lugar, que pode ter sido uma instituição, uma cidade, uma política, etc.

g) Metodologia de Pesquisa

Descrever todos os procedimentos utilizados para a realização da pesquisa, considerando população, participantes, métodos, técnicas de levantamento de dados e de análise dos resultados.

h) Apresentação da Dissertação/Tese

Descrever a proposta de estruturação do trabalho. Para tanto, o/a autor/a oferece uma visão integrada do trabalho apresentado, indicando a forma de organização do conteúdo em cada sessão/parte/capítulo do documento.

i) Referências

Listar todas as referências utilizadas na Introdução.

Este modelo possibilita transformar com facilidade uma parte, um capítulo, ou uma seção da Dissertação e/ou da Tese em material para a publicação. Além disso, o modelo proposto para a introdução informa detalhadamente as características do tema escolhido, o enfoque, a abordagem e a metodologia do trabalho realizado.

III – CAPÍTULOS/PARTES/SEÇÕES

Cada capítulo/parte/seção equivale ao que pode vir a ser transformado em capítulo de livro ou artigo de revisão/teórico (na dissertação e na tese) e ao primeiro artigo empírico (na dissertação e na tese) e ao segundo artigo empírico (na tese). Cada uma dessas partes forma em si um todo com Introdução, Objetivos, Método, Resultados, Considerações Finais, Referências, Anexos.

IV – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tecer as considerações finais da dissertação ou tese como um todo, ou seja, como o conjunto dos materiais para dar um fechamento a tudo o que é explanado na Introdução. Listar as referências dessa parte.

V – ANEXOS

Aprovação do Comitê de Ética

OBSERVAÇÃO: Permanece como optativa, na ocasião da defesa, segundo critérios da orientação do trabalho, a entrega, como documento em separado, do Projeto da Dissertação/ Tese.

ATENÇÃO: O novo modelo de dissertações e teses acima é obrigatório para todos os alunos ingressantes no ano de 2007. Para alunos anteriormente matriculados é optativo.

Este Ato Normativo entra em vigor a partir da presente data, anulando as resoluções anteriores referentes a publicações.

Porto Alegre, 06 de novembro de 2007.

Prof.^a Dra. Maria Lucia Tiellet Nunes

Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia

ANEXO 7 - ENTREVISTAS

E1 Morro da Cruz - 00:12' - 24/04/2008 – 10:45

É o seguinte: há quanto tempo tu recebes o Bolsa Família?

Há seis anos.

Seis anos? E como tu ficou sabendo que podia receber o Bolsa Família?

Foram duas pessoas na minha casa. Há uns anos atrás eles andavam fazendo uma pesquisa tipo IBGE e ali eu fui inscrita numa dessas turmas, que eu não sei dizer o nome, então eu me inscrevi na minha casa mesmo.

E eles te disseram o que tu precisava fazer pra te inscrever no Bolsa Família?

Precisava era... na época que eu me inscrevi eles me perguntaram se eu tomava medicação pelo problema que eu tenho e tudo foi aonde que eles me encaixaram, porque eu tenho isquemia cerebral, né, tomo medicação, não tenho renda nenhuma, a única renda que eu tenho é o Bolsa Família.

Então tu não faz nenhuma outra atividade pra conseguir renda?

Eu não faço, porque não consegui. Eu já fui em vários lugares e no último que a minha filha me levou olhou pra doutora ela disse pra médica: eu vou arrancar um braço e uma perna da minha mãe e aí vocês vão ver o problema que ela tem. Porque olhando, realmente, não parece que eu tenho, mas eu tenho né? Eu não consegui, tenho só o Bolsa Família.

E quanto é que tu estás ganhando com o Bolsa Família?

Eu comecei com 65 eu tenho dois netos e agora a minha neta entrou no pré aí eles me aumentaram para 94 reais.

E dá pra viver bem com esse dinheiro? Como é que é?

Viver bem não dá né, porque cada mês dá pra comprar uma coisa, por exemplo essa última vez eu fiquei dois meses sem gás, aí se eu compro gás não dá pra comprar comida e eu não tenho ajuda da minha filha, que no caso é a mãe dos netos, eu não tenho ajuda. A minha outra filha me dá às vezes umas roupas e uns calçados, mas no caso essa não me ajuda em nada. Então é a minha única renda.

E como tu faz para continuar recebendo o Bolsa Família? Tem alguma coisa que tu fazes para receber o Bolsa Família?

As crianças não faltarem à aula, quando faltar tem que atestar, levar o atestado do porquê da falta na criança do colégio.

E se a criança falta, o que pode acontecer?

Se falta muitas faltas, excesso de falta a criança fica na base de 1 a 2 meses sem receber e quando volta a receber tem um prazo ali e a terceira falta, se ela falta a terceira vez que é cortado o Bolsa, não recebe mais e eu acho que isso aí é certo porque já tão dando essa ajuda pra não ter desculpa da criança não tem isso não tem aquilo é um ponto forte que eles façam isso porque é a maneira de fazer com que os pais tenham compromisso.

E quem cuida essas faltas por exemplo, quem cuida pra saber se a criança está faltando muita aula?

É o colégio, quem faz é o colégio. Aí os pais são chamados pra saber o motivo de tanta falta quando não é prejudicado. O colégio vê quem tem falta e aí chamam os responsáveis para saber o porque. Mas quem cuida as faltas é o colégio.

E tem mais alguma coisa que precisa fazer pra ganhar o Bolsa Família? Pra continuar ganhando além do filho na escola?

Que eu saiba não.

E o que tu acha do Bolsa Família? Qual tua opinião?

Eu pra mim eu acho que é pouco num lado, mas no outro lado, pra mim que não tenho nada é muito. Porque é o meu pão de cada dia, como se diz. Ele fala alto por todos os meus quatro cantos de dentro da minha casa.

E até quando tu acha que vai ganhar o Bolsa Família? O que tu imagina, até quando?

Uns falam que é até os 14, outros falam que agora é até os 17 anos. Até os 17 por causa dos outros auxílios, que eu to sabendo é só esse.

E se acabar?

Uii fico louca né? pronto, aí tira meu tapete. Pra mim é uma coisa que deveria ser pra sempre. Porque governo, o presidente eles fazem tantas coisas, tantos prédios nem é preciso tanta coisa, várias coisas, nem é preciso tão grande, coisas que eles poderiam continuar sempre dando essa ajuda pras pessoas pobres.

Tu acha alguma coisa ruim no Bolsa Família? o que teria de ponto negativo?

Eu acho que não tem nada de ruim como eu falo isso aí, eles dizem que isso aí deixa a pessoa mais preguiçosa em relação ao trabalho. Eu não vejo por aí porque tem muita gente que ...eu conheço pessoas, né que não caminham e dependem disso aí, pessoas doentes e casos piores que o meu né, que dependem disso aí, né? então eu acho que não tem nada de ruim, acho que o Bolsa Família é tudo de bom, então acho que não tem nada. O Bolsa Família acho que é tudo de bom.

O que mudou na tua vida?

Ahhhh muitas coisas... principalmente a cama que eu durmo hoje (fica um tempo em silêncio e depois chora).

Tu conseguiu comprar uma cama?

(Faz sinal que sim e chora mais).

O que mais tu acha que mudou?

A comida pros meus netos, porque muitas pessoas que eu vejo só vivem na rua, as pessoas não sabem o que eu passo, ela (aponta para uma amiga que está no posto) ali sabe. (A mulher confirma que é assim). Foi a filha dela (da amiga) que me deu alguma ajuda pros meus netos. Então tu imagina, né, pra mim o Bolsa Família é tudo de bom. Como dizem, tem pessoas que recebem e não precisam, eu acho que todas as pessoas que recebem precisam, porque as pessoas são investigadas, têm muitos que são visitadas na casa né, então eu acho que nós temos porque a gente precisa.

E como são essas visitas nas casas? Quem faz?

Eu não tive visita ainda, né, eu não tive visita ainda mas essa visita deveriam ser assim ó: chegar, chegou, não avisar o dia que tu vai na casa, acho que tem que chegar de surpresa pra ver como a pessoa vive mesmo.

E a visita é com esse objetivo: ver como a pessoa vive?

É, ver como a pessoa vive, porque tem pessoas, né, como eu te digo, tem pessoas que acham que as pessoas não precisam, como tem pessoas como agora a semana passada que tu vê, sobe e desce, sobe e desce, eu não falei isso pra ti sobe e desce e deve viver às mil maravilhas né, mas eu não vivo mil maravilhas, eu faço algumas coisinhas em casa né, mas às vezes eu vendo, às vezes eu não vendo, sabonetes né, sabonetes decorados.

E tu consegue um dinheirinho com o sabonete?

Às vezes eu consigo uns dez, 15 reais entendeu? como agora mesmo, esse ano eu não vendi nenhum, então é uma coisa que se me tirarem o Bolsa Família é puxar o tapete e me jogar no chão.

Com quem tu moras em casa?

Eu moro numa peça na casa da minha irmã.

E quem mora contigo?

Comigo moram dois netos, um de 12 e a menina de 6 anos e é deles que eu pego, que eu recebo, né.

E o Bolsa Família é a renda que...

É a minha renda pra tudo, pra comida, pra tudo.

O que tu faz mesmo com dinheiro?

Meu sustento, né...

Tem alguma coisa mais que tu gostaria de me dizer além disso, sobre o Bolsa Família, como é a tua vida com ele, como é a tua experiência com ele.

O que eu tinha que te dizer foi o que eu te disse, né? ele é tudo né? Ele dorme comigo e se acorda comigo, né. Era isso que eu tinha pra te dizer,

Porque tu imaginas que o governo fez o Bolsa Família?

Eu acredito que seja pra ajudar as pessoas necessitadas e até que enfim né, entrou o Lula e fez alguma coisa pelos pobres, né e espero que ele continue por muitos anos. Se ele sair puxa o tapete não só meu como de todos, todos que precisam né (risos).

Nesse tempo que tu recebes o Bolsa Família, tu tentaste buscar um trabalho pra ganhar mais algum dinheiro...

Eu fiz esse curso de cestaria (supõe-se que seja antes do BF, conferir há quanto tempo...), sabonete né, essas coisas, mas é como eu te disse, às vezes eu vendo, às vezes não vendo. Como ano passado eu vendi bastante sabonete, esse ano já não vendi nada, nada, nada, nada. A gente já tá quase na metade do ano e eu não vendi um.

E porque tu achas que não conseguiu vender?

Porque as pessoas não têm. Como aqui mesmo onde que eu moro, pra vendê um sabonete é pra ser vendido a 15 reais, porque eu trabalho, eu pinto, faço decoração, eu trabalho, é uma coisa que é um artesanato, mas como eu vou vender a 10, 15 reais aqui, não tem como vender e lá no centro eu não posso andar porque eu tenho problema nos pés, eu tenho isquemia às vezes me esqueço, esses tempo fui botar a chaleira no fogo e botei no forno, então eu me viro dentro de casa mesmo.

Então muito Obrigada.

E2 Morro da Cruz- 00:10' – 24/04/2008 – 11:14

Quanto tempo faz que tu recebes o Bolsa Família?

Desde que começou.

Mais ou menos que ano? Lembra?

Acho que 2003, eu acho, não lembro, bem.

Como tu ficaste sabendo que podia receber o Bolsa Família?

Foram na minha casa.

Quem foi na tua casa?

Foi uma senhora na minha casa pra perguntar se eu queria fazer a inscrição da Bolsa Família, aí eu aceitei e tive que apresentar o documento de todos da família, fizeram a minha ficha e aí um tempo depois, acho que 1 mês depois, ou 2, veio uma cartinha da Caixa dizendo que eu tinha sido aceita podia receber e aí eu já recebi naquele mesmo mês.

E tu moras com quem em casa?

Meu marido e meus quatro filhos.

E essa pessoa disse se tu tinhas que fazer alguma coisa pra ganhar o Bolsa Família, além da ficha, que mais tu tinhas que fazer?

Acho que eu deveria participar de uma casa, não sei, agora não lembro, tinha que participar pra saber, pra participar das palestras, se eu quisesse arrumar trabalho.

E alguém da tua família trabalha? tu trabalhas?

Meu marido.

O que ele faz?

É carroceiro.

E tu faz alguma coisa pra conseguir dinheiro, renda?

Eu faço umas diárias, de vez em quando, né.

E o que tu precisa fazer pra continuar recebendo o Bolsa Família, tem alguma coisa que tu precisa fazer?

Eu tenho que manter meus filhos sempre no colégio, trazer sempre o pequeno e o meu de sete anos no posto pra pesar, medir, é isso.

Só isso?

Só.

O que tu pensa sobre o Bolsa Família?

Eu acho que é um sossego pra muitas pessoas né, que não tem da onde tirar uma renda. Eu acho que ajuda muito, na minha casa, por exemplo, me ajudou muito porque as minhas filhas tudo elas tão querendo estudar graças a isso e a minha mais velha já terminou o segundo grau, graças ao Bolsa Família, que dá pra comprar o material, passagem escolar, agora a outra tá fazendo o segundo grau também, eu compro as passagem dela, o material escolar tudo com Bolsa Família.

E antes elas não iam na escola?

Iam na escola, mas eu não sei se elas iam poder fazer o segundo grau né, a minha filha mais velha fez curso de informática tudo direitinho com as vantagens, né?

Tu vê alguma coisa ruim no Bolsa Família?

Eu acho que tem algumas pessoas que não tem necessidade e recebem, isso eu acho errado. Acho que deveria ter uma seleção melhor.

E como tu acha que deveria ser, mais ou menos essa seleção?

É tudo moderno, né? Acho que deveria investigar melhor pra ver se a pessoa tem necessidade ou não de receber.

O que mudou na tua vida depois que recebeu o Bolsa Família?

Ajudou muito, acho que só com essa economia que eu fiz com o estudo da minha filha o meu marido pôde investir mais na nossa casa, né que agora tá quase pronta que antes tava parada e agora tá quase pronta, a gente pode investir porque a gente economizou e investiu na nossa casa.

E até quando tu achas que vai receber o Bolsa Família?

Até quando o Lula tiver no governo.

E se acabar o Bolsa família, já pensou nisso?

Já.

Como é que será que vai ficar? (silêncio) como vai ficar a tua vida se acabar o Bolsa Família?

Ele vai fazer falta, claro, mas eu pretendo trabalhar, né? Eu não vou pará a minha vida, não vou tirar os meus filhos do colégio, né. Agora, muita gente vai ficar prejudicada, muita gente que não tem da onde tirar, vai ficar prejudicado.

E tu dissesse que faz umas diárias?

É faço umas diárias

E isso dá pra se manter? Se não tivesse o Bolsa Família teria como...

Não acho que não, não daria.

E o que tu teve que mudar na tua vida, na vida da família quando tu começou a receber o Bolsa Família? Que tu teve que mudar pra ganhar o Bolsa Família?

Não, não mudou nada, porque as minhas filhas já estavam no colégio a menina que tá com nove anos agora já fazia tudo pesa, medi, só fazer acompanhamento. Já fazia isso é só continuá fazendo sempre.

Tem que continuar pra continuar recebendo, tá. Por quanto tempo tu acha que o Bolsa Família deveria durar?

Eu não sei, acho que até as pessoas tiverem condições, né de ter uma renda própria né, eu acho que aquelas pessoas que não tem condições de trabalhar e não tem da onde tirar deveriam receber sempre.

Como é que tu faz pra pegar esse dinheiro?

Eu vou todo mês na agência lotérica, ou no banco com o cartão e a senha eu pego.

E o que tu faz com esse dinheiro quando tu pega ele na mão, o que tu faz com ele?

Primeira coisa que eu faço é comprar a passagem escolar da minha filha e arrumo material pra ela porque no segundo grau eles não tem livro, não tem nada, o colégio não dá nada, a pessoa que tem que comprar então eu invisto só nisso, compro a passagem dela e o material escolar dela e do irmão dela.

Quanto tu estás recebendo?

112.

E vai direto pra passagem escolar ou tem mais alguma coisa que tu faz com esse dinheiro?

Vai direto pros material, passagem e material escolar deles.

E alimentação como é que fica?

Ah, isso é o meu marido que com o trabalho já fazia, com as viagens dele, já trazia.

Ahan. Acho que mais ou menos é por aí. Eu não sei se tem mais alguma coisa que tu gostaria de me falar sobre o Bolsa Família? Em que dificuldades maiores ele te ajudou?

Foi nessa época que a minha filha terminou a oitava série e queria fazer o segundo grau e eu não tinha condições de pagar as passagens dela nem de comprar o material dela, ela não ia fazer o segundo grau aí quando eu recebi a cartinha da caixa dizendo que eu tinha sido aprovada foi a maior ajuda, fiquei muito feliz. Que ela fez o segundo grau, hoje já trabalha, graças ao que eu ajudei. Agora no ano que vem ela vai entrar no colégio e vai fazer uma faculdade, tudo graças ao Bolsa Família, que ajudou a gente e o meu marido é que traz o que tem pra gente comer né. Agora tem a outra né, que ta fazendo seis anos que começou o primeiro ano do primeiro grau eu pretendo que ela termine o segundo grau.

Por que tu imagina que o governo criou esse programa?

Eu não sei, prá ajudar né as pessoas que não tem condições, pra manter as crianças no colégio.

Então mais ou menos é isso, muito obrigada, viu.

E3 Morro da Cruz – 00:13’- 24/04/2008 – 11:29

Quanto tempo a senhora recebe o Bolsa Família?

Faz 2 anos.

Como é que tu ficaste sabendo que tu podia receber o Bolsa Família?

Eu fiquei sabendo pelo colégio. Quando eu fui fazer a inscrição a primeira vez aqui no Morro, que eu fui, eu fiz a inscrição e não ganhei e aí depois no colégio chamaram meu guri aí todos estavam ganhando, aí ele se inscreveu, aí ele se inscreveu e aí eles inscreveram ele, aí eu comecei a ganhar e veio o cartão e tudo certinho no outro mês e comecei a ganhar o Bolsa Família. Aí esse mês que veio foi uma ajuda enorme com o material escolar, que a gente gasta muito né? Como tem muitos filhos num mês compra caderno pra um, no outro compra sapato pro outro. É bom, em casa essa ajuda. Meu marido é alcoólico ele bebe tem mês que ele gasta e aí não dá tem que fazer conta no armazém contando com o dinheiro do Bolsa Escola. Eu agora meu filho que me ajudava tem 20 anos, levou um tiro na cabeça e ficou com seqüelas então pra comprar remédio pra ele já ajuda

Então porque mesmo, se a gente fosse dizer, que tu foste atrás de conseguir o Bolsa Família?

Eu fui mais atrás por causa da alimentação das crianças mesmo, né teve uma época aqui que eu andava doente, sem as coisas em casa aí por eles mesmo, sapato, porque eles andavam indo com o sapato rasgado pro colégio, então foi uma benção que Deus ajudou que veio um dinheirinho pra gente ganhar.

O que tu precisa fazer pra continuar recebendo o Bolsa Família, pra não perder?

Manter os filhos no colégio (risos), manter as crianças no colégio.

Só isso tem mais alguma coisa?

Eu acho que é isso, né, acho que é isso né. Tem os pequenos que tem que pesar não é, manter a vacinação em dia, né normal né. Agora os menor de casa é um de 14 e o outro de 12 e outro com 16. To pegando mais agora pros grandes.

Quem mora contigo na tua casa?

Mora eu, meu esposo e sete filhos, é sete filhos.

E tu tá ganhando quanto pelo Bolsa Família?

R 94,00 é porque tem o de 12 e diminuíram porque um saiu do colégio, o outro de 17 anos saiu do colégio e tá diminuindo agora foi pra 94.

Tem alguma pessoa na tu casa que ganha por outro meio que não o Bolsa Família?

Tem o meu marido que trabalha servente de obras né, tem ele. E agora minha guria, pegou um serviço de babá ela ganha 200 pila por mês né, mas ela tem 19 anos ela compra roupa pra ela né, as coisinha dela também, mas ela me ajuda.

E a senhora já trabalhou?

Sim eu sempre trabalhei mais de faxina lava roupa pra um e pra outro nunca trabalhei de carteira assinada sabe? Até tá me fazendo falta assim, porque se não a gente tenho problema de coração também. Até esse mês eu tive que fazer uma ecografia e nisso o Bolsa Família me ajudou. Tive que fazer urgente, não dava prá esperar até o dia pelo SUS né, e tive que pagar e foi do Bolsa Família que eu tirei

E a senhora ainda faz algum trabalho assim?

Agora no momento eu não to trabalhando porque eu não tenho quem cuide do meu guri que ficou com seqüelas ele ficou um pouco sem visão então... ele virou uma criança de novo né então tem que estar com ele, levar pro médico, comprar remédio pra ele, né. Então agora esse mês eu tive que ir no médico e tive que deixar ele com meu outro guri em casa com ele pra eu poder ir, né.

E se alguém te oferecesse um trabalho que tu não poderia mais ganhar o Bolsa Família?

Aí teria que trabalhar, né?

Mas o que tu preferiria: trabalhar ou ganhar o Bolsa Família?

Trabalhar.

Por que?

Ah não sei, porque o Bolsa Família ajuda, mas trabalhando ajuda muito mais porque rende mais, porque é um dinheiro acho que é um pouquinho mais do Bolsa Família e se for de carteira assinada aí é melhor porque a gente tem os direitos e quando vem a hora a gente temos direitos. Eu gostaria muito de trabalhar.

Até quando tu acha que vai ganhar o Bolsa Família?

Aí, não sei, porque acho que é até os 17 anos, 17 anos, né? Que a criança pega enquanto tivé estudando né? Eu acho que até a minha guria de 13 anos fazer 17, não sei, ou se é o governo se vai deixar ou não.

E se acabar o Bolsa Família, como é que vai ser?

A gente tem que... tu tem manter a casa com a força que o marido ajuda, né. Procurar trabalhar, fazer um monte de coisa tu faz guardanapo, quando der tu compra ... Esse Bolsa Família me ajudou muito, porque eu compro o material pra fazer em casa e vender, e ajuda bastante em casa porque é 10, 15 pila um arranjo que a gente faz então ajuda. Porque a gente não fica parada, parada né, esperando só pelo Bolsa Família. O Bolsa Família ajuda mas não dá só pra ficar esperando por ele, né?

O que mudou na tua vida depois que tu ganhou o Bolsa Família?

Olha, pouca coisa (risos), pouca coisa. Eu continuo numa coisa porque eu tenho muito filho dentro de casa, então o Bolsa Família não ajuda muito. Mas o pouco que ganho tô contente porque se também não tiver, as gurias, uma tá na oitava série, então elas querem um caderninho, umas canetas então por um lado ele ajuda muito.

Não mudou muito, mas o que mudou mesmo?

Um pouco foi no material escolar que não tinha, nós não tinha como comprar os materiais. Eu tinha que comprar aqueles cadernos pequenininhos que era o que eu tinha no meu alcance, que tinha e agora não, agora dá pra comprar pra elas umas coisinha melhor, uns caderno melhorzinho, né.

E teve alguma coisa que tu teve que mudar na tua família pra ganhar o Bolsa Família, que tu teve que mudar dentro da tua casa?

Ah sim, porque os meus filhos trabalhavam na sinaleira, trabalhavam na feira eles tiveram que sair tudo. Aí tu ver, pra manter ganhando o Bolsa Família tiveram que largar tudo e continuação dos estudo, né, que eles trabalhavam na sinaleira, ficavam de carro em carro, na feira também eles trabalhavam e tiveram que largar tudo pra manter o Bolsa Família.

Como é que é, tu vai lá pega o dinheiro aonde? como é isso?

Olha, eu pegava na Caixa né, mas como aqui em cima do Morro tem um armazém que é tipo uma lotérica, que tem uma caixa, aí a gente recebe ali. Aí vai o dinheiro contadinho, pro armazém uma coisa pra eles né, pra não ter nada faltando, as coisas de casa pra eles não precisarem sair pras ruas né.

E tu pega esse dinheiro e faz o que com ele?

Por mês a gente compra comida, a gente paga os armazém, por que é 94. O arroz e feijão o marido bota pra dentro de casa, mas pra ter o leite, uma carne, uma verdura, uma fruta eu compro nos armazém e aí no fim do mês eu pego dinheiro vou nos armazém e pago.

Então esse dinheiro vai pra alimentação também?

É.

Porque tu acha que o governo fez esse programa?

Eu acho que mais pra ajudar os pobres e tirar da rua né, porque era muita criança perdida na rua, na sinaleira, pedindo esmola de um lado pra outro. Acho que os jovens, hoje, depois que começou a vim esse Bolsa Família, diminuiu um pouco as criança na rua, porque era muita judiação essas criança na rua pedindo e trabalhando. Porque os meus não tão mais na sinaleira, mas fim de semana eu e os meus filhos a gente junta papelão e garrafa

e vende. Mas é só na vila, mas é só na vila a gente vai levando pra casa os papelão, vai levando as garrafa e faz aqueles bloco, aqueles blocos de papelão amarradinho e então a gente vende pra ajudá eles também, né. Ajuda pra eles também. Meu guri disse: vou sair mãe, vou vendê bala, então eu disse: não, deixa que fim de semana a gente vai vender as garrafa e os papelão é o pouco que dá.

É um jeito de conseguir um dinheiro a mais. Então além do Bolsa Família vocês fazem também outras coisas...

Pra ajudar, pra rendê mais, né. O Bolsa Família ajuda mas não dá, tem que ir mais além né pra ficar só esperando por ele.

E4 Morro da Cruz – 00:15’ – 24/04/2008 – 11:46

Quantos anos tu tens?

To com 28.

Faz quanto tempo que tu recibes o Bolsa Família?

Faz três anos e meio, vai fazer três anos e meio.

E como tu ficou sabendo que podia receber o Bolsa Família?

Pela Escola.

Como que foi, me conta...

A Escola mandou me chamar no colégio e falaram que a minha filha como estudante poderia receber o auxílio, a Bolsa Família, daí me deram um papel, pediram pra eu ir em casa pegar os documentos, preenchi todas as folhas e de lá pra frente foi que me chamaram e depois de 1 mês e meio me mandaram um papel pra minha casa, uma carta e mandaram me chamar no banco na caixa pra mim poder pegar o cartão pra receber

E porque tu precisou do Bolsa Família?

Eu tenho que alimentar meus filhos tenho oito.

Tu mora com quem na tua casa?

Eu meus filhos e meu esposo.

Que maiores dificuldades tu tinha pra receber o Bolsa Família, além da alimentação?

Eu recebia uma renda, antigamente, do meu falecido pai quando ele faleceu, que no caso que ele fosse vivo, seria dividido pelos filhos né. Daí eu passei a receber 1 ano e meio esse dinheiro e aí depois caiu, só assim começou. Eu me ajuntei com meu esposo e não pude mais receber, daí tem dias que eu não tinha nada e outros dias que tem. Só quem recebe é a minha irmã mais velha que eu, só que ela tinha um problema e ela provou e fez uma perícia que provou, ela recebe até hoje a pensão do meu pai. Ela e uma outra irmã minha, que é filha do meu pai de outra mulher que minha mãe criou e ela é doente mental e a outra irmã minha cuida dela e recebe por ela.

E tu parou de receber então?

É eu parei.

E tá recebendo o Bolsa Família?

Só o Bolsa Família que não tem o problema.

O que tu precisou fazer, alguém disse que precisava fazer alguma coisa para ganhar o Bolsa Família?

Levar os documentos a identidade, comprovante de residência e o CPF, o número do CPF e da casa.

E pra continuar ganhando o Bolsa Família, precisa fazer alguma coisa?

Sim, precisa sempre trazer no posto pra pesar, as criança não podem faltar escola, isso aí eu cuido muito eu passo necessidade e o posto pra eles. O peso dos meus pequeno sempre controlado aqui.

Quanto tu ganha pelo Bolsa Família?

Eu tava recebendo 112, esse mês só veio 94.

E porque baixou?

É porque eu fui lá reclamar que esse dinheiro era pra esse ano ter um aumento porque eu tinha adolescentes no colégio, então eu fui reclamar eu fui lá pra reclamar eles falaram pra fazer o recadastro de novo e eu fiz

O que tu acha do Bolsa Família?

É uma boa, é uma boa porque ajuda muito a gente, ajuda muito, muitas coisas. A gente pode comprar material para o colégio, comida pra dentro de casa eu e o meu esposo, ele tá desempregado, meu esposo não consegue serviço e a ou a gente faz biscate, vai fazê biscate, eu corto grama, a gente junta garrafa pet, isso a gente faz pra ganhar uma moeda.

Então além do Bolsa Família vocês fazem uns biscates assim...

Isso, a gente corta grama, se for trocar uma luz uma coisa ou outra.

E tu vê alguma negativa no Bolsa Família?

Ah, se eu dissesse podia dar um pouquinho de aumento, dar esse diferencial prás pessoas que tem mais filhos né porque é pouco, uma bolsa só dá pra uma boca só.

Ah então é uma Bolsa só, não é pra cada filho?

Não, porque eles falaram pra mim lá na Barão que pros pequenos é 18 reais e os grande são 30 reais, mas eu não recebo esse dinheiro que falta pra mim.

Tu recebe como?

112 por mês, mas esse mês que veio ai eu só recebi 94, baixou a quantia.

Mas esse dinheiro vem pelo quê então?

Vem pelas crianças que estudam e pelo numero de filhos também.

E tem mais alguma coisa que...

Não é só isso.

O que mudou na tua vida depois do Bolsa Família?

Tá a mesma coisa, só que ajudou assim no básico dentro de casa ajudou, porque muita coisa eu não tinha dinheiro pra comprar à.... eu compro fiado então alimentação, leite essas coisa que precisa em casa compro fiado, quando eu recebo o Bolsa Família eu pego o dinheiro vou na mercearia e pago tudinho entendeu? O básico

que a gente faz por fora assim é pra gente comprar outras coisas, roupa eu já não compro pros meus meu filho eu ganho roupa de outras pessoas, se não eu não ia conseguir compra uma calcinha pra minha filha.

Bom, o Bolsa Família tu compra comida e com o dinheiro dos biscates o que tu faz?

Compro comida, compro material pro colégio, isso.

Tu vai aonde pegar o dinheiro, tu faz como?

Ah, eu vou na lotérica, antes eu ia na Caixa mas me falaram que na lotérica eu podia receber, daí eu comecei a receber na lotérica.

E tu pega esse dinheiro e faz o que com ele?

Ah, eu quero às vezes eu pego, vou no mercado, compro comida pra levar pra casa que uns anos atrás eu ganhava das pessoas e agora eu vou no mercado direto.

E por quanto tempo tu acha que vai receber o Bolsa Família?

Ah, a minha guria mais velha já saiu, ela tem 18 era até 17 anos e eu tenho o meu guri de 17, um de 16 e um que vai fazer 14, dia 28 agora. Aquela tem 13 e pra baixo dela tem o meus gêmeos de 5 anos, dois gurizinho e depois tem o outro de 2 anos.

Então é por cada filho que então tu ganhas uma quantia?

É.

Tu tiveste que mudar alguma coisa na tua casa, na tua família pra receber o Bolsa Família?

Só os filho tiveram que entrar no colégio.

Tinha alguém que não ia no colégio antes?

Assim, qualquer motivo que eu tinha que sair, eles já não iam no colégio porque eu não tava em casa. Ai eu chegava e perguntava porque não foram no colégio: ah porque tu não tava em casa e nós ficamos aqui. Depois eu comecei a dar em cima deles colégio, colégio, colégio tem que ir.

E aí então tiveram que ir?

É.

E a coisa do posto foi o que mudou?

Ah o posto tem assim, o que é chato é sempre, é na realidade, o pessoal não é bem atendido, entende? Esses tempos o meu filho tava doente, com dor nos ouvidos, aí eu vim com ele aqui 7 horas da manhã e saí à 13:05 da tarde, porque as pessoas que estavam mais doente eles iam atendendo e eu aqui esperando eu fiquei até chateada, aquele dia eu fui embora e a gente pensa: eu não vou mais ali naquele posto, mas a gente sempre precisa, não adianta

Precisa por que?

Ah, pra conseguir os remédios, pra consultar, pra o peso pra controlar o peso né.

E porque tu controla o peso dos pequenos?

Por causa do Bolsa Família.

E se os teus filhos não vão no colégio...

Tem que ir, daí eu perco. Porque tudo é justificado e vai pra lá e eles vê lá quantas falta tem no colégio eles arrumam e botam no ato que nem com a minha vizinha que perdeu.

O que houve com a tua vizinha?

Ela inscreveu as criança no colégio, ela largava os filho dela no colégio, ela não dava bola, saiu por aí. Aí chamaram no colégio e viu que eles tinham um monte de falta, ah mas eles tão vindo no colégio, não tão vindo não e foi indo foi indo ela deixou por isso mesmo e quando foi ver perdeu a Bolsa. Aí ela foi reclamar, daí o colégio viu que não tinha como mudar, daí...

O que vai mudar na tua vida se acabar o Bolsa Família?

A coisa vai ser crítica, até vai ser brabo dentro de casa. Porque a gente já depende desse dinheiro.

É o principal dinheiro?

É o principal dentro de casa, é uma ajuda. Mas não é um grande coisa. Ajuda que dá pra comprar um montão, mas na dificuldade tu desce.

Tu já pensou o que tu poderia fazer se acabasse?

Aí eu ia ter que ver, eu tenho uma filha já grande, o negócio é que eu ia ter que tirar do colégio e botar a trabalhar pra me ajudar porque só eu e o meu esposo não vamo da conta.

E no que teu esposo trabalha?

Ele tá parado no momento, que trabalhou um pouco na Colombo então ele faz de tudo um pouco.

E tu tá fazendo alguma coisa?

Eu ajunto pet na rua, assim, eu tomo conta da casa.

Se te oferecessem um trabalho, assim que tu perdesse o Bolsa Família, o que tu escolheria: o Bolsa Família ou o trabalho?

Eu acho que o trabalho.

Por que?

Caso eu perdesse o Bolsa Família eu ia escolher o trabalho.

Se tu pudesse escolher: ou o Bolsa Família ou o trabalho, os dois tu não pode.

Pra mim seria melhor o Bolsa Família. Porque trabalhar pra mim ia ser muito dificultoso porque eu tenho meus pequeno, as minha guria no colégio e eu não posso deixar os meus pequeno com as minhas guria porque elas não tem paciência de cuidar, entende? como é que eu vou deixar meu filho na casa dos outros se os meus filho nunca ficaram na casa de ninguém? Eu que sempre cuidei. Se eu pudesse escolher eu ficava com o Bolsa Família. Trabalho claro, se eu perdê o Bolsa Família é claro que eu ia ter que trabalhar, mas tinha que arrumar uma forma da gente se organizar pra cuidar os pequeno, mas enquanto eu tiver recebendo, a nossa rotina segue a mesma.

Tem alguma coisa que tu gostaria de dizer a mais sobre o Bolsa Família?

O Bolsa Família foi a melhor coisa que o Lula inventou pra nós. Porque, antigamente, tava muito ruim, agora tem um tempo que passa as dificuldades, aumenta para os pessoas que não tem. O meu esposo tá com 43 anos já não consegue serviço. A minha guria tem problema de audição, fica sozinha na rua não tem como. Ela já quase foi atropelada por carro, ela perde os sentido, não escuta os carro. Como é que eu vou liberar ela pra ir nas rua? Fica sem precisá e pra conseguir um dia bom pra ela, pra pagar um curso de computação, né, vou dar um curso de computação. Ela estuda num colégio que já tem computação e o outro vai pra esse colégio também.

É mais ou menos por aí Muito Obrigada

E5 Morro da Cruz– 00:10’ – 24/04/2008 – 11:01

Quanto tempo tu recebe o Bolsa Família?

Já faz uns 6 anos.

E como tu ficou sabendo que tu podia receber o Bolsa Família?

Foi duas moças na minha casa pra fazer a inscrição. Na época eu tinha dois filhos, daí inscreveram e disseram que eu tinha que esperar né que se eu entrasse no programa ia vir uma carta me avisando o que eu tinha que fazer então né

E essas moças, o quê elas te disseram quando elas foram na tua casa?

Ah, elas perguntaram uma porção de coisas, perguntaram quantos filhos eu tinha, se algum deles tinha algum tipo de doença, se eu trabalhava ou não, se o meu marido trabalhava.

Tu moras com quem?

Mora eu, quatro filhos e o meu marido.

E porque tu precisaste, porque tu precisa receber o Programa Bolsa Família?

Porque é só o meu marido que trabalha e a gente tem 4 filhos e só ele não dá conta.

E no que ajuda?

Um chinelo, um sapato, já dá pra comprar um gás também, que vai um por mês. Então com o Bolsa Família já dá pra comprar um gás por mês, alguma coisa que falta pra casa, porque chega o fim do mês e já ta faltando, né, e eu pego mais ou menos por aí, na metade do mês e aí já dá pra comprar uma cesta básica que fica bem até o mês acabar.

E no que o teu marido trabalha?

Coletor.

E tu fazes alguma atividade?

Eu trabalho em casa.

E tu fazes alguma coisa assim, de trabalho manual?

Nada disso.

O que tu precisa fazer pra continuar recebendo o Bolsa Família?

Preciso cobrar a aula deles, né, que eu tenho dois que estuda, um de 12 e um de 9 anos, então não pode faltar a aula. Daí quando eles ficam doentes eu trago no médico e levo um atestado pras falta e eu tenho que vir pesar os pequeno e até eu fiquei um tempinho sem vir pesar eles. É isso que eu tenho que cuidar.

E assim, se tu não pesar ou se os teus filhos faltam à aula o que acontece?

Eu não sei assim, porque eu sempre controlo isso, eles vão pra aula. Eu não sei porque eu nunca fiquei, mas parece que tu pode perder se tu não controlar a aula deles e o peso.

Eles tão na escola os teus filhos?

Os dois mais velhos sim, um na sexta e um na terceira.

E os mais novos?

Um vai fazer 6 anos e o outro tem três anos não tão na escola no momento porque não tem idade.

A idéia é...

O ano que vem o de seis vai pra escola

E aí aumenta o Bolsa Família se os outros dois forem?

Eu acho que não, continua a mesma coisa.

E quanto é que tu tá recebendo?

102.

E que tu faz com esse dinheiro? Como é que funciona?

Bom esse dinheiro é estritamente pra eles, né, então é assim: eu pego esse dinheiro no mercado que é que eles pagam ali. Então eu vou ali e o que ta faltando pra alimentação deles, leite, arroz e feijão, essas coisas mesmo, já vou e já compro o que ta faltando e se eles precisam de algum material pro colégio caderno, lápis essas coisa assim é só pra eles mesmo assim.

E quando tu precisa alguma coisa pra ti como é que tu faz?

Pra mim? Ah, eu tenho que esperar meu marido receber e eu peço pra ele me dar, né? Meu marido me dá.

O que tu acha do Bolsa Família? Qual a tua opinião?

Eu acho uma maravilha, me ajuda bastante assim, eles são tudo enfaradinho assim. Esse dinheiro me ajuda bastante assim, principalmente porque eu tenho bastante filho assim.

Ajuda como?

Ajuda em tudo assim, como eu te falei, alimentação, pra eles irem no colégio, tem que ter material pra ir estudar, ajuda no material, na alimentação, às vezes, pra comprar um calçado pra eles, claro, que a gente vai e compra o mais barato, mas ajuda bastante.

E tu vê alguma coisa ruim no Bolsa Família?

Não. Não vejo nada de ruim. Só vejo tudo de bom (risos).

Porque tu acha que o governo fez esse programa, porque o governo inventou esse programa?

Eu acho que ele viu tantas criança carente que tem por aí que precisa, né, tem crianças que precisam bem mais que os nossos, que tem os pais são desempregados, que o pai não ta trabalhando, né.

E o que mudou na tua vida depois do Bolsa Família? Como é que era antes e como ficou depois do Bolsa Família?

Mudou assim, ficou melhor a alimentação como eu te falei, a gente recebe por mês, geralmente, a gente ganha todo dia cinco então era só esse dinheiro que entrava. Então no caso que acabasse o gás dia 15 eu tinha que ficar até o dia cinco esperando e no caso, pra poder comprar com o dinheiro do meu marido, depois que entrou o Bolsa Família eu pego o dinheiro ali pelo dia 19, 20, 22, então eu já fico esperando dia 20, já vou lá pego o Bolsa e compro o gás pra poder cozinhar pra eles, né, ajudou bastante.

Trouxe mais conforto

Traz

E até quando será que dura o Bolsa Família?

Ah, não sei com esse negócio do Lula, dizem que se ele sai vai cáí, o Bolsa Família, eu espero que não né, que continue.

Tu imaginas, assim, vai ficar até quando...

Bom se quando o Lula saí, não caí, né, assim, eu fico pensando tomara que eles me dêem até os meus filhos ficarem mais velhos, porque parece que aos 16 anos, cai se não tivé menos de 16 anos, não pode, né, é mais fácil eles ficarem mais velhos né. Tomara que não caia.

E se acabar o Bolsa Família?

Ah, vai fazer muita falta.

Mas o que tu imagina que possa acontecer se acaba?

Olha se acabar vai ficar bem difícil, porque a gente não vai poder contar com esses 102 reais, né. Tem gente que diz que é pouco, mas ajuda bastante, pra mim pelo menos, ajuda bastante, se acabar vai ficar bem difícil.

E tu imagina alguma alternativa pro caso de acabar?

Não não imagino, não sei mesmo como tentar.

E tu já trabalhou?

Sim, já trabalhei vai fazer um ano mês que vem que to sem trabalhar.

E no que tu trabalhava?

Serviços gerais.

E o que aconteceu que tu precisaste parar de trabalhar?

Me mandaram embora, fui mandada embora e aí fui pra rua um tempo e agora tenho que começar de novo, só que tenho que encontrar uma creche porque eu tenho dois filhos pequenos, aí eu preciso deixar eles na creche pra eu poder trabalhar.

E se tu ganhasse um trabalho e com o trabalho tu não pudesse receber o Bolsa Família?

Bom, se eu tivesse trabalhando e o meu marido também, aí até entenderia, né, que eu to trabalhando agora, então não preciso, até pra passar pra uma pessoa que precisa.

Tu optarias pelo teu trabalho? Se tu pudesses escolher entre o trabalho e o Bolsa Família o que tu escolheria?

Se eu tivesse um bom trabalho, eu ficaria com o trabalho, porque daí eles iam bota pra receber uma outra pessoa que tivesse sem trabalho, né?

Tem alguma coisa mais que tu gostaria de dizer sobre o Bolsa Família?

Não.

O que tu teve que mudar na tua vida pra receber o Bolsa Família?

Olha, eu não tive que mudar foi, praticamente, nada, claro que no colégio eles tinham que ir estudar, mas a única coisa que eu tive que mudar foi a vacinação e o peso deles, que eu não pesava eles antes, antes eu não pesava eles, eles eram pesado quando vinham numa consulta médica, aí eram pesado mas depois que eu entrei no Bolsa Família aí eu passei a pesar.

Muito Obrigada.

E6 Morro da Cruz - 12/05/2008- 09:40 -34:12'

Quantos anos tu tens?

Ontem completei 58 anos.

Quanto tempo faz que tu ganha o Bolsa Família?

Mais ou menos quase 5 anos.

Com quem tu mora em casa?

Eu meu esposo e as netas.

Quantas netas?

Que moram comigo são duas, essa aqui e a outra que ta no colégio.

E tu recebe o Bolsa Família por quem?

Por elas e por mim, né, o benefício no caso, né, é que invés de no caso vieram visitá as pessoas na casa, pra mim porque fizeram um mutirão nas casa, entendeu, entrevista nas casa, não foi a gente que foi atrás, vieram procurar nós, no caso.

Como foi essa visita?

Foi pela renda das pessoas, quantos familiar, coisa assim. Sabe? Mas, na época, também, lá em casa tava todo mundo desempregado e as guria tão comigo, no colégio, digamos tão sob minha responsabilidade, né, no caso eu levo e busco do colégio. Essa aqui tem 9 anos, não precisa, né, essa aqui vai sem eu, essa aqui de 7 anos vai se pesar hoje.

E como foi essa visita? Elas chegaram lá e disseram o que pra ti?

A gente não sabia, né, aí elas disseram: pega os documentos pra gente entrá no programa, ai eu dei os documento ai foi feito a renda, né, o Bolsa Família.

E como tu ganhou a primeira vez, assim, como é que funcionou?

Aí eles mandam carta pra gente, mandam carta depois eu fui falá com eles lá, né, só que o meu cartão não foi lá, peguei na praça da Alfândega (Caixa) e chamaram as pessoa pra... é isso.

Foi no banco buscar o cartão?

É, a gente foi buscar o cartão, mas tu pode pegar no banco ou na lotérica, entendeu?

Porque tu quis receber o Bolsa Família?

Eu recebi o Bolsa Família pelo que eu te falei, a gente tava desempregado, naquela época, quando a gente pegô o Bolsa Família, o meu filho tava morando lá comigo, com a menor e naquela época tinha mais problema, aí a gente foi lá, entendeu? por causa da renda, né. Meu esposo recebia 176 a renda familiar eu não tinha, era só dele comprando álcool naquela época, quando a gente pegou faltava comida. Era 176 que tinha em casa pra sustentar essa era a renda, né.

E quantas pessoas tinham em casa naquela época?

Naquela época.... duas, quatro, seis, 13 pessoas.

13 pessoas com 176 reais e como era viver assim?

Normal, a gente comprava o que dava, o que não comprava não dava, entendeu? Passamo fome.

E o que dava pra comprar?

Pouca coisa.

O que se comprava mais?

Um calçado já não dava.

Como era viver daquele jeito?

Como vou te explicar... assim... era difícil, pra 13 pessoas e esse dinheiro aí a gente comprava o que dava o que não dava a gente... não dava pra comprar calçado, as criança no colégio, agora a gente começou, eu trabalhava lá perto de casa numa creche perto de casa.

Quem, tu?

Não, meu esposo, o avô dela. Eu agora só to fim de semana e feriado, entendeu, e depois agora eu limpo lá no Murialdo.

A assistente social fizeram mutirão e froam de casa em casa aí viu a renda dele e os motivo e dissram bah e agora teve um aumento.

Tu tiveste que fazer alguma coisa pra receber o Bolsa Família de deferente na tua casa?

Como assim de comprar?

Alguém teve que ir estudar, coisa assim.

As guria só continuaram na escola.

Ah, elas já estava na escola...

Essa aqui tava em casa porque ela tinha um ano e pouco, aí não ia, era lá em 2000 vai fazer quase uns 6 anos, foi ligeiro e fizeram um mutirão. Essa dali já ta com 9 aninhos e aí pra incluir ela, elas me disseram que ela tinha que ir para o colégio aí já incluíram, aí eu fiquei a responsável pelas criança, entendeu. E aí tem uma parte que a gente pega 94 reais antes a gente pegava 80, sabe, em agosto veio aumento pra nós, 94 e aí tá incluído o meu junto, com a minha parte ficou 94. Aí ajuda no gás e vários programa tá incluído nesse benefício, ta tudo incluído aqui junto sabe? Tá tudo incluído.

O que ficou diferente depois que tu começou a ganhar na tua casa, o que mudou?

Eu pra mim, eles pegam 211, eu não trabalho eu tenho problema de pressão sou hipertensa eu venho medir a pressão e tenho que tomar um monte de remédios, tenho que cuidar da minha saúde. Como eu levo, tenho que buscar as crianças no dia-a-dia, eu não trabalho fora, não que eu não quero eu não posso trabalhar, sabe como é que é, né. Eu venho buscar medicamento.

E tu não faz nenhum trabalho em casa, artesanato?

Ah, eu levo e busco as crianças no colégio eu teria que tirar outro dia, então quem trabalha é meu esposo. Ele me ajuda em casa, faz tudo, ele lava roupa então não que eu não queira, faz tudo pra mim, estamos 25 anos casado.

E o que mudou na tua vida com o Bolsa Família?

O Bolsa Família que eu pego é uma renda, mais a renda que o meu esposo ganha vai tudo prá comida, só pra alimentação, né. Depois tem material escolar, tem que comprar pras criança também, que eles vão duas pro colégio, né, claro no colégio dá, mas o material... e a outra já tá na segunda série e ai então tudo tem gasto, né, ele vem com 200 reais e os 97 nem chega pra mim, sabia?

E quantas pessoas estão morando hoje lá na sua casa?

São 4, as duas netas, o meu esposo e eu.

E não dá pra comprar nada pra casa?

Não, hum hum (Não), só pra comida e ás vezes não chega pra um mês. Eu levo pro colégio e tem que comprar comida. Não dá pra comprar móveis, não dá pra comprar uma cama direito, entendeu. Então a gente tem que comer aquele mês. Um sapato não dá pra comprar e a gente ganha entendeu? Sapato roupa não dá pra comprar.

E tu começou a comprar alguma comida diferente, depois do Bolsa Família?

Sim, aí a gente compra mesmo sabe.

E o que tu comprou?

O normal a gente compra o leite pras criança, o mantimento de dentro de casa entendeu, gás, também o gás já tá 35 reais e a gente compra o grande e aquilo vai na alimentação, né?

O Bolsa Família mais o dinheiro do marido ou só o Bolsa Família?

Não os dois dinheiro junto, a renda dele com a minha, aqui se não, não dá. Claro que o meu Bolsa Família lógico não vai dá pra comprar tudo a gente compra o necessário entendeu, o necessário que precisa enquanto a gente não gasta, por causa disso, se a gente vai, se não dá comprar o sapato pra ele, não pode então, a gente vai levando conforme, entendeu?

E tem alguma coisa que precisa fazer pra continuar recebendo o Bolsa Família? Que se tu não faz ele acaba, por exemplo?

Aí eu vou ter que viver só coma renda dele no caso (do marido).

Mas assim, tem alguma obrigação que tem que fazer? pra seguir recebendo o Bolsa Família?

É que eu preciso, né, lógico, né.

Por exemplo assim ó se as crianças não vão pra escola, tu perde...

É isso, isso.

O que mais?

Não pode faltar a escola e se faltá tem que dizer o motivo por que ela não tá comparecendo na escola, mas isso não é só pelo Bolsa Família é geral. Por exemplo, ela vai tirar o gesso e não vai na escola porque vai no médico de novo pra ver se não vai precisar engessar de novo. No caso eles vão contar os dias que ela faltou e no caso se ela falta muito, ela é cortada.

E tem mais alguma coisa que tem que fazer pra não cortar?

Não, acho que é só isso, né, eu pelo menos ouvi falar até agora que é só isso ela tem que ter 85%, né, ela se acidentou ontem fez um mês, a outra agora vou ter que retornar com ela lá e se o médico dá alta pra ela amanhã ela já vai pro colégio.

E qual é a tua opinião sobre o Bolsa Família? O que tu acha?

Duma parte, acho que eu saí numa pior e tem várias famílias, né, que ouvi falar que tem um monte de gente que não precisa e tá pegando tão tirando dos que não tem, já se ouviu uns comentário, né?

Tu conhece alguém que não precisa que tá pegando de quem não tem?

Essa pessoa já tá bem... ela então, deixa assim, que é melhor entendeu? eu pego, como eu te falei, meu esposo ganha 200 conto por mês e eu pego 94 entendeu e como eu te disse não dá pra comprar um móvel, a pessoa tem que saber o que ela tá fazendo pegando dos outros. E essa renda ajuda ele um pouquinho também. O que eu ganho me ajuda a um pouquinho também não é um milhão. A gente ganha pouco né, então eles fizeram isso pelo povo.

Por que tu acha que eles fizeram isso pelo povo?

Eu acho que, por causa que eu acho que o Lula achou de ajudar o povo, o povo merece, o povo não dá os votos? Então a gente vai lá e vota, então eu acho que o povo merece, eu acho que quando a gente vai votar, não é obrigatório ir? Então o povo faz por eles e eles fazem pelo povo, então eu penso assim, não é verdade. Aí o povo ajuda eles e eles ajudaram nós. Eu sou uma que gosta né, então o povo ajuda eles, né?

E tu vê alguma coisa ruim no Bolsa Família? Negativa? Que tu acha ruim?

Não, porque outra coisa que ia falar, esse mês eu pego o calendário do Bolsa pra saber quando é que a gente vai receber, então isso é uma coisa boa pra gente saber. O mês passado, peguei dia 22 nessa parte aí, esse mês vai ser dia 21, isso é bem certinho, então eu chego lá e já tá meu dinheirinho. Não tá antes, nem depois, tá no dia. Dias 15 que passou esse mês, tava lá meu dinheirinho, então isso é uma coisa positiva todo mês tá lá.

E como é que é, tu pega esse dinheiro e faz o que com ele? Quando tu vai pegar ele, quando tá com ele na mão?

Ah, eu vou comprar as coisa pra dentro de casa, a alimentação, como eu disse, não dá pra comprar um móvel, não dá pra comprar meia, dá alguma coisa assim, mas roupa e calçado, já não dá.

Então vocês tão ganhando 200 e alguma coisa...

Aham, é a minha e a dele juntos.

E vai só pra alimentação?

Só pra alimentação. Como tu perguntou seu eu gostava do Bolsa Família eu gosto, a gente vota né a união faz a força...

E se acabar o Bolsa Família pra ti, como é que vai ser? Ele acaba? Tem um dia que ele acaba?

É mais uma renda de ajuda, agora eles aumentaram pros adolescente de 17 de 16 até 17 anos, agora as crianças se não me engano é até 14, 15 elas ganham. Enquanto elas estão estudando, o governo não corta, entendeu, enquanto elas estão em fase escolar elas tão ganhando. Agora entrou o Bolsa Família dos jovens de 17 anos.

É um benefício novo?

É um benefício novo, que os adolescentes tão ganhando.

E quando acabar pra ti o Bolsa Família, o que tu acha que vai acontecer?

Aí vai ser a mesma coisa como era antes, entendeu?

E como era antes?

A gente se apertava, né, a gente pedia ajuda de um ajuda de outro, como eu te falei, a gente ganha as coisas é só pra comida mesmo, não tem trabalho em outro lugar, não tem carteira assinada e a gente tá ganhando, né.

E se te oferecessem um trabalho e se tu pudesse escolher: pegar trabalho ou o Bolsa Família, o que tu ia escolher?

Depende do trabalho, como eu to, se eu pudesse ajudar, se eu pudesse trabalhar, eu trabalhava e deixava o Bolsa Família. Claro se fosse um trabalho de carteira assinada, lógico que eu largava o Bolsa Família porque tem muitas famílias esperando pra ganhar o Bolsa Família.

Tu conhecesse alguém que tá esperando pelo Bolsa Família?

Lá perto de casa tem uma família também, se eu não tivesse ido atrás, eu não tinha também, as criança tão na escola também, se não tivesse ido lá também nem eu taria recebendo.

Tem alguma coisa que tu gostaria de dizer sobre o Bolsa Família? Que tu pensa que tu gostaria de me dizer?

A coisa que eu tenho que explicar que tá escrito aqui, a gente tem esse cartão aqui que é a conta da gente e vai no banco, ou em qualquer lotérica do Brasil, se eu for pra Brasília e levar o meu cartão eu pego lá também e a gente tem uma senha que é especial da pessoa e se por exemplo eu perder o cartão ou me mudar, no caso, eu tenho que ir no banco dar satisfação porque eles entram em contato. Eu perdi o cartão, então, eles tem tudo pelo computador, então aconteceu comigo, eu perdi o cartão e tive que ir lá no banco dar satisfação e continuei pegando o benefício, a gente continua pegando.

Se tu arrumar um trabalho...

Eu tenho que avisar eles também.

E tu continua pegando?

Não, aí eu tenho que ir no banco, levar o meu cartão e a carteira assinada comprová como eu to trabalhando. Se eu to trabalhando de carteira assinada e comprová como eu to trabalhando. Como eu to trabalhando de carteira assinada eu prefiro claro. Se perdê o cartão continua pegando, se eu me mudar eu continuo pegando, mas tenho que avisar porque alguém pode achar meu cartão e continuar pegando, tenho que ir na delegacia dar parte que eu perdi o cartão. Ele me fazem um cartão novo depois.

(Me mostra o cartão)

Muito Obrigada.

E7 Morro da Cruz 21:00' - 12/05/2008 - 10:25

Quantos anos tu tens?

Tenho 24.

Com quem tu moras em casa?

Com minhas duas filhas e meu esposo.

Quanto tempo faz que tu recebe o Bolsa Família?

Fazem cinco anos.

Quanto tu ta recebendo quanto hoje?

Hoje tá 76.

Tu recebe por quem?

Só pela E. e a J. não tem idade ainda recebendo.

Quantos anos tem a E.?

A E. tá com nove.

Como tu ficou sabendo que podia receber o Bolsa Família?

Eu não soube, eu tava em casa e apareceram umas pessoas lá e fizeram uma entrevista pra me inscrever pro Bolsa Família. Elas disseram que não era certo que eu ia conseguir, mas de repente eu conseguia, aí eu consegui.

E como é que foi essa entrevista?

Elas chegaram com um cracházinho se identificando, fizeram umas pergunta eu tava desempregada aquele tempo e o meu outro marido também, daí elas perguntaram, fizeram umas pergunta pra nós e eu esperei não sei quanto tempo, não me lembro direito e aí veio a carta pra mim ir no banco que eu tinha entrado no Bolsa Família, aí eu fui lá e fizeram o meu cartão e a senha.

E quem eram as pessoas que foram na tua casa?

Ai, eu não me lembro.

E como elas estavam identificadas?

Que elas eram do governo, né...

E elas e disseram o quê sobre o Bolsa Família pra ti?

Que era um benefício que o governo tava dando pras pessoas que estão em dificuldade pra arrumar um emprego, que era um auxílio para as crianças irem pro colégio e aí essa aqui foi quando completou sete anos.

Mas tu pegava desde lá?

Desde que essa aqui tava com 4 aninhos.

E sempre foi 76?

Não antes era 65. Esse ano que aumentou.

E porque tu quis receber o Bolsa Família?

Ah, porque é uma ajuda, a gente é pobre, a gente não tem renda e tem dificuldade de estar trabalhando, é uma ajuda, né?

E tu tá fazendo algum trabalho, alguma atividade?

Não agora eu to parada, to em casa.

E naquela época tu fazias alguma coisa?

Eu trabalhava com limpeza, mas não era carteira assinada eu não tava assim trabalhando, eu gente fiquemo um tempo trabalhando, dois mês, quando vê a firma da mulher faliu, todo mundo foi pra rua e aí chegou bem na hora, a mulher do Bolsa Família e fez a entrevista.

Então tu trabalhavas numa firma de limpeza

Sim.

E tu ganhavas quanto na firma?

Uns cento e pouco por semana, dependendo de quantos apartamento tu limpava, era 15 pila os pequeno e os grande era 30.

Então não tinha um salário fixo?

Não.

E é desde lá que tu tá parada?

Não, fiz muita coisa, bahhh.

E o que tu fez?

Cuidei de criança em casa, eu saí com as pequenas eu fazia faxina nas casa, também, bah já fiz de tudo.

E como era viver, tu tava trabalhando né, como era viver numa outra família tinha alguma diferença assim?

Sim.

Qual era a diferença?

Eu tinha dinheiro pra comprar alguma coisa em casa e o Bolsa Família podia dar alimentação pras criança.

E o que tu compra assim, com o Bolsa Família?

Comida, roupa, também, sapato, quando dá, né, quando sobra.

E o teu marido trabalha?

Agora tá trabalhando.

E no que ele trabalha?

Em obra, ainda bem que ele tá trabalhando, né.

E o que mudou na tua vida com o Bolsa Família?

Ah mudou muita coisa... Mudou bastante porque às vezes a gente não podia comprar alguma coisa, agora a gente tem né, dá pra comprar arroz, feijão, aí essa parte a gente pode comprar uma coisinha melhor, uma fruta, agora com o Bolsa Família é bem bom, dá pra comprar umas coisinhas.

E o que tu acha do Bolsa Família, o que tu pensa sobre...

É uma boa, ajuda muitas pessoas.

E porque é tão bom?

Porque ajuda né, ajuda em várias coisas.

Que coisas, que várias coisas?

Alimentação né, roupa, sapato.

E tem alguma coisa que tu precisa fazer pra continuar recebendo, pra eles não cortarem?

Sim.

O que é?

As crianças não pode ter muita falta, não pode faltá no colégio.

E se faltar o que acontece?

Se faltar eles cortam e agora eles tão medindo o peso, fiquei sabendo que tem que mostrar as vacinas e tu tem que fazer tudo direitinho pra continuar recebendo, fiquei sabendo assim.

E tem mais coisas pra fazer?

Usar o dinheiro direitinho, comprar comida pras criança não gastar com besteira.

Será que tem gente que...

Ah, tem, olha que tem.

Tu conhece alguém?

Ah, conheço, é uma judiaria porque em vez deles gastarem o dinheiro com as crianças ficam botando dinheiro fora.

Bota o dinheiro fora em quê?

Ah besteira, e deixam de comprar comida. Mas alguém podia ir nas casa, né.

E algumas tu sabe que...

Compra porcaria, até um ex-marido dela ia pegar o dinheiro dela e as criança ficam um pouco com ele e um pouco com ela e ele compra bebida e ela não queria dar o cartão pra ele e eu disse que ela tinha que ir denunciar porque ela ta deixando de comprar comida pras crianças.

E o que tu achas disso?

Eu acho muito errado, muito errado isso aí.

E o que tu acha de ter que levar as crianças na escola, não faltar, ter que trazer pra pesar, o que tua acha disso?

Eu acho muito bom.

Por que tu achas bom?

Porque é assim, é uma coisa as criança tem que ter estudo, mesmo com o Bolsa Família as criança tem que ter estudo e também a mãe tá pesando a criança aqui no posto é bom, porque daí tu sabe se a criança ta com desnutrição ou não. Uma coisa boa, eu acho bom. E no colégio as criança não podem faltar, mesmo com o Bolsa Família ou sem o Bolsa Família.

E porque tu achas que tem que estudar?

Pra ser alguém na vida. Eu não fui, eu queria mas não deu, ter uma carreira boa.

Por que tu não conseguiste estudar?

Ah, porque não deu, não deu, eu tava estudando agora, no início do ano, mas eu tive que desistir, não dá.

Tu não gostas?

Não é isso, mas é que o colégio, tu vai de noite tem muita gurizada, tu qué estudá e não consegue, a professora passa as coisa pra ti e tu não pega nada, não aprende, aí não adianta, aí eu já não tenho paciência, tu não consegue prestar atenção.

Tu vê alguma coisa ruim no Bolsa Família, alguma coisa negativa?

Não, a única coisa que eu acho é que eles poderiam botar mais gente que tá precisando, que eu acho que tem muita gente botando dinheiro fora enquanto tem gente que tem quantos filhos que vão pro colégio e não tem nada, não ganham nada e às vezes as mães que estão desempregada, isso tá errado. A minha mãe é uma que tem uma guria de 12 anos e a mãe criou ela há muitos anos atrás, tá desempregada não tem nada, com problema de saúde, não ganha nada e tem o meu irmão drogado que incomoda, e a minha mãe não tem nada, ela tem que viver com a ajuda dos filhos a gente tem um pouquinho e não pode nem ajudá ela e a gente fica assim, né. Isso tá errado porque tem muita gente botando dinheiro fora. A minha irmã é outra que tem dois filhos indo no colégio,

nenhum pega e ela fez há anos atrás e até hoje nada eu acho que eles deveria investigar melhor, porque várias família que tão precisando aí, não tem.

E tu já pensaste como deveria ser essa investigação?

Eu acho que eles tinham que começar a ir nas casas de novo e fazer entrevista com as pessoas ver se melhorou.

Como foram da primeira vez, eles não fazem isso de novo?

Não, foi só a primeira vez e aí colocar outras famílias, não foram na casa dela.

Tu achas que eles fizeram alguma seleção assim?

Eu acho que eles escolheram, mas aí as que tão mais precisando, ficaram de fora e as que tão ganhando, botando dinheiro fora. E aí tinha que ver isso aí, investigar melhor as pessoa pra ver se elas estão botando dinheiro fora.

Por que tu acha que o governo criou o Bolsa Família?

Pra ajudá, né, as família, pra ajudar os pobres.

E tu achas que tá funcionando?

Tá com certeza tá, tem várias conhecida, muita gente aí que tá, eu sei de várias coisas

O que tu sabe?

Que tem pessoas que compram móveis com a ajuda, assim, arruma a casa, constrói também é pouquinho mas se tu vai juntando um pouquinho, um pouquinho, tu consegue, é só querer.

E tu conseguiste fazer alguma coisa assim na tua casa?

Eu comprei minha casinha agora, agora mês passado eu consegui é de madeira eu fui poupando, poupando, eu consegui daí eu guardava 50 reais por mês e consegui pagar.

E foi o Bolsa Família que te ajudou?

Foi um pouco eu tirava do Bolsa e um pouco eu trabalhando também, eu fui juntando aí eu consegui

E qual é a sensação que dá assim?

Bah, Deus o livre, é outra coisa, bah, agora eu to bem, antes eu tava morando com a minha mãe, com duas filha pequena, não tinha liberdade pra nada. O meu irmão incomodando dentro de casa usando droga, Deus o livre, é outra coisa, daí eu pensei: vou ter que sair daqui. Aí eu falei com o pai da minha filha, daí ele tinha uma casinha uma pecinha, né, pra ti ver, ele disse metade da casa eu dou pra ela, metade da casa eu te vendo. Não dava nada, era uma pecinha de madeira, agora eu já arrumei ficou o quarto pras gurias e a cozinha de madeira, mas tá bem. Era uma pecinha que tu não dava nada, aí eu peguei e disse e vou segurar porque não é fácil tu conseguir uma casa, fiz esse negócio com ele lá e agora to bem.

E quanto tempo dura o Bolsa Família?

Que eu soube era até os 15 anos, 16 anos, assim que eu soube, mas não tenho certeza, 16 anos pra criança, pra idade das criança.

E tu já pensou se acabar o Bolsa Família pra ti, como é que vai ser?

Ah, vai ser muito ruim.

E porque vai ser ruim?

Ah, vai ser ruim, eu não sei, eu acho que vai ser bem ruim, vai ser bem ruim porque a gente não tem serviço e vai contar com quem? Eu conto mesmo com o Bolsa Família e com meu marido agora tá trabalhando.

E até quando tu acha que o Bolsa Família deveria durar?

Não sei, ah sei lá até a minha filha de formar.

Se formar no colégio tu diz?

Se formar na vida, arrumar um emprego, deveria durar bastante pra ela que ela fazer um sei lá como fala.

Terminar o 2º grau?

Terminar todos os estudos, ser alguém na vida, né?

E assim, se te oferecessem um trabalho, que tu pudesse escolher o trabalho ou o Bolsa Família, o que tu escolheria?

Ah, não sei, eu escolhia o trabalho.

Por que?

Porque ganha mais né..

E se tu ganhasse a mesma coisa?

Ah daí não eu ficava com Bolsa Família então, aí não vale a pena.

Tu escolheria o trabalho se tu ganhasse mais, se ganhasse a mesma coisa tu escolhia o Bolsa Família?

Ficava com o Bolsa família pra ganhar mixaria fico com o Bolsa Família aí não vale a pena.

Tem mais alguma coisa que tu gostaria de me dizer sobre o Bolsa Família, o que tu pensa, o que tu acha, como é pra ti ter o Bolsa Família?

Acho que prá mim é bom, pra mim é bom.

E assim tu vai pegar o dinheiro aonde?

Eu pego na lotérica, que é lá embaixo.

Tá e tu pega esse dinheiro e faz o que com ele?

Pego o ônibus e vou direto no bar ali no mercado que eu tenho conta ali, vou ali pago e compro tudo de novo. No momento, tá assim, eu tava fazendo a casa, agora vou começar a investir em outras coisinhas.

E o que tu compra geralmente de comida quando tu vai lá?

Compro arroz feijão, massa, bolacha, compro uma mistura, um leite, um iogurte pras criança.

O que é essa mistura?

É carne.

Antes não dava pra comprar isso ou dava?

Não dava. Na época que eu não pegava o Bolsa Família eu comprava só arroz feijão e leite pras pequeninhas, agora da pra comprar isso tudo.

Teu marido não tava trabalhando?

Não, não tava trabalhando. Eu tava morando com a minha mãe, sozinha, daí teve uma época que eu fiquei mal, daí, foi a época que eu comecei a saí com a pequena nos braço, ai tive que me virar.

E ai tu começou a ganhar o Bolsa Família?

Eu já ganhava o Bolsa Família, mas não tava conseguindo me manter eu e as crianças.

Mas e aí tu moravas com a tua mãe, que tu tinha que comprar?

Tinha que comprar tudo, o básico era arroz e feijão, um leite pra pequeninha, um café, um açúcar, no máximo e olhe lá.

E a mãe não podia ajudar?

Não, tava desempregada, eu que ajudava ela em casa antes de sair, era eu que ajudava, até hoje eu ajudo, quando eu posso.

É duro né...

É brabo.

Mas muito obrigada por teres ficado esse tempo conversando comigo.**E8 Morro da Cruz - 0:33' - 12/05/2008 – 10:56****Quantos anos tu tens?**

37.

Com quem tu mora em casa?

Eu, minha pequena e mais as duas filhas e meu marido.

Quanto tempo faz que tu recebe o Bolsa Família?

6 anos.

Tu tá recebendo por quem?

Pela pequena, a grande já saiu porque ela já tá com 17 anos.

Ela recebia também?

Recebia, eu pegava 80 reais, aí depois eles diminuíram, baixaram para 18 reais.

Agora tu só tá recebendo 18 reais?

18 reais.

Como tu ficou sabendo que tu podia receber o Bolsa Família?

Eu não fiquei sabendo, fizeram um... eles estavam visitando as casas aqui no Morro e eles viram que como também ela tinha problema, porque ela é cardíaca então eles decidiram a botar nós junto, porque o meu marido tava desempregado, também, aquela época e nós tinha ela pequena, ai eles resolveram me cadastrar.

Como é que foi? Eles foram na sua casa então...

Foram.

Como é que foi?

Eles foram na minha casa, eles tavam fazendo visita, eles tava de casa em casa, né, foram, visitaram, olharam, aí perguntaram assim, quantas pessoas moram na tua casa, eu as minhas duas filhas pequenas e o meu marido, né, aí ela disse assim e a senhora gostaria de participar? e eu disse, olha eu gostaria de participar porque, às vezes, não e nem é tanto a comida, é o remédio tem que comprar o remédio e eu não posso pagar. Há dois meses eu tive que comprar o remédio, eu gastei 200 reais de remédio pra pequeninha. Então é uma coisa assim, que não é nem tanto a comida a alimentação sabe? Ai ela disse, então tá, a gente vai te ajudar. Quantas vezes tu leva ela no cardiologista? eu levava ela de 15 em 15 dias, mas depois passou de 6 em 6 meses, depois passou uma vez num ano. Esse ano eles liberaram ela. Então eles começaram a fazer assim pra ajudar, muitas pessoas que tão ali, não tem também. Cada um usa como pode, cada um tem como usar, eu compro assim pra tudo, com 18 reais tu não compra muita coisa, vou ser bem sincera, então já é uma vergonha cinco kilos de arroz são 12 reais então é aquela coisa assim é remédio, é fruta por isso né..

E tu tava trabalhando aquela época?

Não trabalho, eu sou doente.

Quem eram as pessoas que foram na tua casa tu sabe quem eram?

Não, Eles eram da prefeitura, acho que era da prefeitura. Quando eles começaram o Bolsa família eles vieram, eles fizeram toda a volta foram em muitos lugares, não só aqui e só não pegava, realmente, quem eles falavam ali que tinha um monte de gente que tem, então eles disseram a gente vai te dar mais. Porque quando eu ganhei, eu, realmente, nessa época, eu precisava, pra tu imaginar aquela ali no colégio, a pequeninha doente, aquela coisa

assim, que eles vieram na minha casa da parte da prefeitura quando eles vieram, então é uma coisa daquela, assim, um não chegar em mim nós tamo te pedindo assim, vou te mentir se eu te disser isso, eu vou te mentir então, não sei, não me lembro o nomes das meninas, não me lembro o nome porque eu vivia mais chapada de remédio, eu vivia tomando remédio, então muitas coisas assim eu é vagamente que eu me lembro.

E tu tomas remédio? Pra que tu toma remédio?

Eu tomo antidepressivo. eu tomava lítio, parei com o lítio, também a gente pára no tempo quando toma muito remédio e eu tava parando no tempo.

E como é que foi, elas foram na tua casa o que elas te disseram sobre o Bolsa Família?

Elas perguntaram se eu tinha criança, se eu tinha filho na escola, eu disse que sim, aí ela pediu pra ver a carteirinha de vacinação e ela olhou e disse olha a vacinação da menina tá em dia, sim imagina se eu não ia botá vacina na minha filha, né? aí ela foi, olha a gente quer a pessoa que não tem condições e eu disse pra ela, eu não vou te mentir, agora eu não tenho condições mesmo, aí ela veio, eu não sei se tu vai conseguir, eu vou ficar com os teus dados e, realmente, ela ficou com todos os meus dados, aí um ano que foi eles me chamaram. Eles mandaram uma carta pra mim dizendo que eu tinha conseguido. Agora eu queria ganhar um pouco mais, né.

E tem alguma coisa que tu precisa fazer pra continuar ganhando o Bolsa Família?

Olha a única coisa que eles pede pra nós fazer é ter as criança na escola, isso já foi dado na propaganda, ter as crianças na escola e pesar as criança. E eu acho que isso nem é obrigação deles é obrigação nossa, como mães, vou ser bem sincera pra ti, não é porque a gente ganha que a gente não vai fazer isso, eu já fazia antes, imagina, então cada cabeça uma sentença. Então, eu sou desse pensamento, isso é obrigação nossa com os nossos filhos, não é o governo que manda fazer isso, claro, ajuda? ajuda, realmente, ajuda, mas não vai tirar o a minha obrigação, então sabe não tem explicação assim. É brabo assim.

E o que tu acha do governo estabelecer isso assim, do governo dizer tem que levar na escola, tem que medi e pesa

Eu acho uma boa, sabe porque? tem muita gente muitas pessoas que não consegue levantar um filho cedo pra ir na escola. Se a minha filha me diz: hoje eu não vou na escola, o que eu tenho que fazer sendo mãe dela? eu tenho que levantar, fazer ela levantar, tomar banho, se arrumar, tomar café e ir pro colégio. A minha obrigação é essa, com bolsa escola ou sem bolsa escola, não interessa, é tua obrigação, entendeu? É aquela coisa assim, ah, mais o governo, mas não é, o que eu acho que foi a melhor coisa que eles fizeram porque tem muita gente que pega o dinheiro e não leva os filhos pra escola, não vão com as criança na escola. É uma coisa que tu tem que coloca os altos e baixos, pára e analisa, não é eu, não é a outra, é cada olhar, cada gesto, cada jeito de cada um, é uma coisa que tu não sabe, eu não sei acho que no meu ponto de vista o que eles fizeram foi uma boa, foi sabe, mas não acho que é o governo que tem que obrigar agente a fazer, é nós que temo que fazer.

E o que tu pensa sobre o Bolsa Família, qual a tua opinião sobre o Bolsa Família?

A minha opinião, é assim ó, até gosto, é bom sabe, porque tu sabe que ás vezes tu não tem um pra receber e tu tem aquele ali todo mês, tu vai ter aquele ali. Ajuda, ajuda, mesmo a gente, tem gente que compra até uma mesa, as suas coisas e tem pessoas que muito necessitam. Eu, no meu ponto de vista, eu gosto, acho legal, porque ajuda aquele dinheirinho. Mas tem família que necessitam bem mais, é isso mesmo cada um tem que fazer pela sua família, tem, tem mais que exigir, tem que levar no posto, tem que cuidar da saúde porque tem muita gente que realmente, que ganha que não é nem o que eles fazem com o dinheiro, mas não levam na escola, não dão atenção adequada, não levam no médico quando tão doente, tratam em casa. Então isso, eu não acho isso legal, eu acho que o direito pra saúde é pra todos. Não é pra mim, não é pra ti é pra todos. Isso tem que ter mais responsabilidade é uma criança um jeito de tu educar, de tu formar. Quando eu levo a minha filha pra escola eu digo pra professora: eu não me importo de ficar aqui da sete da manhã até o meio dia, esperando minha filha sair da escola, eu não me importo. Eu não me importo de ficar analisando cada um que chega perto da minha filha, aí ela ficou parada e me olhou e disse: eu gosto do jeito que tu cuida das tuas filhas, tu é a única mãe que vem aqui me perguntar se a tua filha tá bem, se tá tudo bem. Tem que cobrar, tem que cobrar eu cobro dela em casa, a obrigação dela é cobrar na escola. E o dinheiro que eu pego do Bolsa Família vai pras minhas filhas eu to apavorada por que eu não to trabalhando aí me disseram: se tu for fazer faxina tu tem que ta aqui sete e meia da manhã, como sete e meia? eu largo a minha filha na escola, então como eu vou fazer? eu não posso. Então como eu vou fazer? Eu não gosto disso também e eu acho que quem tem obrigação de ficar com os filhos é a mãe, não é o pai e ele me xinga a minha energia tá toda em volta dessa guria.

E o teu marido não tá trabalhando mas ele tava trabalhando antes?

Ele tava trabalhando, ele trabalhou três anos de carteira assinada na telefônica, ele tava trabalhando, ele sempre trabalhou a vida toda e a gente tá junto vai fazer 20 anos. Então a gente tem um amor, esse marido, um pai exemplar, então quando ele saiu do serviço no início do ano, ele parou de trabalhar em março

Porque ele saiu do trabalho?

Porque a firma quebrou, a firma quebrou trocou a firma, entrou outra e o pessoal que fazia 34 anos que trabalhava na firma não podia continuar trabalhando na outra porque a indenização deles ia ser bem maior, então eles não queriam, eles não queriam que ficasse isso. E a pior coisa que foi, foi que encheu de conta, então quando ele saiu do serviço quase que a casa caiu, né, desmoronou. Só que agora ele não pode pegar outro serviço

porque tem que ficar no mínimo seis meses tem que esperar, no máximo seis meses e agora já tá terminando, né, então agora não tem nada, é esperá mais adiante pra poder trabalhar.

E tu tava trabalhando antes?

Eu fazia, me virava de um jeito ou de outro, fazia uma unha, pintava um cabelo, pra ganhar um troquinho, faço faxina. A gente se vira como pode, a gente gasta, mas tem como ganhá.

E mudou alguma coisa na tua vida depois do Bolsa Família?

Olha, mudá assim, até mudou um pouco, porque como eu te disse, aquele dinheiro é certo no mês e tu sabe, assim, eu preciso comprar um remédio para minha filha, eu preciso comprar umas frutas pra pagar, depois tu sabe que aquele ali vai ter, vai vir pra ti e tu pode pagar. Eu sei, pra mim mudou, melhorou, não vou dizer pra ti não, não é bom, é, tu sabe que tem aquele ali.

Tu vê alguma coisa negativa no Bolsa Família?

Olha, é muita gente que usa o dinheiro pra muitas outras coisa que não é pra usar, é droga, é bebida é outro tipo de coisa, sabe, eu acho que é bem...

Tu conhece pessoas que fazem isso?

Conheço, conheço, porque às vezes eu vivo, eu corro atrás pra dar o pão pros meus filhos, né, e tu chega ali, pega 15, 10 reais e tando ali, tu usa a droga.

E pra que tu acha que deveria ser usado o Bolsa Família, então?

Não, não vai ser só pra uma coisa ele deve ser usado, pra remédio, porque quando não tem nos postos, a gente tem que comprar os remédios e os remédios são caros. Eu pago, quando não tem no posto, 45 reais a minha filha teve que tomar 15 dias mais, são quatro frascos de remédio a 45 reais, então tu tira uma base, quando o rapaz da farmácia conhece, ele faz um pouco menos, dá um bom desconto pra gente. Então ajuda, ajuda, é bom, é bom, sabe? Entendeu? é aquela coisa que tu sabe, cada cabeça uma sentença.

É claro, mas eu quero saber de ti, assim, que tu acha?

Eu acho que tem que ser usado assim ó: pra remédio, se tem que comprar remédio, pra comida, pra comprar um calçado, uma blusinha pras filhas, tem que saber administrar, se acha pouco compra umas frutas, eu sou desse pensamento, porque eu acho que uma fruta com 10, eu com 18 reais eu faço a cesta pra duas semanas os meus filhos comerem frutas. Consigo manter pra minhas duas semanas frutas e verduras.

A renda que tu tem hoje vem de onde?

Do Bolsa Família da escola das crianças...

Só do Bolsa Família e o seguro de teu marido?

O seguro desemprego do meu marido, hoje ele recebe a última.

Bom, vai poder ir se mantendo...

Sim, a gente se mantém, tu tem que te manter com 500 reais, tu tem que se manter ou tu come ou tu pagas as contas, então eu já sabia desse orçamento. Ou a gente tira um empréstimo pra pagar as contas, se não, tu suja teu nome. Eu gasto quando eu tenho e a gente tem que dividir com quem não tem e Deus sempre me ajuda.

E como é que tu pega o dinheiro do Bolsa Família?

Eu pego na lotérica com a carteira de identidade.

Tu tem o cartãozinho?

Pego com cartãozinho e a carteira de identidade

E tu pega esse dinheirinho e faz o que com ele?

A primeira coisa que eu vou fazer é comprar as frutas e iogurte pras minhas filhas verduras, batatas, quando tem que pagar alguma coisa pra pagar, depois eu vou pagando devagarinho, mas tu sabe que eu vou pagar, eu não vou ficar com dívida.

Até quando dura o Bolsa Família?

Olha vou ser bem sincera pra ti, do jeito que tá não vai muito longe.

Por que tu acha que não vai?

Porque não vai, tem muita gente que não tá fazendo as coisas corretamente e tão prejudicando várias outras pessoas, vou ser bem sincera pra ti, tem gente que tem casa boa, um carro na frente, eu não tenho um carro na frente da minha casa, se eu não vender esse carro meu marido não vai poder trabalhar. Porque graças a Deus meu pai pode me ajudar, porque eu tenho a minha casa. Se a gente conseguiu comprar uma casa pra nós, não mora de aluguel, foi porque meu marido tava de serviço e eu também, então compramos uma casa pra deixar pras minhas filhas porque, no dia que eu partir, eu, se faltá alguma coisa, elas não depende de ninguém de vó de vô de ninguém, eu sou desse pensamento, não vai ficar muito tempo.

E tem um limite que vai terminar pra ti

Termina quando a minha filha fizer 16, a pequeninha.

E tu já pensou como vai ser quando acabar?

Eu já te disse, eu não quero só ter aquilo ali, eu me viro, se tiver que fazer alguma coisa, eu me viro. Meu marido tá desempregado, mais eu me viro, as pessoas são tão prejudicada e não sente essa coisa que a gente tem, não vai vivê disso a vida toda.

Por que tua acha que o governo fez o Bolsa Família?

Olha, eu acho que eles fizeram o programa eu acho que ele (Lula) olhou, pra olhar o povo sofrido. Porque tem muita gente que sofre, sabe, eu acho que foi por isso que ele resolveu ajudar, porque ele pede pra deixar as crianças na escola, leva pro médico, porque tem muita criança morrendo de desnutrição, aconteceu muita coisa triste, que, realmente, ele fez e lutou, pode ver, tinha muita criança morrendo de fome e tu não vê mais... Acho que ele pensou muito na população.

Ele mudou o que era?

Mudou, mudou bastante é só tu ver nas ruas, não tem mais tanta criança. Eu adoro o Lula, porque olha, aquele homem assim ó, se não fizesse tudo que ele fez, ia muita criança morrê.

Se te oferecessem um trabalho, que tu tivesse que escolher, ou o trabalho ou o Bolsa Família? o que tu escolheria?

O trabalho. Eu ia poder trabalhar, me ajudar e eu não ia ter vergonha de mim, porque eu to disposta a me valorizar

Mesmo se tu ganhasse a mesma coisa?

Mesmo se eu ganhasse a mesma coisa, eu iria trabalhar, porque eu não tenho vergonha, se tiver que fazer alguma coisa na rua eu vou, eu vou a luta eu e o meu marido.

Tem mais alguma coisa que tu gostaria de me dizer sobre o Bolsa Família, do que ele significa na tua vida?

Ele me ajudou, ajudou muita gente tem, muita gente que ganha, não vão por pegar, não vão pegar uma coisinha a gente não pode atirar pedra em muitas pessoas, mas é assim.

Muito Obrigada.

E9 Morro da Cruz - 00:13' - 05/05/2008 - 9:44

Quantos anos tu tens?

31.

Com quem tu moras em casa?

Eu e minhas três filhas

Quanto tempo faz que tu recibes o Bolsa Família?

Quatro anos, quatro anos e meio assim.

Como que tu ficaste sabendo que tu podias receber o Bolsa Família?

Foram em casa fazer uma entrevista comigo quando eu morava com a minha mãe aí eles fizeram a entrevista comigo, mas foi separado porque eu morava separado da minha mãe, só que no mesmo pátio. Fizeram a entrevista comigo, fizeram com a minha mãe e com a minha irmã, tudo separado, aí mandaram esperar pra ver se vinha a carta pra mandar buscar o cartão na Caixa.

E tu te lembras quem foi na tua casa?

Foi uma mulher, mas mostraram os crachá, tudo direitinho que eram do Programa Bolsa Família.

E por que tu quiseste receber o Bolsa Família?

Porque ela tava no colégio, ainda, ela já tava na 2ª ou na 3ª série, parece, aí eu precisava pra ela e pra ele que tava na creche, que eu comprava as coisa da creche pra ele e aí eu tirei ele da creche porque começaram a judiá dele, aí tirei os dois, aí os dois tão em casa comigo, aí eu preciso.

E que necessidade tu tens a mais que tu precisa do Bolsa Família?

Leite, eles tomam leite, os dois tomam leite de tonel e também agora tem o material escolar porque eles já tão no colégio também, material escolar, fruta, todos os dias eles querem fruta, são pequeno, né, e aí a comida também, apesar de que tá caro, agora eu faço faxina de vez em quando, aí de vez em quando, o pai deles manda pensão, porque ele não tem carteira assinada, aí ele manda quando pode, mais a minha faxina e junto com o Bolsa Família, aí dá.

Como que foi que tu começaste a receber? Eles foram na tua casa e aí?

Eles foram de casa em casa, eles foram na minha sogra primeiro, daí depois a minha sogra me avisou, a minha sogra me avisou na rua que eles tavam fazendo um cadastramento do Bolsa Família aí eu fui e perguntei quem poderia pegar, aí eles disseram: quem tem filho que está no colégio, aí eu disse que tenho minha guria que tá na 2ª série, né, aí disseram que não, não é pra ir no posto ainda isso há 4 anos atrás, aí eu esperei em casa, aí quando eu vi eles tavam no pátio da minha irmã, aí eles me olharam e viram que eu era uma mãe de família separada e fizeram o cadastro.

Aí eles te mandaram tirar o cartão...

Aí eu recebi uma carta e fui buscar o cartão lá na Caixa Econômica Federal lá na Andradadas, eu tenho a carta ainda parece...

Aí tu já tiraste o dinheiro...

Na hora eles pegaram, me deram o cartão, me deram a senha e mandaram eu descer lá em baixo na caixa 24 horas e tirei lá e da primeira vez foi só 30, só 30 e aí depois foi pra 34 e agora foi pra 54 faz uns dois anos que eu to tirando 54.

E é sempre lá que tu tira?

Não, ali no Carrefour, na lotérica.

Teve alguma coisa que tu teve que fazer diferente pra receber o Bolsa Família? Na tua casa na tua família, algo que tu não costumava fazer?

Não.

Os teus filhos já estudavam?

Não, só ela eu recebia só 30 aí depois ele entrou, ele entrou só agora, esse ano ele tá na 1ª série, ele entrou no prézinho, não é bem a 1ª série é prézinho. Ela ainda não ela vai no ano que vem.

E o que tu precisa fazer pra manter o Bolsa Família?

Como assim?

Pra ele não acabar? O que tu precisa fazer pra continuar recebendo?

Que eu sei, que eu vi na televisão, que tem que pesar as criança, que tem que tá em ordem nos peso e colégio eles não podem faltar, eles nem faltam também, né, só se o tempo tiver muito forte aí...

E se faltar o que acontece?

A minha irmã tinham bloqueado, né, que faltou. Só que foi assim, ó, meu sobrinho faltou porque foi mordido por um gato, veio aqui tudo, encaminharam ele pro hospital pra tomar vacina e tudo, só que o colégio não enviou o atestado pra secretaria, aí minha irmã foi bloqueada três meses, mas eu não, ela (a filha) nunca falta, só quando tá muito chovendo, aí ela não vai.

E o que tu acha do Bolsa Família? O que tu pensa do Bolsa Família? Qual a tua opinião?

Ah, eu achava assim, que podia melhorar assim pras pessoas que precisam né? Porque eu vejo ali, onde eu morava ali, na minha mãe tem pessoas que tem da mesma família, recebe pelas mesmas crianças, recebe a mesma quantia é 86 pila, 86 reais a mãe recebe 86 e aí a filha vai lá e recebe de novo pela mesma criança (falta fiscalização) enquanto tem gente que tá precisando, precisa mesmo. Elas não precisam porque ela trabalha, tem carteira assinada tudo direitinho aí eu achava que tinha que fazer uma revisão mesmo de quem precisa e de quem não precisa quem tá precisando não ganha.

E o que o Bolsa Família mudou na tua vida?

Olha, me deu uma boa mão, me ajudou. Porque quando eu me separei do pai deles, eu precisava porque eu não tinha onde fazer faxina, eles não tavam na creche ainda, quer dizer, quando eu ganhei o Bolsa Família, essa aqui não tinha, eu tava grávida dela, aí eu tava grávida dela ainda. Aí eu não podia trabalhar, não tinha com quem ficar com ele, ela tinha colégio não podia ficar e também ela é de menor, não pode ficar com ele e a minha mãe também é idosa, né, não pode tá cuidando de criança, então pra mim foi uma ajuda. Aqueles 30 pila foi uma ajuda.

E o que ele significa hoje na tua vida?

Olha melhoria, melhoria tu não pode reclamar ruim sem ele, pior sem ele.

E melhoria de quê?

Alimentação, que roupa assim, é muito caro roupa, mas acho que mais assim é a alimentação que eles não tão com fome, eu acho melhor assim, alimentação.

Porque tu acha que o governo criou o Bolsa Família, hein?

Eu achava, no começo, pra quem precisava, quem tinha criança no colégio. Que eu nunca tive carteira assinada, nunca tive oportunidade, já trabalhei de babá, há oito nove anos trabalhei de babá então babá nunca assina carteira, então a minha carteira nunca foi assinada, nunca tive um serviço de carteira assinada que seria assim diferente tudo, pra mim seria pra quem precisava mesmo, e não tá sendo.

Não tá sendo por quê?

Eu digo assim, pra quem precisa mesmo eles não tão dando, assim, por exemplo, eu que tenho 3 criança que eu sube, não era só 54, que eu sube, aí eu liguei pra 156 parece, liguei pra lá e eles disseram que é por criança, não é quem tem criança no colégio, é por criança até os 14 parece, 12, 14 anos. Aí eu perguntei pra ela e como que eu fiz o cadastro da minha pequeninha, que tinha 2 anos e diz que não, que não tinha o cadastro, aí eu acho errado.

E tu recibes renda por outra atividade? As faxinas?

Sim só as faxinas e o pai deles quando manda, só. Eu faço uma faxina, duas por semana, quando aparece, pra conhecido.

Como é, tu pega o dinheiro na lotérica e faz o que com ele?

Já vou no mercado, vou no mercado comprar leite, banana, fruta verdura aí o que falta, uma mistura, arroz e feijão quando eu não tenho faxina eu vou no pai deles, aí tem que apertar se não, não adianta.

O Bolsa Família não dá conta de tudo então?

Não, que o leite pra eles, uma caixa de 12 dura quinze dias que eles tem que tomar de manhã e de tarde.

E até quando dura o Bolsa Família, hein?

Pra mim, se eu tivesse assim outro dinheiro que não precisasse ter um dia exposto pra mim, dura uns 10 dias, que de pingado, pingado completa, mas se não tem, aí tem só ele.

Será que ele acaba algum dia?

Pretendo que não, pretendo que não, né?

Até quando que ele vai assim?

Não sei, porque eu sempre vejo pela televisão, né, que ai queriam tirar, não consegui, o Lula deixou, ainda não, né?

Como é que vai ser pra ti se acabar o Bolsa Família?

Vai ser brabo, vai ser brabo...

Por que vai ser brabo?

Porque ajuda né, mal ou bem ele ajuda, quando não tem uma faxina, faço duas vezes né, podia fazer mais né, mas é por causa dela, não tem quem ficar com ela, sei lá.

E até quando tu achas que o Bolsa Família deveria durar?

Eu acho que, até quando a criança tem uns 14, 15 anos, acho que seria assim, melhor, seria bem melhor...

E se te oferecesse um trabalho que tu fosses receber um salário, se tu pudesses escolher ou o Bolsa família ou o trabalho, o que tu escolheria?

Carteira assinada direitinho, eu até comentava com a minha irmã e com a minha mãe que tem mulheres que tão recebendo carteira assinada, tem pensão de dois pais e ainda recebem o Bolsa Família. Eu já não precisava, eu bloqueava porque eu tenho minha carteira assinada tudo direitinho, que é um direito nosso, né, eu já não precisava, deixava pra outros que precisavam como eu tava precisando pra mim seria melhor assim.

E tem mais alguma coisa que tu gostarias de me dizer sobre o Bolsa Família?

Só o que eu já tinha te falado lá, né, que eu liguei pra lá e eles disseram que era por criança. Como ela tem 4, eu liguei pra lá e ela não tá cadastradas aí eu tinha que ir na Barão só que como ela vai no colégio e eu não tenho com quem deixá ela, vou ter que esperar pra ir na Barão pra ver porque não botaram ela.

Será que não é porque ela não tá na escola?

Não, porque essa aqui não tava na escola e recebia...

Então tá muito obrigada por ter me ajudado então.

É, uma mão lava a outra.

É verdade.

E10 Morro da Cruz - 00:15' - 05/05/2008 - 10:05

Com quem tu moras em casa?

Mora eu e minha filha, duas filha, um neto e um filho e uma neta.

Quanto tempo tu recebe o Bolsa Família?

Há 4 anos, eu acho.

Como é que tu ficaste sabendo que tu podias receber o Bolsa Família?

Depois de me inscrever? O diretor do colégio disse que eu podia me inscrever.

Onde foi que tu te inscreveste?

No colégio Judith.

E por que tu quis receber o Bolsa Família? O que tu tinha de necessidade pra precisar receber o Bolsa Família?

Bah, eu tinha necessidade, ia me ajudar, fosse o dinheiro que fosse, ia me ajudar...

E no que mais que ele te ajuda?

Ele me ajuda em tudo, que o dinheiro é uma vantagem, porque eu posso comprar o material pras crianças, faço um crediário pequeno e compro os calçados pra eles dou um dinheiro pra merenda pra uma coisa, pra outra, me ajuda bastante.

Como é que foi que tu recebeste a primeira vez, como é que foi tu te inscreveu e aí?

Eu recebi a cartinha a eu peguei e fui na Caixa

Quem te mandou essa cartinha?

Tava indicando que eu tinha sido beneficiado pro Bolsa Família, era o Bolsa Escola primeiro, né, aí eu fui na Caixa, tava meu nome lá no papel, lá e comecei a receber daí.

E precisou fazer alguma coisa diferente na tua família pra receber o Bolsa Família?

Não.

Então teus filhos já estavam no colégio?

Já, meus filhos sempre, antes da gente pegá, já iam pro colégio direitinho, graças a Deus, nunca tive nem pra pegar a frequência deles, eles sempre vão pro colégio.

E o que tu acha do Bolsa Família? Qual a tua opinião?

Eu acho uma boa né, eu acho que ajuda muitas pessoa.

E no que mais tu acha que ajuda?

Pra, vamos dizer assim, pras mães que é descuidada no colégio com as criança e também as criança que não gosta muito de ir no colégio também, vamo dizê que já resolve, é bom, porque daí eles pegam e as mãe capricham em leva os filhos pros colégio, por causa disso aí e também ajuda pra quem não tem condições de comprar um material, uma coisa assim.

E o que tu acha disso, que pra tu ganhares tu precisas ter o quê mesmo, ter o filho no colégio? O que mais precisa?

Que eu sei acho que é só...

Só isso?

Eu acho que é só e conforme a situação financeira, né, eu acho que é assim, não sei direito, mas parece que me falaram que é conforme a sua renda. Claro que a pessoa que não precisa, não vai se inscrever pra pegar isso aí, porque pra quem tem isso aí, é pouquinho, né, agora pra quem não tem, pra nós é bastante né? que nem eu pegava 80, de 80 nos tiraram 15, ah, como fez falta aquilo ali e de repente já voltou mais 10 e depois voltou mais 6 aí já tá me ajudando to com 66, isso aí, 76, né.

E que mudou na tua vida com o Bolsa Família?

Ah, mudou bastante porque to desempregada e aquele ali é um dinheirinho que tu a gente sabe que tá ali todo mês né? Fico sempre contanto com aquele ali, quando falta, tu sabe que tu pode contar com aquele ali, já pego de lá do Carrefour ali na... lotérica e já vou na loja já pago o calçado da gurua, já compro um lápis, um caderno que precisa.

Então que ele significa pra ti?

Uma ajuda muito boa, aquilo ali, faz de conta, que tem um pagamento pra mim que to desempregada, vou lá e mudou bastante coisa. Ele é pouco, mas para quem não tem, se torna bastante, né, porque é pouco, mas já dá pra pegar todo mês.

Tu vê alguma coisa ruim no Bolsa Família? Alguma coisa negativa?

Não, não isso como que vai ser negativo, é positivo porque ajuda as pessoa.

Por que tu acha que o governo criou o Bolsa Família?

Pois é isso eu não sei

Mas porque tu imaginas?

Eu acho que foi por uma ajuda pras criança, pras criança podê estudarem, né, pra incentivá, vamo dizê, porque tem muitas criança que não tem vontade de ir pro colégio, mães descuidada que não gosta de levantá cedo e levá a criança no colégio, levá numa reunião, tem isso aí e pra poder ter isso aí elas vão ter que caprichá e fazer o que for pelas criança.

E tu consegues dinheiro por outros meios que não o Bolsa Família? Alguma outra coisa que tu tenha um pouco mais de dinheiro?

Eu tenho os meus filhos que me ajudam né, ajudam aqui, ajuda ali.

E o que eles fazem?

Eles trabalham, né, mas são tudo casado tem um solteiro que tem 18 tá desempregado recém tá indo pro quartel, os outros são casado né, não podem, são pobre também.

E tem alguém que faz algum bico alguma coisa?

Tem a minha gurua que trabalha. Eu não posso trabalhá porque eu tenho pressão alta e tenho depressão e apareceu tendinite e agora o negócio nas perna, que eu não posso trabalhar, aí eu não faço bico, não faço nada, praticamente ,só no colégio pra estudar que eu to estudando também, né, eu vou no grupo das vó.

O que tem lá no grupo das vó?

A gente se junta, conversa, passeia, lancha, faz um trabalhinho, pinta uns pano de louça, faz um crochê.

E vende alguma coisa?

Vende, a gente vende pra passear daí...

E vocês passeiam por onde?

Pra vários lugares, a gente foi até à Gramado já.

E como é que é, tu vai lá, pega o dinheiro do Bolsa Família e faz o que com ele?

Eu vou e pago a prestação do calçado da gurua, vejo umas roupa, compro alguma coisa no mercado, pra trazer pra casa e compro o material escolar, faço uma comida.

E tu sabe até quando dura o Bolsa Família? Quanto tempo dura?

Não sei, isso eu não sei.

O que tu imagina que vai acontecer contigo quando acabar o Bolsa Família?

Eu vou achar muita falta fazer o que.

E como é que vai ser?

Vai sê ruim pra muita gente, não só pra mim.

Até quando tu achas que o Bolsa Família deveria durar?

Prá sempre, até quando a pessoa tivesse condições de, em comparação, teve pessoas que vai indo, vai se levantando, vai se fazendo, quando a pessoa tivesse mais condições de que não precisasse mais disso aí podia desistir, né? Enquanto, eu espero que dure pra sempre.

Tu tá com problema de saúde, não pode trabalhar, né? Mas, a minha pergunta seria assim: se te oferecessem um trabalho, o que tu escolherias, o Bolsa Família ou o trabalho?

Escolheria o trabalho, seu eu pudesse, escolheria o trabalho, porque, bah, o trabalho ajuda muito também, uma que a pessoa que e fica parado é muito ruim ficá esperando isso aí, uma vez por mês, né, eu acho que eu trabalharia, se eu pudesse trabalhar, claro que eu trabalharia.

Mas, no que tu vêes que o trabalho é melhor que receber o Bolsa Família?

Que aí eu to trabalhando, to ganhando mais, to empregada, to de carteira assinada, né, é tão bom pegar o dinheiro que a gente mesmo batalha... Eu já trabalhei, eu trabalhei 12 anos sem parar, ali numa creche, aí eu comecei a ficar doente e tive que parar porque a pressão alta tava saindo muita alta e acabaram me mandando embora, mas eu preferia o trabalho.

Tem mais alguma coisa que tu gostarias de me falar sobre o Bolsa Família?

Não o que eu queria falar era o seguinte, quando o meu guri completou 16 anos eles tiraram ele fora, no caso o que eles tinham que fazer era ele terminar o 2º grau, porque tirar fora se ele tava estudando ainda? No caso, ele teve que parar porque diminuiu mais e eu tinha que pagar as passagens também, naquela época, eu deixava só pras passagem, daí eu comprava as passagem e ele teve que parar os estudo, daí ele terminou o 1º grau e parou quando começou a ir no 2º daí ele estudava o outro comprava passagem pra ele, daí ele parou. Eles diviam de continuar, porque que tinha que ser até os 20 anos até a pessoa se formasse no 2º grau? Fica complicado.

Muito obrigado por ter me ajudado.

Desculpa as resposta não sê certa.

A idéia não era ter respostas certas, era tu responder o que tu achavas.

E11 MC - 00:151 - 05/05/2008 - 10:25

Quantos anos tu tens?

42.

Com quem tu moras em casa?

Eu moro eu e meus quatro filhos.

Quanto tempo tu recebe o Bolsa Família?

Se eu não me engano é desde 2004 que eu recebo, por aí.

Como tu ficaste sabendo que tu podias ganhar o Bolsa Família?

Na época eles estavam indo em casa e disseram se eu queria, aí eles fizeram a ficha e depois, 11 meses, veio a cartinha me chamando.

E porque tu quiseste ganhar o Bolsa Família, porque tu te inscreveu?

Na época, eu não tava separada ainda, mas tinha o meu marido que tava desempregado e eu desempregada e aí nós sem renda nenhuma, né, então o Bolsa Família foi a melhor coisa e continua sendo a prioridade, porque até hoje a única fonte de renda que eu tenho é o Bolsa Família. To separada, to desempregada e na verdade eu faço algum serviço, mas eu me trato tenho problema de depressão, então não é todo dia que eu consigo trabalhar, eu tenho depressão.

Então, como é que foi a primeira vez que tu recebeste?

Ah, foi uma felicidade geral, né, porque quando eu fui na Caixa pegar esse dinheiro, bah, eu tava a zero.

Então tu recebeste uma cartinha?

Sim.

E disseram pra tu ir na Caixa?

Sim, eu fui retirar o cartão e peguei.

E quanto que era?

Era 95.

E até hoje é esse valor?

Não, tem uns três meses que subiu pra 112.

E tu precisaste fazer alguma coisa diferente na tua casa, na tua família, pra receber o Bolsa Família?

Não.

O teu filho tava na escola?

Tava a minha mais velha só.

Por causa dela que tu recebeu?

É, eu acho que foi, eu tenho um de 10 também, não lembro se ele já tava ou ia entrar no colégio.

E o que tu precisa fazer pra continuares recebendo o Bolsa Família?

Ter a vacinação em dia, a frequência na escola e agora o peso, agora tem que pesá.

E o que tu achas dessas coisas?

Eu acho muita exigência, pra muito pouco, porque na escola, tá certo, mas pesá, pesá eu, meus filhos, ele e a pequeninha, a minha filha, eu, ele, não tem baixo peso, não tem baixo peso e se não tem baixo peso, aí como é que vai ficar? É pra sair e a gente já fica, já fica pensando. Porque muitas vezes assim ó, a gente não tem baixo peso, mas tem necessidade, tem que ver pelos dois lados, tem necessidade. Como na minha casa agora, não tem ninguém trabalhando, só eu faço algum bico quando aparece pra fazer.

E que bico tu faz quando aparece?

Faxina, né! quando tem, que agora depois que eu fiquei doente nem tenho feito muito, nem tenho feito quase nada.

E aí consegue um dinheirinho além do Bolsa Família...

Além do Bolsa.

E o que tu acha do Bolsa Família, o que tu pensa?

Ah, é uma boa, né, serve bastante, bah, eu no meu caso não sei nem como fazer se eu chegar a perder, né, pra manter a casa os filhos tudo, claro que não dá pra tudo mas é uma grande ajuda né, bah.

E o que ele mudou na tua vida?

Bah, mudou bastante a minha vida, né, porque, geralmente, faltava e a comida e o básico eu consigo manter.

Que seria o quê esse básico?

Seria comida, gás, eu consigo comprar o material escolar pra eles, no caso, irem pro colégio.

O que ele significa pra ti então?

Tudo eu acho, por enquanto ele tá sendo tudo na minha vida de tão bom, tudo mesmo, não tem, bah pra mim, uma grande ajuda.

Tu vê alguma coisa negativa no Bolsa Família, ruim?

Não, não, tem nada ruim acho que tá suficiente, como a frequência na escola, a minha gurua é uma que falta muito, faltou bastante quando ficou doente, né, que ela teve um problema sério de infecção urinária e só se tratou pela terceira vez, então ela falta bastante então eu acho que assim, como ela falta, tem muitas crianças que não vai porque não qué, a mãe não manda, eu acho que é importante.

E porque tu achas que o governo criou o Bolsa Família

Acho que ele criou pra ajudar, né, a população carente, porque, bah, muita gente melhorou de vida depois do Bolsa Família.

Tu achas que tem ajudado?

Tem bastante, eu pessoas que eu conheço tem, bah, ajudado bastante.

Como é que é então, tu vais lá, pega o dinheiro e fazes o que com ele, quando tá com ele na mão?

Ah, quando eu to com ele na mão, vou na lotérica, já vou tiro no mercado, vou fazer as compras, já pego, vou ali e faço a cesta básica e, geralmente, meu dura 30 dias, já compro o gás, já compro o que dá pra comprar, compro leite, agora começaram a tomar leite todos os dias.

Até quando tu pensa que dura o Bolsa Família?

Dura pouco, com eu disse eu faço o sacolão, dá em torno de 60, 70 reais, mais o gás 37 reais e mais a caixa de leite, então uns dois, três dias.

E será que ele acaba um dia, não recebe mais?

Ai, eu acho que sim.

E tu sabes quando é que isso acontece?

Não, não tenho idéia.

Mas tua acha que ele acaba...

Acho que sim, acho que quando troca o presidente, porque sempre tem um que vem e mete a mão, né, como, antigamente, tinha o programa do leite, acabou e qualquer benefício acaba, entra um, sai um e a gente vai indo, né.

E tu já pensaste o que vai acontecer se acabar pra ti?

Não tenho idéia, acho que vai ser um desespero no estado que eu to. Se eu pudesse trabalhar, pegá serviço fixo, alguma coisa, até bom, mas na situação que eu to, quando eu tomo remédio é que eu consigo, tem dias que eu to assim que eu não posso nem levantá.

E até quando tu achas que o Bolsa Família devia durar?

Eu acho que devia durar enquanto a gente tivesse os filhos estudando, enquanto tivesse os filhos na escola, que faz falta.

Até o fim da escola?

É, até a 8ª série pelo menos, porque depois aí se viram, já podem fazê curso, já tão encaminhado pro mercado de trabalho é mais fácil.

Se te oferecessem um trabalho, o que tu escolherias: o trabalho ou o Bolsa Família?

Olha, aí no meu caso já fica difícil eu trabalhar, porque eu não tenho saúde pra trabalhar. Enquanto eu tive em tratamento, pelo menos, eu não posso pegar nada fixo que é o tratamento, né... então fica difícil se eu pegar um serviço fixo, eu posso perder tudo, eu vou pegar, aí vou ter um problema, vou ter que faltar porque meu filho tem médico, então pra mim seria difícil.

Seria melhor escolher o Bolsa Família?

No meu caso, seria melhor escolher o Bolsa, acho que eu ganho bem menos com o Bolsa do que um salário fixo, né, mas eu não poderia escolher.

Tem mais alguma coisa que tu gostaria de me dizer sobre o Bolsa Família?

Não, acho que, a única coisa é que o Bolsa é muito importante, muito mesmo, nós temos o mundo com esse Bolsa, como eu te disse a minha única renda é isso.

Muito Obrigada.

E12 Morro da Cruz- 00:16 - 05/05/2008 - 10:45

Quantos anos tu tens?

28.

Com quem tu moras em casa?

Moro com meus cinco filhos e meu marido

Quanto tempo tu recebe o Bolsa Família?

Vai pra 3 anos em dezembro.

Como tu ficaste sabendo que podia receber o Bolsa Família?

Quando saiu o programa, tinha que se inscrever em tal lugar, aí eu ia me inscrever, não, aí eles foram em casa e perguntaram se eu queria o Bolsa Família pediram os documento da menor, aí eu fiz o registro no tabelionato, aí demorou um ano e pouco.

Por que demorou tanto?

Não sei te dizer, tava na espera da carta, que disseram que iam mandá a carta e mandaram esperar, aí, um dia antes do natal, aí dois anos atrás, aí eu passei na Julio de Castilhos a letra do meu nome era lá na Júlio de Castilhos, aí passei lá e tinha lá, dois meses acumulado e eu não sabia eu tava esperando a carta no caso.

E não veio a carta?

Até hoje.

E como tu ficaste sabendo que o dinheiro tava lá?

Porque eu passei no banco e vi os nomes das letra pra buscar e tava lá e o meu não tava, aí esperei mais um pouco e fui lá no banco e perguntei, né, aonde que tava, aí já tava lá.

Ai tu recebeu a primeira vez?

Aí já recebi a primeira vez.

E por que tu quiseste receber o Bolsa Família?

Porque é uma ajuda, porque pros meus filhos, já ajudou muita coisa, ajudou num calçado, numa roupa, bastante coisa e inclusive eu precisava, né, em roupa, calçado, material escolar é bastante útil, me ajuda bastante.

Era isso que tu tinha mais de problema?

É, roupa, calçado, às vezes, uma alimentação, a gente pega pros filhos, no caso, que vou lá um pouco eu compro roupa, outro pouco eu compro comida, é assim que eu faço.

E tu precisou fazer alguma coisa diferente na tua casa, ou com os teus filhos pra receber o Bolsa Família?

Olha, até hoje não.

Tinha alguma condição?

Não, só falei que meu marido era carroceiro e é verdade e que eles ganhavam muito pouco, trabalham de dia e de noite, ele e o irmão dele e não era suficiente. Até na época, a gente tava separado, então não tava dando certo, então me ajudou em casa.

E o teu marido ainda trabalha?

Trabalha de carroça, né, ele não tem muito estudo também é a única condição que a gente tem pra trabalhá.

E aí entra um dinheirinho, além do Bolsa Família?

E ele ajuda a mãe dele também com dez, sete pila e a mãe dele vai num monte de médico.

O que tu achas do Bolsa Família?

Eu acho um programa bom, que adiantou pra muita pessoa, gente que não podia compra numa loja, já pode, permite a gente compra uma loja, um calçado, uma roupa pro filho e tem loja que permite. Então, tem gente que compra material, bastante coisa, né, eletrodoméstico, bastante coisa, né?

E tem alguma coisa que tem que fazer pra continuar recebendo?

Acho que manter o filho na escola, pesando, acho que é isso, né?

E o que tu achas disso?

Eu acho que é bom, porque é uma coisa que eles pedem, né, acho que é uma boa, já que a gente não faz nada, né, e serviço é lá uma vez que outra e o colégio é uma obrigação, não é por causa do Bolsa que a gente vai deixá os filho não ir pra escola, depois a gente não qué que eles passem por isso que a gente passa. É uma ajuda, mas não é o suficiente, a gente tem eles, levá eles na escola, pra ter um bom estudo, um bom emprego, né. Se arrumá um emprego bom, eu deixaria o Bolsa pra quem precisa mais, mas como não tem, tem que continuar com ela, né?

O que mudou na tua vida depois que tu recebeste o Bolsa Família?

Ajudou a comprar um material escolar, uma roupa, porque antes eu não podia comprar pra todos e fazer parcelado, deu pra comprar uma televisão também, é, muitas criança, né, e agora pretendo, quero fazer um quarto pra elas, porque a TV to comprando até onde o dinheiro vai dá.

Antes tu não tinha uma TV?

Não tinha, aí com o Bolsa deu pra comprar, depois que veio eu consegui e ainda tinha que tirar um quarto pra ela, né. Então agora é 112, agora deu pra tirar uma televisão mais esse dinheiro, já ajuda porque a gente tem crédito com a gente.

O que significa o Bolsa Família pra ti?

Bastante coisa, bastante coisa, porque eu pude comprar outras coisas, no caso, quero fazer um quarto, um beliche que eu quero comprar pra elas agora e fazer um quarto pra elas me ajudou bastante.

Tu vê alguma coisa negativa no Bolsa Família?

Não, por enquanto não. Até inclusive tá aumentando, né, foi pra 114 e eu não preciso ir trabalhar e eu acho uma boa isso, porque a gente pode receber sem tá trabalhando.

Porque tu achas que o governo criou o Bolsa Família?

Pra manter as criança na escola, não tinham como se alimentá, né, resolveu alguma, coisa tirou criança da rua, foi isso que eu acho que melhorou.

E tu consegues algum dinheiro por outros meios?

Olha é raro, às vezes eu faço alguma coisa que eu possa vender sabe, mas é muito difícil, eu fico com o dinheiro dele e o Bolsa.

E tu consegues fazer alguma atividade, pra ter um dinheiro?

Foi o que eu te falei, às vezes, o meu marido traz da rua uma coisa que eu possa vender, um tapete uma coisa que tem utilidade pra alguém, é a única coisa que eu faço.

E como é que é, tu vais lá, pegas o dinheiro e o que tu fazes com ele?

Quando eu tenho conta, como teve a do calçado e se sobra eu compro açúcar, verdura, até porque, com o dinheiro que a gente tem é difícil, né, o trabalho na rua, no caso ontem, ele trabalhou, foi 9 da manhã e eu tenho o Bolsa eu sei que...

Até quando dura o Bolsa Família?

Quando eu não tenho conta pra pagar, dura até uma semana assim, mas...

E por quanto tempo tu achas que vai receber o Bolsa Família?

Ah, eu não sei te responder, depende do governo, quando ele achar que eu devo sair ou não, né, tem que manter os filhos na escola, tê tudo em dia, eu acho que ele deveria deixá, quantas pessoas tão precisando que tem os filho na escola, esses aí devem ficá agora. Esses que não tão nem aí, não vão pra escola que tem um monte disso aí e quem mantém os filho na escola, tinha que ficá e eu acho assim, tê cinco filho é difícil pra ti ter outra coisa, eu acho que em primeiro lugar é os filhos, né.

E tu já pensaste como é que vai ser se acabar o Bolsa Família?

Como vai sê, eu não sei, porque é pouco, mas ajuda, vai ser difícil, porque se a gente tem conta, como é que vai pagar a conta? Fica que nem louca deixá as conta. Aí eu vou ter que fazer ela (a filha mais velha) em casa, pra procurar emprego e ela vai perdê aula, né, muitas mãe tira os filho mais velho da escola pra cuidá os mais pequeno pra pode ir trabalhar, né, e já não tá na escola e como dá roupa? E por isso ajuda muito e por isso que o Bolsa Família é um programa que ajuda bastante.

Se te oferecessem um trabalho, que tu tivesses que escolher: o trabalho ou o Bolsa Família, o que tu escolheria? O que tu acha que seria melhor pra ti?

Um trabalho, né, se fosse de carteira assinada, ia ser bom, não é? Porque eu tenho um salário certinho, mas um dia eu posso ficá sem, se eu trabalhar eu vou ganhar o dobro daquilo ali, né, assim que eu penso.

Tem alguma coisa a mais que tu gostarias de me dizer sobre o Bolsa Família na tua vida?

Só eu acho que deveria ser um pouco mais, ou até eles se formá, tê um emprego bom, um estágio, que eles pudesse ganhá, pra manter a comida deles, depois, podia acabar, né.

Tu recebe por quem?

Antes eu ganhava pela minha filha, que tava na escola de 12 anos, acho que é por ela.

Quanto tu tá recebendo?

116.

Pela mais velha e pelas outra duas que tão no colégio?

Isso. Depende do salário e do número de filhos.

E quanto de salário tu tinha na época?

Depende do dia, às vezes dez, 12 por semana e ele trabalha com o irmão e divide também, eu posso contar só com o que ele traz pra casa.

Muito Obrigada.

E13 Morro da Cruz - 00:17'-19/05/2008 - 8:40

Quantos anos tu tens?

Tenho 34 e vou fazê 35.

Com quem tu mora em casa?

Moro com meus filhos, são quatro.

Tu e os quatro filhos.

Aham.

E quanto tempo faz que tu recebe o Bolsa Família?

Já fazem dois anos já.

Como é que tu ficaste sabendo que tu podia receber o Bolsa Família?

É que eu tive no posto, daí eles passaram que eu tinha filho pequeno e que eu podia conseguir ganhá o Bolsa Família, né eles viram a minha situação.

E qual era a tua situação que tu tava vivendo?

Era assim, eu tava separada, desempregada, coisa e tal e daí eles me encaixaram no Bolsa Família e eu demorei ihh um tempo, eles olharam meus papel e eu recorri, ai tinha errado, porque deu erro nos dados, eles mesmo que erraram e eu tive que recorrê tudo de novo e faze de novo aí demorou um tempão, quando eu vi veio daí.

E qual eram as maiores necessidades que tu tinha?

Era sobre as criança colégio, tinha que compra as coisa pra eles irem pro colégio material, calçado assim né, dificuldade assim, eu tinha ajuda a minha mãe que me ajudava bastante.

E como é que era esse prá-crescer?

O pré crescer era um programa do leite que tinha, que era do peso da criança baixo, que a gente tinha que vim no posto, né, pegá leite e se a criança tinha peso baixo... as duas tinha peso baixo, então elas vinham recebê o programa do leite porque elas tinham o peso baixo.

Quem tinha peso baixo ganhava leite?

Isso.

Então como é que foi? Tu foste ao posto te inscrever?

Eles mesmo que me inscreveram no posto porque eu tinha o prá crescer e ia entra esse programa (Bolsa Família) e eles mesmo me inscreveram só que daí demorou né pra vim ai eu tive que me inscreve de novo no posto.

E o que precisou pra te inscrever?

Ah precisou todos os meus documento, os documento das criança, é os meus documento a certidão e o endereço e daí lá eles fazem, eles perguntam e tal.

E o que eles te perguntaram?

Perguntaram a minha situação, como é que eu tava..

E o que tu teve que fazer além disso pra ganha o Bolsa Família?

Foi indo lá e tive uma entrevista e eles anotavam aquilo dali e depois eles mandaram, sei lá acho que pra Brasília, o papel daí, quando eu vi, demorou mas veio.

Veio como?

Veio pelo correio, uma cartinha dizendo que eu já tinha entrado no Programa no Bolsa Família.

Ta, daí tu foi aonde pegar o dinheiro?

Fui no Banco pegá a senha, no Banco da Caixa, né e daí no mesmo dia eu peguei o dinheiro.

E tem alguma coisa que precisa fazer pra seguir recebendo o Bolsa Família?

Eu acho que tem que manter, né, as criança no colégio direitinho, mantê o peso deles, acho que é isso, tem que mantê eles no colégio e sabê usá o dinheiro.

E tu tá recebendo por quem?

Por todos os quatro (filhos).

E quanto tu ta recebendo?

112.

Tu disse que tem que sabe usar o dinheiro, como tu usa o dinheiro?

Aí eu uso assim, quando eles precisam dum calçado, um material né, o material deles, um sapato. Claro que a gente não pode comprá pra todos, mas é sempre assim, um precisa aí compra pra aquele, aí no outro mês compra pra outro e assim vai né, a gente usa assim.

E tu tens que manter eles na escola e manter o peso. Tem alguma possibilidade de não receber mais o Bolsa Família?

Olha eu não sei...

Pode acontecer de cortarem?

Sim pode acontece de cortá. Eu conheço algumas pessoa que foram cortado porque as criança não foram pra escola. Quando as criança falta, ai eles cortam. Tem um limite de falta. Aí as criança comprova lá, as criança não são, mas se não, eles cortam. Tem uma amiga minha que eles cortaram por três mês, até ela pegá e falá porque que as criança não tava indo na escola, isso aí é pra eles irem pra escola né, é um dinheiro que é pra eles não deixarem de ir pra escola.

E o que tu acha do Bolsa Família?

Que ajuda né, é pra aquelas pessoa que precisam, é uma grande ajuda mesmo, uma grande ajuda mesmo.

Ajuda mais no quê?

Ajuda a família mesmo, porque é um gasto né, um filho já é um gasto né é um gasto porque sempre precisa um calçado, uma roupa, um material, um remédio também, porque assim os meus, né, os meus tem dois que ganhavam, então sempre tá comprando um remédio é uma grande ajuda pra quem tem filho.

E tu tá trabalhando?

De momento é só o Bolsa Família que eu to, né.

E tu já trabalhou alguma vez?

Trabalhei, fiz bico, não assim carteira assinada, eu nunca trabalhei mas sempre fiz um biquinho eu já cuidei de criança, fiz faxina, pessoal que pedia pra fazê algum serviço assim..

E tu está fazendo isso ainda?

Agora to parada, né, mas eu tava cuidando de uma criança, mas agora eu parei.

E o que aconteceu pra tu pára?

É que assim ó, a mãe dela também não tá trabalhando.

Não precisa mais no caso...

Sim.

E faxina?

Faxina tá parada.

Então o que mudou na tua vida depois do Bolsa Família?

Ah, mudou bastante coisa, né, mudou bastante coisa, porque assim com o Bolsa Família eu já não fico tão pra trás, porque era um sufoco pra pedi as coisa pra criança, eu não tinha o suficiente pra comprá as coisa, mudou bastante. Agora, graças a Deus, eu consigo manter eles assim mantê eles tudo direitinho, né.

Então que ele significa pra ti mesmo?

Significa bastante, bastante coisa.

Tu vê alguma coisa negativa no Bolsa Família?

(Silêncio) Eu não sei, eu acho que o Bolsa Família foi bom, não tem nada, simplesmente a única coisa é, que eu acho que tem pouco emprego né, pouco emprego e muito pouco, mas negativo... É difícil tê um emprego, é muito difícil, tem que ter até escolaridade, né, a pessoa e eu não tenho escolaridade e aí isso aí já prejudica bastante.

E se te dessem um serviço assim, que tu tivesse que escolhe entre o Bolsa Família e o serviço o que tu escolheria?

Com certeza o serviço, que é bem mais garantido, que o Bolsa família não é pra vida toda, né.

Mesmo que tu ganhasse a mesma coisa?

Eu escolhia o serviço porque o Bolsa família tu pode perdê a qualquer momento né...

E porque corre esse risco?

Sei lá, as pessoa comentam que não dura sim sempre o Bolsa Família, se as criança saí da escola vão cortá, vai caí, a gente não pode fica ali contando com aquele dinheiro a vida toda também.

Mas até quando tu acha que dura o Bolsa Família?

Acho que a pessoa recebe o Bolsa Família até a criança não te aquela idade de colégio né, aí sai acho que é até os 16, 15 aí eles tiram.

E tu já pensou como é que vai ser pra ti quando acabar o Bolsa Família?

Tem que corrê atrás, como eu te disse, eu nunca parei, sempre tenho meus biquinho sempre faço meus biquinho. Claro que vai fazê falta, que aquele dinheiro ajuda muito, vai fazê falta, mas a gente também, né, tem que segui a vida. Faz seis anos que eu recebo, fazendo meus biquinho e já era uma coisa assim, né, eu não tinha tanto, agora eu consigo comprá, antes não conseguia pra todos, né, então o Bolsa Família ajudou muito.

E como é que tu pensa em ir busca ir atrás?

Fazendo as mesma coisa, que nem eu fazia, faxina, coisa.

Por que tu acha que o governo criou o Bolsa Família?

Eu acho mesmo que pra manter as criança no colégio, porque tinha muitas criança que não ia pra escola né, os pais não davam bola, então eu acho que eles criaram por isso mesmo. E tem muitas criança que necessitavam do Bolsa Família que tem mães aí que não, não tão nem aí se a criança passa necessidade ou não, então eu acho que é por isso que fizeram o Bolsa Família.

E como é que é, tu vai na Caixa todo mês e recebe o dinheiro. Tu pega esse dinheiro na mão e faz o que com ele?

Aí eu quando eu não tenho que comprá nada pra eles eu invisto né, eu invisto. Se eu to precisando eu compro um gás, uma coisa pra eles comê também e a gente usa o dinheiro isso aí não é prêmio, é pra eles come.

E quando eles tão precisando de alguma coisa, que é que tu compra?

Roupa, calçado, remédio, que é que precisa. Porque criança precisa de várias coisa, tá sempre precisando.

E até quando tu acha que o Bolsa Família deveria durar?

Eu acho que eles fazem o certo que é mantê até aquela idade, porque naquela idade ali eles já tem uma idade boa de fazê um curso né eu acho que essa idade tá bom, daí eles também já tão grande, já podem fazer os curso, já pode... né.

Tem mais alguma coisa que tu gostaria de falar do Bolsa Família que eu não te perguntei, que tu te lembra?

(Silêncio) Eu acho o Bolsa Família bem bom

Te ajudou bastante?

Me ajudou bastante, bastante mesmo.

Então tá, muito obrigado.

E14 MC- 00:16- 19/05/2008 - 09:02

Quantos anos tu tem?

22.

Com quem tu mora em casa?

Com meus pais.

Os teus pais, ou tu recebes o Bolsa Família?

Eu.

Quanto tempo faz que tu recebe o Bolsa Família?

Quatro anos

Como é que tu ficou sabendo que podia receber o Bolsa Família?

Foram lá na minha casa fazerem pesquisa e inscrevendo pro Bolsa Família.

Tu tens filhos?

Sim (aponta para o filho).

É por ele que tu recebe...

Sim.

E o que te falaram quando foram na tua casa?

Eles faziam perguntas e anotavam pra ganhar o Bolsa Família.

E que perguntas eles te faziam?

Com quem eu morava, quantos filho eu tinha, se eu trabalhava

E tu só tem um filho?

Sim.

Então, mora tu, teus pais e teu filho, isso?

Isso.

E como é que foi, tu recebeu a carta e aí?

Eu recebi a carta com o meu nome e dizia que tava tudo certinho pra eu ganhar o Bolsa Família.

E que necessidades tu tinha pra querer ganhar o Bolsa Família?

Eu não esperava, eles foram na minha casa, mas foi em boa hora.

E por que foi em boa hora?

Ah porque eu tava sem emprego eu precisava comprá pra ele.

E o que tu compra pra ele?

Roupa, sapato, material pro colégio, às vezes eu compro calçado.

E como é que era tua vida antes de receber o Bolsa Família?

Era normal, minha mãe me ajudava, se tinha um bico eu fazia, só eu não tinha dinheiro pra mim.

E o que de bico tu fazia?

Cuidá de criança, faxina.

E tu segue fazendo isso?

Tem vezes que eu faço.

E entra mais um dinheirinho então?

Entra.

E quanto é que tu ganha do Bolsa Família então?

75.

E se tu fizesse só bico ia dá pra manter?

Só quando tivesse, eu ganho pouco do bico e não é sempre né?

E o que ficou de diferente pra ti depois que tu ganhou o Bolsa família? O que mudou?

Não mudou muita coisa, não mudou nada, do que eu tinha porque é pouco dinheiro que vem, aí mesmo é pouco aí quando tu vê tu não tem mais assim.

Mas aí como é que tu faz? tu bota mais um dinheiro e o que tu consegue comprar com isso?

Ah, tem vez que o leite, tem remédio, tem que se virá.

E como tu tem te virado atualmente?

Eu me viro com as faxina no colégio, que eu ajudo.

Quanto é que tu ganha desse trabalho?

50 pila.

E com o Bolsa Família já...

Já dá uma ajuda.

E o que tu acha do Bolsa Família?

Eu acho que é uma boa, mas se pudesse sê mais, o dinheiro é pouco se tu não tem outra coisa, teria que ter um trabalho não só o dinheiro, um serviço.

Que outra coisa melhor tu diz?

Aumentá um pouco o dinheiro.

Tu tá procurando trabalho faz tempo?

Faz tempo, um de carteira assinada não consegui, só pouco tempo, nada fixo assim.

E trabalho de quanto tempo?

Assim de 4 meses, muito pouco até, às vezes nem chega a isso.

E que tipo de trabalho tu tem procurado?

Qualquer coisa que tive tá bom. Faxina, limpeza, essas coisa, já tá bom.

E se te oferecessem um trabalho que tu tivesse que escolher: o Bolsa família ou o trabalho, o que tu escolheria?

Trabalho.

E se tu ganhasse a mesma coisa que o Bolsa Família?

Aí eu ficaria com o Bolsa.

Por que?

Porque não valeria a pena sair de casa e ganhar a mesma coisa. Eu to parada e to ganhando, então não vale a pena, se é pra ganhar a mesma coisa então eu fico em casa.

O trabalho seria melhor se tu ganharia mais...

Mais, seria um dinheiro certo.

Mas o Bolsa não é certo?

Não, não é tão certo porque já tiveram pais que tem a senha e já foi cortado o dinheiro, ou diminuíram então não é um dinheiro certo, não é um dinheiro garantido.

Mas e por que foi cortado?

Não tem motivo, uma hora chegaram na Caixa e tinha bem menos dinheiro do que elas tinham recebido. Disseram pra ela ir atrás e ver, que não era garantido porque qualquer hora vai mudando.

E tem alguma coisa que tu precisa fazer pra continuar recebendo o Bolsa Família? Pra não te cortarem?

Ai, leva meu filho pro colégio e traze no posto pra pesá, pra ver como é que ele ta.

E ele já ia no colégio?

Não, começou esse ano.

Então antes dele entrar tu já ganhava o Bolsa Família?

É.

Mas e como foi isso?

É que eu não tinha renda nenhuma, não tenho pensão, o pai dele não dá, então foi sorte que eles me deram e é só a minha mãe que trabalha de carteira assinada, então acho que foi por isso.

E quanto a tua mãe ganha, é só ela que trabalha?

É um salário mínimo.

Teu pai trabalha?

Trabalha de autônomo

E vem um dinheirinho do trabalho dele?

Vem.

E o que tu acha do Bolsa Família?

Eu acho uma boa, tá bom ajuda, dá pra fazer alguma coisa, pra mim tá bom mas adiantou bastante, é pouco, mas...

E no que adiantou mais?

Assim um calçado, que é obrigação minha, minha mãe não ajuda nisso, tem que vesti e calçá ele, né.

Tem mais alguma coisa que ajudou?

Tem vezes que eu compro alguma coisa que ele qué, eu compro uma coisa, eu compro que ele pede. Então facilitou alguma coisa.

E tu vê alguma coisa negativa no Bolsa Família?

Não, acho que não nada negativo, no meu ver só é pouco, mais nada.

Porque tu pensa que o governo criou o Bolsa Família?

Pra dar uma ajuda pras pessoa que não tem condições, né gente que não tem o que fazê, não tem emprego, pra amenizá um pouco a pobreza.

E tu acha que amenizou?

Ah eu não sei na minha opinião não muito.

Não? E por que tu acha isso?

Não sei, porque olhando assim, as pessoa não sabe assim pegá e investi o dinheiro. No meu ver, não melhorou muito não, não fez muita diferença. Tem pessoas que não sabem, gastam com bobagem.

E como é que tu acha que é saber usar melhor o dinheiro?

Comprá coisa que precisa né, tipo comida, roupa, calçado essas coisa que é pras criança mesmo, né.

E com o que tu vê que as pessoas gastam, que tu acha que não é importante?

Eu acho que eles fazem muita coisa que não é importante: compra cigarro, essas coisa assim, que não é pras criança é pra eles mesmo, porque o Bolsa Família é pras criança não pros adulto.

Como é que é, tu vai lá na Caixa pega o dinheiro e quando tu tá com esse dinheiro na mão, o que tu faz com ele?

Eu pego, já vou compra uma coisa pra ele que falta, ou pra casa, alguma coisa que falta: comida, carne essa coisa, uma roupa alguma coisa pra ele.

Então tu tá constantemente comprando roupa?

Ele cresce muito rápido, então tem que tá sempre comprando roupa.

Ele é teu único menino e tu pensa em ter mais?

Não.

Até quando tu acha que dura o Bolsa Família?

Ah eu não sei, é como eu te falei, minha irmã foi buscá e quando viu já não tinha mais, era menos então não sei até quando dura.

Então tu acha que eles não vão te avisar?

Não avisam como fizeram com a minha irmã também.

E tu já pensou como vai ser quando o Bolsa Família acabá pra ti?

Eu vou trabalhar, até porque eu to procurando né, então, é porque eu não dependo só do Bolsa, então essa parte eu vou continuá fazendo o que eu tô fazendo, que é ir atrás de um serviço, atrás de um bico.

Não vai se um problema então?

Não muito, porque eu to atrás. Eu to procurando um serviço pra não ficar dependendo só do Bolsa e aí quando acabá eu espero já estar empregada

Mas e se tu arruma um trabalho tu vai querer continuar ganhando o Bolsa?

Aí eu acho que eles não dão mais, ai eles não dão.

Até quando tu acha que deveria dura o Bolsa Família?

Até quando a criança tivé uma certa idade, de uns 10 anos de repente.

E porque até os dez anos?

É que depois dos 10, 11 anos a criança já ta maiorzinha, antes até dá pra relevá, ainda a criança é pequeninha ela precisa de ajuda, depois que ela tá maiorzinha já não precisa tanta ajuda, não gasta tanto como criança pequena.

Tem alguma coisa que tu gostaria de me dizer a mais sobre o Bolsa Família?

Não, acho que não faltou nada não.

Então tá bom, muito obrigada.

E15 Morro da Cruz - 00:20' - 19/05/2008 - 9:25

Com quem tu mora em casa?

Eu, só eu e cinco criança.

Não tem marido?

Não. Só eu e as criança. Que eu tenho doze, né.

Doze filhos... E todos tão contigo?

Não, tenho seis casado e seis comigo.

E quanto tempo faz que tu recibes o Bolsa Família

Uns 5 meses.

Faz pouco que tu conseguiste então?

É, e já cortaram porque a guria faltou o colégio quando tava abaixando, ai não mandaram a guria pro colégio, ela não foi.

Mas, quem não a mandou pro colégio?

A outra pequena.

Então tu a deixaste com a pequena e ela não foi mais?

Daí eu vim, teve um dia que eu tava fora e ela foi lá pra casa da minha irmã, daí ela não foi pro colégio, a gente tava juntando papelão. Agora vou ver se eu consigo de volta.

Tu trabalhas juntando papelão, me conta, como é que é?

Tu sai na rua juntando papelão, garrafa pet...

Tu vais sozinha?

Os filho ficam em casa, mas, às vezes, eu levo o guri pequeno junto, aí eu levo o pequeninho. Mas o Bolsa Família tava me ajudando.

Por que ele tava te ajudando?

Ajuda a compra comida, a compra gás, material pra ir no colégio, tem que ter material pra eles irem no colégio. Assim eu vou levando...

E como é que tu ficaste sabendo que tu podias receber o Bolsa Família?

No colégio.

Como é que foi me conta?

Eu fui no colégio, pegá a renda deles do Bolsa Família, pra compra material pro colégio.

Foi a professora que falou?

Aham, foi a professora.

E o que ela te disse?

Que era pra me inscrevê no Bolsa Família.

E quanto é que tu tava ganhando?

Eu tava ganhando 100.

E aí te cortaram tudo?

É, porque ela não tava indo.

Ou só cortaram o dela?

Não todo, não fiquei com de nenhum. A professora sabe como é a situação lá de casa.

E como é a situação da tua casa?

É difícil porque pra seis, eu e as seis criança. Eu tava construindo um banheiro na minha casa com o Bolsa Família, agora tá parado.

E como é que tu fazes sem dinheiro?

Ah, vamo tudo lá pra baixo, pra rua, a gente passa o dia na rua pra ver se consegue alguma coisa. Ajuda bastante, na comida.

Tem alguma coisa que tu precisa fazer pra seguir recebendo, agora te cortaram, mas o que tu precisava fazer pra continuar recebendo?

Eles irem pra escola certinho, não pode faltar. Tem um papel pra levar no colégio pelas falta, não pode ter falta, se tem falta eles tiram.

E qual a tua opinião sobre o Bolsa Família, o que tu acha do Bolsa Família?

Eu acho bom porque, dá pra comprá o material das criança pro colégio, ajuda bastante. É uma ajuda até pra quem não tem nada pra comê. Ajuda a comprá comida, material pro colégio.

O que mudou na tua vida depois do Bolsa Família?

Mudou bastante, comprei material, roupa nova pras criança ir no colégio limpinho.

E como é que tu fazias antes?

A gente não comprava, não dava, porque a gente tinha só pra comê e não dava. Às vezes tinha só 20 pila com o carrinho do papelão

E tu vais sozinha com carrinho?

Às vezes, a filha falta o colégio pra ir comigo.

E tu tiras quanto mesmo com o carrinho?

Nem sei, às vezes 20 pila, às vezes nem isso...

E tem mais alguma coisa que tu fazias pra ganhar mais um dinheirinho?

Não só o carrinho.

Tu vê alguma coisa negativa no Bolsa Família?

Eu não, não. O Bolsa é só coisa boa.

E por que é só coisa boa?

Porque a gente compra material pra eles ir pro colégio. É pra comprar material pra ir no colégio, porque se a gente vai pedir nas casa ninguém dá.

E como é que tu fazes pra conseguir comida?

Ah, a gente vai pedindo na rua e a gente vive ruim de vida, às vezes, faz uma faxina e sempre tem que arrumá comida na rua.

E me conta uma coisa, como é que tu tem tanto filho?

É, 12 filho (risos). Teve um que eu perdi. Mas tenho 6 casado.

Perdeu como?

Ele foi morá na casa do pai dele.

E o pai deles é o mesmo?

Não. É o pai dos mais moço.

Por que tu achas que o governo criou o Bolsa Família?

Acho que pra ajudá as pessoa pobre, comprá o material das criança, comida.

E tu achas que ajudou, tá ajudando?

Ajudou sim, ajuda bastante, pra mim ajudava. Só o banheiro que eu não consegui fazer (risos).

Mas me conta melhor, te chamaram na escola e disseram que tu podias ganhar o Bolsa e aí como é que aconteceu?

Eu fui no colégio, me inscrevi, levou duas semana, daí eu fui no Banco no Centro, aquele Banco te entregava as coisa tudo que tu precisava e teve confirmação, aí eu fui lá comprei banana, comprei maçã, fui no mercadão, comprei galinha, carne..

Ficou bem contente daí?

Aham.

Mas e tu precisaste levar documento, conversaram contigo?

Eu tinha identidade, levei a identidade, daí passei lá, tinha, aquele dia não tinha nada dentro de casa.

E porque falta comida dentro de casa?

Porque é só eu que saio, eles vão tudo pro colégio até meio dia. Eles tão com baixo, peso ele tá, ela também (aponta pra os filhos).

O que tu faz quando falta comida em casa?

Quando falta, eu pego as criança e saio pedindo, mas a maioria das pessoa não dão, ando aqui por perto.

E quando tu estavas recebendo dinheiro, como é que tu fazias com ele?

E já ia na Feira, no mercado, ia comprá tudo que tinha que comprá, caderno, lápis tudo que tinha que comprá pra eles, já vinha com tudo na mão.

E como é que foi pra ti quando eles cortaram o Bolsa Família, quando tu foi lá e não...

Ah, foi ruim, bem ruim. Daí não tinha nenhum material pra eles irem no colégio. E agora eles tão indo tudo direitinho, não tão faltando, não to deixando faltá e agora tão tudo direito sem material e dinheiro pra passagem não vou te que falá com ela (a professora).

E até quando tu achas que dura o Bolsa Família, quando eles não cortam?

Ah, não sei.

E quanto tempo tu acha que é, que tu imaginas?

Acho que até os 15, até tê a idade de 15 anos, aí tiram.

E porque será que é até os 15?

Isso eu não sei.

Tá todo mundo na escola então?

Tá todo mundo agora. Ela (aponta pra filha) vai na igeja, reza pra eu consegui pegá o Bolsa Família pra compra uma mochila e um caderno pra ela.

Então, quando acabou, foi ruim pra ti, por que foi ruim?

Foi ruim porque tamo passando fome, não tem material pro colégio.

E se te oferecessem um trabalho, o que tu escolheria, o Bolsa Família ou o trabalho?

O trabalho, ah, que daí eu tinha mais dinheiro, tinha meus direito e não tinha perigo de perdê. Porque daqui a pouco não dá nem pra eles irem no colégio mais, sem material. Vou ter que pedir material lá no colégio.

Até quando tu achas que o Bolsa Família deveria durar?

Eu acho que bastante tempo, até as criança terminá os estudo.

E como é que tu fazes pra controlar 6 crianças na escola?

Vai três de manhã e duas de tarde, o pequenininho não vai ainda e aí, é assim que eles vai pro colégio.

O pai deles não ajuda?

Não, só quando ele tem alguma coisa, aí ele manda. O pai dele quando tem dinheiro ele manda.

Tem mais alguma coisa do Bolsa Família que tu gostaria de me dizer?

Que eu vou hoje lá na Barão pra ver se que consigo de novo, porque eles não tão faltando.

E o que tu acha deles cortarem quando as crianças faltam?

Imagina, as criança às vezes, não vão porque tão doente, tão doente pra não ir. Tem que sabê porque faltô o colégio, porque não tinha nada dentro de casa e a guria tava lá berrando e chorando.

E o que tu acha das crianças terem que ir pro colégio?

Eu acho bom ir pra escola, pra estudar pra aprende a lê, se alguma coisa na vida, não sê burro que nem eu. Pra eles não passarem trabalho puxando carrinho de papelão na rua. Mais de ano que tamo assim. E eu boto eles no colégio desde pequeno, quando pode ir pro colégio eles já vão. Vão pro colégio aprendê, né.

Quantos anos tem teus filhos?

Aquele tem 12, dez, sete, dois, a R. tem 17 e o guri 16. E hoje não tem nada pra comê, nada, nada e o Bolsa Família me ajudava, eu conseguia comprá bastante e com Bolsa dava pra fazer tudo isso.

E na tua casa é só tu que trabalha?

Só eu, porque eles são pequeno não dá pra botá eles pra pedi.

Então tá bom, muito obrigada viu.

E1 JD - 00:28' - 10/05/08 - 16:56

Quantos anos tu tem?

33 anos

Quem mora aqui contigo na tua casa?

Moram cinco pessoas, moram meus três filhos meu marido e eu.

Como era tua vida antes de ganhar o Bolsa Família?

Era assim né, eu fazia faxina né, eu trabalhava no projeto e depois eu coloquei o Gustavo no colégio aí eu pesava ele todo mês porque ele tem baixo peso e daí veio um papel e eu encaminhei o papel e dali nove meses eu comecei a receber o Bolsa Família, na época eu só ganhava 45 reais e agora vai fazer um ano, agora em outubro que eu tô com 112 né, mas antes era só 45 reais.

Então tu fazia faxina e dava pra viver com aquele dinheirinho?

Não é que dava pra viver é que o meu marido trabalha né, então se fosse só eu não cobriria, não tem nem como, mas ele trabalha, ganha um salário mínimo, se não, não tem como.

E como é que tu ficou sabendo que tu podia ganhar o Bolsa Família?

No papel do encaminhamento já vinha escrito ali sobre o Bolsa Família, que ele tinha baixo peso e eu encaminhei pra assistente social, aí eu pesava ele todo mês aí ele foi encaminhado, depois veio uma carta pra mim dizendo o que eu tinha que fazer, daí eu fui atrás daí.

Foi no posto então?

Foi uma funcionária que encaminhou pra mim e se é uma coisa que tu quer, tu tem que ir atrás né?

Então tu levou teu filho no posto pra pesar...

Sim desde pequenininho ele tinha baixo peso e eu levava ele no posto, ele entrou no colégio né.

Vem alguém que passa na casa de vocês?

Tem voluntário que é do posto de saúde, qualquer coisa que tenha lá, que venha pra lá por causa da criança eles vem aqui avisar. Depois tu vai no posto, ele vem avisá quando tem campanha pra anemia, prá vacinação essas coisa, ele vem avisa tal dia tem tal coisa. Agora dia 2 de julho tem que leva as criança pra pesá que vai pra lá pro Bolsa tudo, pra saber como tá o desenvolvimento das criança e até dá gente pra saber se melhorou assim.

Ele é uma pessoa que informa pra ir lá no Posto. E como é que foi no outro dia tu foi aonde, como é que foi?

Eu fui no posto, ali na Bom Jesus que é ali agora que fazem o encaminhamento pra tudo ali, Bolsa Família, pros idosos aí eu fui ali com meus documentos, né, do Bolsa Família, tava amamentando na época a minha pequena e daí logo eu consegui daí.

Veio a carta e daí?

Veio a carta daí mandaram levar lá na Caixa, lá no Centro, porque lá é assim, a Caixa por letras então é achar a Caixa Federal que tivesse a letra J eu fui umas três vezes na mesma Caixa e nunca achava, ficava a tarde inteira e não achava.

E aonde é a tua Caixa?

Lá no fundo, lá na Voluntários, na Andradas bem lá adiante e lá tinha a letra J, aí me deram um cartão, uma senha e foi assim. Tem que ser a mãe ou o pai pra buscar.

Quando que foi isso?

Faz mais ou menos uns quatro pra cinco anos, mais ou menos isso. O L. meu pequeno tinha uns dois anos, não me lembro direito, não tenho certeza.

Eles te disseram que tu tinha que fazer alguma coisa pra ganhar o Bolsa Família?

Tem que ter os filhos no colégio, não faltar no colégio, não pode faltar muito no colégio. Não faltar porque eles cortam no caso, eles tem um papel que o colégio é obrigado a mandar pra lá, um papel que diz a frequência das criança no colégio e ir no posto também pesar eles sempre, sempre tá pesando, principalmente esse (aponta para o filho) que é o mais magrelo ele tem baixo peso, mas as vezes acho que é demais, pra ele ficar mais gordinho.

Teve alguma coisa que mudou na tua família pra ti poder continuar ganhando o Bolsa Família?

O L. que eu ganhei que foi pro Jardim, mas agora ele tá na segunda, eles tem três anos que tá no colégio. No começo era só o J. e agora o Leonardo também tá indo, que agora ele tá com idade de ir, tá com três.

Mas algum não podia estudar porque não tinha o Bolsa Família?

Não até eu fiquei com medo do L. porque quando eu comecei a levar nos primeiros dias era muito material que pediram, mas aí não era pra mim deixar de levar ele no colégio por causa da quantidade de material né, que não tinha necessidade de tanto material era só levar o básico que foi o que eu fiz, até porque com 3 mesmo esse dinheiro, ele não vai precisar comprar todo esse material, esse ano então vê que não é... o Bolsa Família ajuda, porque paga, ajuda pra comprar comida, um gás, comprar uma coisa pra eles um lápis, caderno, lápis, borracha, cola, então sempre tem que tá comprando borracha, lápis.

E o que tu acha do Bolsa Família? Qual tua opinião?

Minha opinião sincera, eu acho que ao invés do Bolsa Família, eles deveriam dar um emprego pras mães e as criança começarem a fazê um curso dentro do próprio colégio, ser um colégio integral, dá aula de manhã, de tarde, ter uma hora pra fazer computação, outra hora pra fazer outra coisa, um lazer, uma pintura tem gente

descobrir pra fazer alguma coisa futuramente depois eles vão crescendo e se desenvolvendo e tem que até escolher uma profissão, eu acho que o ideal seria isso aí. O que falta nesse mundo, ajuda, mais não vai sabê alimenta a família no caso daqueles que estudam. Essa é a minha opinião, eu acho que pra entrar nas empresas tem que ter qualificação também, né, tem que ter feito curso, eu trabalho em casa de família, quero conseguir outro emprego, mas é em casa de família coisa que não é que eu não gosto, mas é chato de fica fazendo uma coisa aí chega em casa tem que fazer a mesma coisa. Mas eu acho que tem que ter um emprego pras mães e conseguir colégio integral e almoçar de repente no colégio ou viesse pra casa e voltasse pra lá, ter atividade, jogar bola, fazer computação.

E por que tu acha que o Bolsa Família não alimenta a família?

Eu acho assim, alimentá o mês inteiro não tem como, não tem porque olha 100 reais não é dinheiro tu vai no supermercado compra três sacolinha, o arroz hoje tá 9 reais 9 reais é pra você ver, tem o leite que pras criança não pode faltar o leite tá 1,70 não pode faltar o leite de jeito nenhum pras criança, tem a carne a verdura também, a gente não vai só comer o feijão o arroz é o essencial mas tem que ter uma mistura, uma batata tem que ter uma outra coisa pra gente fazer e pras criança também né. Então eu acho, 100 reais tu vai ali e tu compra até domingo que tu tem e o armário inteiro foge, dá pra semana sabe, os alimentos estão caros. Nós aqui que somos cinco pessoas 112 reais é pouco, ajuda dá pra comprá fruta, leite mas pro mês todo não.

No que acrescentou ganhar o Bolsa Família?

Acrescenta porque tu sabe assim ó, poxa naquela semana eu não vou ter, não vou poder comprar tal coisa e tu sabe que tu vai te aquele dinheiro, porque vem de mês em mês, bem certinho. Suiu dia 20 mês passado, então tu sabe que naquele dia tu vai ter. Então tu pega o dinheiro aquela semana, paga as conta e compra comida pra eles, pega alguma coisa que precisa pra eles, é assim que eu faço, que eu administro assim, sabe, o dinheiro deles, do Bolsa Família. Mas assim, o mais que tem é prá ajudar, porque é certo, todo mês aquilo certinho tu vai ter lá mesmo, não tando trabalhando tu vai ter, é pouco, mas ajuda então por isso que eu falei ajuda, mas no mês não dá conta, paga a luz.

Então por que tu acha que o governo fez o Bolsa Família?

Eu acho que eles falam que é tudo de bom, mas não é suficiente, não sei, mas é uma ajudinha, é pra manter as criança mais no colégio também porque tem muitas que são analfabetas, né eu sei um pouquinho e é muito bom sabe por que ele qué para os pais não deixa as criança faltá.

O que acontece se a criança falta?

Se ela falta muito, eles cortam, eles tiram mesmo, eles tiram as meninas. A minha vizinha tinha perdido porque o filho dela faltava muito o colégio ela teve que ir no colégio, leva um monte de documento pra confirmar que ele estuda, se não se falta muito eles tiram, porque que as criança tá faltando, tem que te um porque se tá doente.

E tem mais algum jeito deles cortarem o Bolsa Família?

Só se a criança cresce né, esses de 16, 17 mas depois dos 18 a mulher lá, a assistente social me falô que depois dos 18 anos eles não tem mais obrigação de dá, o governo daí corta, no caso o meu que vai faze 18 anos vão tirá o dele, vai ficá só o outro o outro ainda tem que no caso é 30 reais pra ele ainda, no outro eles tiram, é normal aí ele tem que arruma um estágio, uma coisa.

E tu imaginou quando acabar o Bolsa Família, como é que será que vai ser?

Olha eu espero que até lá eu esteja trabalhando, eu arrume um trabalho e nós dois trabalhando a gente divide as conta legal e faz uma graninha como se diz né. Então agora que eu não tenho, eu espero que eu esteja trabalhando e de repente eu queira que eles também estejam trabalhando um meio turno pra ganhar o dinheiro deles, eu espero tá trabalhando, porque daí eu posso repor no caso mais que esse valor que esse dinheiro.

E o que tu tá fazendo pra conseguir o trabalho?

Olha, eu já fui em várias agências procurá, mas até agora não me chamaram nada e agora eu consegui falá com uma pessoa lá e ela me falou que tem um trabalho numa casa de família, mesmo que eu não gostaria, mas se não tem outro e o salário for bom, for mais ou menos aí tem que pegá, né. Esse negócio da agência se me chamarem, mas já fazem dois meses..

Mas aonde tu tá esperando te chamarem?

Assim ó tem aquele Sine, a moça falô que quando tivesse vaga ela me ligaria só que ela ainda não... ligou pro meu marido, ligaram pro meu marido, tão sempre ligando, porque ele fez um papel lá pra pizzaiolo né só que agora todo dia tão ligando pra ele, só que ele já tá trabalhando, em fevereiro ele começou a trabalhar então tem um monte de gente que já chamaram, chamam e ligam pra ele e pra mim eles não ligaram ainda, não sei se não apareceu, ou esqueceram de mim não sei,

E tu tá fazendo faxina né, e de quando em quando tu faz faxina?

Eu faço toda semana nas quintas feiras eu precisava arrumá um trabalho.

E como é que é esse trabalho que tu gostaria de ter?

Ah eu sempre tive o sonho de trabalhar num negócio próprio, eu sempre quis, como eu não posso, eu gostaria de trabalhar com horários ou em faxina mesmo, porque tu ganha bastante tu trabalha e tu recebe. Eu trabalho nas quintas feiras e já saio no dia com dinheiro, passagem e é um serviço assim que eu gosto de fazer eu não tenho

experiência em outras coisas, eu tenho em casa de família que é a mesma coisa tu cozinha, tu lava só tu não tem a carteira então, tu não tem como prová, né.

Mas essa faxina que tu gostaria de fazer é diferente da que tu faz?

Não, é normal, só que tu trabalha com serviços gerais em hospital, essas coisas.

Tu gostaria de trabalhar sempre, toda semana de carteira assinada?

É toda a semana.

Ter um salário fixo...

É isso segunda feira, ter carteira assinada, ter meus direitos, a gente não tem né, minha carteira tá parada, tem o INSS também e pra se aposentar vai ser difícil.

O Bolsa Família te ajudou pra fazer alguma coisa assim pra se qualificar pra conseguir um trabalho, pagar um curso?

Já pensei em fazer isso, mas tá tudo muito caro eu até queria fazer um curso mas não tem, só o básico que tem mas não tem como.

Tem mais alguma coisa que tu gostaria de me dizer sobre o Bolsa Família que tu te lembre?

Não tem muita assim coisa pra falar, que o importante não é só o Bolsa Família mas ter um trabalho, as criança te um curso, dentro lá, integralmente no caso os pais irem trabalhá e a criança fica lá o dia todo e depois a mãe saí do trabalho e vir pra casa. O meu guri tá pedindo um curso, ele já sabe mexer no computador, não é que nem eu e ele já pediu, mãe se tu puder compra um computador e eu digo espera mais um pouco, espera a mãe trabalhá pra conseguir comprar um computador e tem que ter calma, não dá pra fazer uma compra se não tu não pode pagar

E como é que é, tu vai na Caixa pegar o dinheiro como é que é?

Eu vou na lotérica ou na Caixa tanto faz, às vezes tu vai na lotérica que é mais rápido.

E tu pega esse dinheiro e faz o que com ele?

Geralmente, se eu to vindo pra casa eu passo no mercado compro o que dá, ou se não, pago alguma conta então enquanto tem, eu dou um pouco pra eles o dinheiro é deles.

Então acho que é mais ou menos isso, obrigada.

E2 JD - 00:28' - 10/05/2008 - 17:42

Quem mora aqui contigo?

Moram eu, meu marido e meus três filhos.

Quantos anos tu tem?

41 amanhã.

Como é que era tua vida sem o Bolsa Família?

Tu sabe que o Bolsa Família ela merecia (a filha), o Bolsa Família porque a gente tem o cartãozinho pra receber então a gente já pega o dinheiro já paga a luz que tem que pagá e no fim do mês fica apertado já e a gente poupa, era difícil a gente não tinha nada e agora é uma maravilha, bah imagina... Acho que não acaba tão cedo, se não Deus o livre.

E desde quando tu recebe?

Ah meu Deus eu tinha minha gurria na quinta série eu acho.

Qual? a mais velha?

Essa que tem 21 anos e agora ela tá com 21, acho que vai pra uns 6 anos eu acho, é bastante tempo, uns 5, 6 anos eu acho. Eu lembro que eu ganhava uns 30 e poucos reais quando comecei a receber e agora aumentou agora foi pra 112 já.

Como é que tu ficou sabendo que tu podia receber o Bolsa?

No colégio que tinha e daí eu levava ela e o meu guri mais velho, daí um dia eu tinha que fazer uma faxina, né, daí eu vim chegando e a minha gurria disse: mãe tu tem que ir no colégio agora, que tão te chamando lá, que tem que ir lá, tem as inscrição do Bolsa Família, ah eu vou mesmo né, aí já me inscrevi e já não demorou muito tempo eu recebi uma carta da Caixa né e daí já peguei meu cartão e comecei a receber, um mês eu já comecei a receber.

Te chamaram na escola e o que te disseram lá?

Ah eles tavam chamando lá bastante pessoa, não sei se era só a turma, sei que tavam chamando pra se inscrevê no Bolsa Família e eu já não vou deixa, eu vou lá, né.

E o que tu levou lá prá...

Tu tem que leva a certidão das criança, leva uma conta de luz telefone, levá a carteira do teu marido e não me lembro mais o que tinha que levá, tinha que levá uns documento pra se inscrevê, com a diretora que fez as inscrição também, eles fazem tanta pergunta, né?

Eles te perguntaram?

Eles fazem um monte de pergunta, pergunta quanto é que tu ganha, um monte de pergunta, quantos moram na tua família, quantos moram na tua casa, o que tu tem dentro da tua casa que nem quando tu vai, tu tem que te inscrevê de novo (recadastramento), quantos filho tem. Tinham uma em janeiro e depois tinha que fazer a nova

inscrição ali, daí eu fui assim, daí eu nós fomos bem cedinho, de madrugada tinha uma fila, meu Deus mas não desisti, porque era pra família né. Tinha que levá nos posto esses dias aí fomos nós três lá (ela e as duas filhas).

Te disseram que tu tinha que fazer alguma coisa pra receber o Bolsa Família?

Primeiro disseram pra ti esperar pra ver se eles iam chama pra ti, iam vê se eles iam te aceitá (risos) daí eles chamavam e eles disseram que tu tinha que fazer, receber o cartão tudo e era bem grande a fila bah, chegamo em casa não sei que horas eram da noite já, aquele dia que eles tavam marcando pra se inscrever.

E pra continuar recebendo tem alguma coisa que tem que fazer?

Eu não sei, porque eu tu sabe né, que eu faço, só renovo eu não sei se tem que fazer alguma coisa eu só sei que eu não paro de ganhar, né porque é uma ajuda, Deus o livre.

Mas eles não te disseram alguma coisa assim os filhos não podem faltar na escola...

Sim, tem ir no posto, nas coisas quando eles te chamam no posto, aí tem que ir pesar e medir tu tem que ir. Também não pode ter muita falta, senão eles chamam o conselho daí, mas os meus graças a Deus não faltam, vão muito bem, eu não gosto que eles faltem. Esse ano não tem nenhuma falta ainda, né porque é ruim. A N. tá na quinta série e qualquer falta já é cinco, seis falta e aí não dá, né, eu não gosto que faltem.

Antes do Bolsa, as filhas iam na escola já?

Aham, nunca gostei que eles faltassem sabe, porque uma hora que tu precisa né, no caso que tá chovendo muito e que não dá prá sair de casa né, se tivé que falta, se tivé doente. A minha filha teve que faltá porque teve catapora, varicela, aí teve que falta, ficou em casa uma semana. Mas tem gente que não vai, não sei o que e eu não gosto que falte, nunca gostei né, se tiver necessidade né, não dá.

O que tu tá achando do Bolsa Família?

Ah eu quero, eu queria que nunca acabasse né (risos) porque às vezes a gente até ri né porque eu não posso trabalhar né tem que esperar por isso, eu no caso nem poderia porque eu tenho tireóide, tenho pressão alta quando eu engravidei da I. fiquei muito mal eu nem sabia que eu tinha tireóide eu comecei a sangrá pelo nariz, aí chamaram a ambulância e me levaram pro Conceição, aí eles viram que eu tinha tireóide então eu fiquei baixada um tempo aí foi muito difícil mesmo, bah Deus o livre Enquanto der pra mim, ganhar que eu continue ganhando porque é uma maravilha que tu sabe que se tu tá precisando de alguma coisa tu... não compra tudo, porque alguma coisinha sempre vai faltar né compra uma coisinha compra outra...

Pra que tu usa o dinheiro do Bolsa família, tem alguma coisa que tu usa o Bolsa Família?

Eu, a gente compra o material deles, compra comida, porque todo mês é um sufoco, paga a luz, vem conta de luz tem que pagá, não pode deixar atrasar, daí sempre tem um, tem uma roupa, se tu ganha precisa comprar, é braba a coisa.

E tu tá trabalhando fazendo alguma coisa?

Não, a gente tava ali no coisa, na padaria mas nem o fixo, nem uma faxina tu ganha mais, aí é muito ruim sei lá o que tá acontecendo. Em junho, vê se melhora as coisa porque eu to com muitas dor nas costa, dor no pé e eu não tinha nada disso e eu tenho que comprá remédio, eu não consigo meu remédio no posto, aí tem que compra né porque eu tenho que comprá meu remédio.

Mas tu fazia faxina?

Eu tinha uma faxina só, daí dava né. Setembro eu tava trabalhando nessa casa ali, numa associação. Eu fazia comida pras criança e coisa e daí ele me pediu se eu queria ficar fazendo faxina na casa dela, fiquei um sete anos lá, fazendo.

Mas era todo dia?

Não, era 15 em 15 dias, uma vez por mês, assim era bastante tempo mas agora não tem mais, ela me chamava antes e agora não. Só meu marido que trabalha agora.

No que ele trabalha?

Ele é segurança, tem que ver se eu consigo alguma coisa agora.

E aquele dinheiro da faxina dava pra fazer alguma coisa?

Ah, eu chegava em casa eu já não tinha dinheiro porque eu passava no mercado né, já deixava no mercado, só se eu tinha alguma coisa pra pagar né, daí tu... se não eu não chagava a guardar, bem dizer, sempre tem uma coisa pra gente pagar né.

O que mudou na tua vida depois do Bolsa Família?

Ah mudou bem dize, bastante coisa a gente não tinha ajuda de ninguém e agora com o Bolsa Família já tem, então é um pouco a mais pra ti compra as coisa a mais que tu precisa, mudou bastante coisa.

O que mudou assim, o que tu pode compra que tu não podia, o que tu pode fazer que tu não podia?

Olha, eu não sei te explicar porque pra dentro de casa a gente não arrumou nada mais né, a gente não podia fazer mais nada, tá tudo parado, sei lá porque. No mês, a gente já sabe o que tem que comprá, mas graças a Deus que o Bolsa Família já é uma coisinha, que se tu vai trabalha, tá, fazê uma faxina, mas já tá, tu tem né, agora com o Bolsa Família já é uma grande coisa.

E tu vai aonde pegar o dinheiro?

Eu vou na lotérica, porque tu tem o cartão, a senha, tem tudo, leva o cartão e a senha na lotérica, já tem tudo.

E tu pega esse dinheiro e faz o que com ele?

Eu já pago a luz e depois vejo que tem que comprá também, ele sai dia 5 ou 6 e dá pra fazer bastante coisa e vejo o que tem que comprá e compro umas coisinha, essa aqui já aumentou de peso.

E o que dá pra compra que antes não dava?

Sei lá, eu já comprava e as coisas que não pode falta, uma comida uma coisa, se não...

E tu sabe se o Bolsa Família acaba, alguém já te disse alguma coisa?

Não sei, ao menos eu não ouço. A gente conversa aqui uma com a outra eu não vi ainda, nunca vi ninguém dizendo que acabou.

Nunca te disseram vai acabar por isso?

Não sei isso, acho que não.

E tu já pensaste, assim, o que vai acontecer pr ti se acabar?

Pois é, vai sê uma grande perda, porque bah imagina, um salário não é tanto pra nós, imagina eu espero que não acabe né, enquanto eu não to trabalhando.

E por que tu acha que o governo criou o Bolsa Família?

Eu acho pra vê assim, as pessoa, as criança, no caso estudá, porque as criança sem estudá porque quantas criança tão sem estudá, eu nunca deixei igual, meus filhos sem estudá, mas foi pras criança estudá, já pensou?

Se te oferecessem um trabalho, que tu tivesse que escolher um ou outro, o que tu escolheria?

Ai, eu agora eu não tenho condições de trabalhar, porque eu não tenho com quem deixar a minha filha né, não sei, eu ia pensar tá difícil né.

Se tu pudesse escolher, qual tu escolheria?

Se eu trabalhasse, eu teria que trabalhar.

E tem alguma coisa que tu gostaria de me dizer do Bolsa Família que tu acha?

Ai eu não sei, eu queria que não acabasse, tão cedo porque a gente precisa assim, eu preciso no caso. Porque tinha gente que tinha comprando carro e coisa né, que ganhava o Bolsa Família e eu acho que não precisa né, eu gostaria que não acabasse pra quem precisa né, se não já pensou como é que fica a situação?

Como é que será que fica a situação?

Vai fica, vai passá necessidade, bem dizê a gente não passa bem né, no caso. Dá, porque a gente ganha o Bolsa Família e a gente não passa grande coisa durante o mês, bem dizê, foi agora que a gente conseguiu dá a volta pras coisa das criança, comprá as coisa pra eles então, a gente não que que acabe tão cedo.

E tu vê alguma coisa ruim no Bolsa Família?

Eu acho que não, acho que não, porque acho que até a guria que não recebia só contava com o marido e a gente se preocupava com ela, mas ela não recebeu e não sabe o que aconteceu e a gente dizia vai lá vai vê o que aconteceu né, não achava o endereço, mas vai vê porque tu precisa e a gente tá sempre dizendo que tem que ir atrás, né porque acho que no caso, tem que pensar né, se tu tem direito tem que ir. Muda, muda de bom né,

Deu pra compra alguma coisa pra casa?

Faz tanto tempo que eu não compro nada pra minha casa, mas a hora que der a gente pode pensá e o meu marido não ganha muito também, é difícil, a gente podê comprá um calçado, um sapato, é isso.

Então Muito Obrigada.

E3 JD - 00:18' - 22/05/2008 - 16:55

Com quem tu mora em casa?

Com meus três filhos eu e meu esposo, quatro agora com ela.

E quantos anos tu tá?

30.

Há quanto tempo tu recebe o Bolsa Família?

Mais ou menos 1 ano.

Como é que era antes sem o Bolsa Família? Como é que vocês viviam sem o Bolsa Família?

Antes só o meu esposo trabalhava, aí só o salário dele não dava muito, aí eu corri atrás pra ver se eu conseguia o Bolsa Família, pra ter uma ajuda né, porque é uma ajuda. Aí depois de um tempo, eu consegui um serviço, aí depois de um tempo eu tive que sair por causa das criança, porque não tem como eu ir e não ficar com eles, que o salário que eu ganhava também não dava pra pagar uma creche né, daí fui atrás do Bolsa Família. É uma ajuda né?

E qual era o teu serviço?

Faxina.

E tu ia nas casas fazer faxina ou era por uma empresa?

Não, era pra fazer faxina nas casa, não era sempre que tinha. Aí eu parei de ir por causa das criança, porque eu não tinha condições de pagá alguém pra ficá aí pra pagar alguém eu não tinha.

E no que teu marido trabalha?

Meu marido trabalha de operador de fax

Como é que tu correu atrás do Bolsa Família, como é que foi?

Eu fiz assim, eu fui aqui em cima na Bom Jesus fazê o cadastro, o cadastramento na época era cedo, aí fui lá me cadastrei e tive que esperá mais um tempo ainda pra receber.

Mas e como é que tu ficou sabendo que tu podia ganhar o Bolsa Família?

Pela vizinha, pela vizinha aqui ó. Eu também não sabia o que era o Bolsa Família, mas era uma ajuda, tá eu vou lá vê se eu consigo né, tá tão difícil as coisa.

Aí tu foi lá na Bom Jesus então.

Isso.

É um posto?

É uma região, região de cidadania coisa assim, pra fazer cadastramento do Bolsa Família.

E tu precisou levar alguma coisa pra te cadastrar?

Sim certidão das criança, certidão de nascimento e a da vacina, certidão da vacina, meus documentos e um comprovante de residência.

Ta, tu disse que demorou um tempo pra receber e como é que tu ficou sabendo que podia receber então?

Eles mandaram a carta, mas demorou um tempinho, mais ou menos nove dez meses que eu recebi, quase um ano, eu recebi mais depois, depois de um ano ainda.

E a carta dizia o quê?

Não me lembro.

Dizia que tu podia pegar o dinheiro, não?

É na carta dava o número do cartão né e já tava na carta pra receber.

E aí quanto é que tu recebeu na época?

Na época era 104 pila.

E agora, aumentou ou diminuiu?

Não, continua a mesma coisa. Bem dizer era Bolsa Escola, não tinha o Bolsa família, na época era o Bolsa Escola, mas é Bolsa Escola.

E tu tem cartão e tudo então?

Sim.

Tu precisou fazer alguma coisa, mudar alguma coisa na rotina da tua família pra ganhar o Bolsa Família?

Como assim?

Por exemplo, se teve que fazer alguma coisa diferente pra ganhar o Bolsa Família, um filho que não tava estudando teve que botar na escola?

Não, continuou a mesma coisa, porque as criança indo pra escola não pode faltá né tem que tá estudando, daí tu não recebe no outro mês se a criança faltá o colégio, não pode tê falta. E continua sendo o Bolsa Escola não é o Bolsa Família (não sabe da unificação dos programas).

E tu ganha por um dos teus filhos, por mais de um?

Não, é por todos que tão no colégio, esse aqui (aponta para o filho) não entrou no colégio ainda, só ano que vem. Aí esse não tem, quando ele entrá vou ter que levar a certidão dele no colégio pra ver se aumenta, pra mais esse que vai entrá no colégio.

Então eles já tavam no colégio?

Isso, isso, sim. Já tavam no colégio, continuam.

E tem mais alguma coisa que tu precisa fazer pra continua recebendo assim, pra não parar de receber?

Se o filho falta o colégio eles cancelam, se a criança faltá demais eles mandam uma carta que que eles tão faltando, qual é o motivo da falta né. Eles mandam ali pro colégio, aí tu tem que ir lá explicá porque que ele tá faltando.

E isso já aconteceu contigo?

Não, eles sempre vão no colégio, eles quase nunca faltam, só assim no caso de doença, aí tu leva um atestado médico eles tão doente, mas caso contrário não, eles sempre foram pro colégio.

E tem mais alguma outra coisa que se tu não fizer tu perde ou é só isso?

Não é só isso.

E eles não pedem pra levar no posto?

Os meus eles ainda não pediram, os da vizinha eles já foram pra pesar. Até agora os meus não foram pra pesar. É o agente do posto que vem dizê se tem que pesá a criança no posto, pra mim não mandaram nada ainda.

Então tem alguém que passa por aqui...

É o agente do posto, que diz pra levá pra pesá no posto. Pra mim não falô nada ainda, até perguntei, mas ele disse que não recebeu nada ainda pra pesá as criança, eles que mandam um papel pra lá, não sei como é que funciona, pra mandá pesá a criança.

Eles quem?

Deve ser da... não sei dizer se é da prefeitura, ou se é da região ali, não sei te dizer.

Mas é um órgão acima do posto?

É deve ser isso aí deve ser da prefeitura.

E o que tu acha do Bolsa Família?

Ah é uma ajuda né pra quem não tá trabalhando, como eu esse ano eu não tenho como trabalhar porque eu to com nenê pequeno, aí já pra pagar creche prá quatro, mais com nenê não tem como, daí já é uma ajuda, pra eles principalmente, pra compra um tênis, um caderno, isso aí é uma ajuda pra eles não é pra nós, um caderno um lápis tem esse dinheirinho na mão né, uma ajuda prá eles (os filhos) né, não é pra nós.

O que mudou na tua vida, teve alguma coisa que mudou depois que tu começou a ganhar o Bolsa Família?

O que mudou, não posso dizer que mudou assim totalmente, mas é um pouco de ajuda, não é pra falar tanto que muda, mais é pra ajudar um pouco.

Mas tinha alguma coisa que tu não conseguia comprar que tu conseguiu depois do Bolsa Família?

Não, eu não tinha era pra compra essas coisa assim prá eles, prá pagar essas coisa assim prá eles que eles precisam, um caderno, até pra comida mesmo, assim pra pagar conta, até pra pagar uma luz dá, mas pra paga a conta não dá, não dá é uma ajuda prá eles mesmo.

Tu vê alguma coisa negativa no Bolsa Família, alguma coisa ruim?

Não, pra mim não.

Que tu acha das crianças terem que ir na escola e não poder faltar, se faltar eles cortam o Bolsa Família...

Eu acho certo assim eles ter que ir pro colégio que daí a criança não falta o colégio, não só prá mim mas pra outras, porque a criança vai por colégio, não tem, a pessoa tem obrigação de levar a criança no colégio porque tem várias pessoas que não manda as criança ir pro colégio, mas eu sempre mandei as criança, nunca faltaram, só por causa de doença, mas é assim eu acho que essa Bolsa Escola aí ajuda muito a criança, é uma responsabilidade também.

Por que tu acha que o governo criou o Bolsa Família?

Não sei, o Bolsa Família é pra quem não tem condições mesmo assim de trabalho, né. Eu acho assim que o Bolsa Família foi criado pra quem não tem condições, que nem no meu caso, eu não posso tá trabalhando, também com as criança não tem como. Ajudá os pobre também, que não tem, às vezes, pra ti arrumá um serviço tem que tê estudo, tem que tê isso, tem que te aquilo, até pra limpá chão, é primeiro grau tão pedindo pra limpa chão. Quem não tem estudo não trabalha.

Tu dissesse que teu marido trabalha, ganha um salário, vocês conseguem renda por outras coisas além disso?

Não, só a renda dele. E não ganha muito também.

E como é que é, tu pega o dinheiro aonde?

Na Caixa, na lotérica ou na Caixa, mas é mais fácil na lotérica.

E quando tu pegas esse dinheiro tu faz o que com ele?

Quando eu to com dinheiro na mão eu trago ele pra casa, compro coisa pras criança, pago uma conta de luz, então eu trago pra casa a hora que eu precisá compra uma coisinha ou outra tenho esse dinheirinho ali.

Tu sabes até quando dura o Bolsa Família? Um dia vai terminar?

Ah, vai terminá porque não é sempre que eu vou recebê esse dinheiro, algum momento que eu pegá um serviço assim, pode acabá. Pode acabá ou diminui. Porque esse salário, esse Bolsa Escola eu sei que é assim ó, se tu trabalha assim se eles vê que tu tem uma renda aí vai acabá, é retirado.

Então eles te dão de acordo com a renda?

Sim, sim com a renda que é pra vê se realmente precisa.

Então se tu arruma um trabalho acaba, tem outro jeito de acabar?

Outro jeito, aí tem que vê, acho que não.

E como é que vai ser se acabar o Bolsa Família pra ti?

Eu não sei assim, se eu pegá um serviço assim, pode acabá. Aí vou te que corrê atrás de serviço e aí vai se brabo é as criança, isso que eu fico pensando. Só se assim, pegasse um salário muito bom que é difícil, é difícil tu ganhá um salário bom pra sair de casa, ainda mais se tu não tem estudo.

Tu fez até que série?

Até a quinta.

E eles tão pedindo primeiro grau completo?

Primeiro grau. Eu não consegui trabalho aqui na PUC de faxina porque eu não tinha o primeiro grau. É tu é da PUC e na hora do emprego eles travaram, não tem 1º grau, sinto muito, é.

E até quando tu acha que o Bolsa Família deveria durar?

Ah, eu pra mim assim, se pudesse durá bastante, muito tempo, não sei.

Se te oferecessem um trabalho que tu tivesse que escolher entre o trabalho ou o Bolsa família, o que tu escolheria?

Eu escolhia o trabalho, se fosse um bom salário eu queria o serviço porque o Bolsa Escola dá 104 pila, eu queria o serviço.

Pra ganhar mais?

Sim pra ganhar mais, porque 104 pila não é nada, tu vai ali no mercado comprá uma coisinha já não tem mais nada, entendeu?

Tem mais alguma coisa que tu queira me dizer sobre o Bolsa Família?

Não, no caso não.

Muito Obrigada.

E4 JD - 00:33' - 22/05/2008 - 17:37

Com quem tu mora em casa?

Aqui moram meus três filhos, aqui mora só eu e meus três filhos.

E não tem marido?

Não, sou separada.

Tu recebe renda, tem alguém que trabalha aqui?

Não to desempregada, só ganho do Bolsa Família só, to só nesse programa ai, não to trabalhando e não tô ganhando nada de ninguém, só do Bolsa Família.

E como é que era antes de tu ganhar o Bolsa Família?

Eu trabalhava de vendedora ambulante, o dia todo na rua, depois aí trabalhemo na política do trabalho e depois na padaria, essa padaria que fizeram o curso pra nós de padeira.

E dali saiu um dinheirinho?

Eles davam um ranchinho pra gente, eles não davam dinheiro. No serviço que eu falei antes, eles davam dinheiro, ali na padaria eles só davam rancho, não davam dinheiro. Ajudava né e depois foi quebrando o material de trabalho, foi quebrando, nem construiu a padaria, não conseguimos, só um pouco de improviso, aí ficou tudo mal. Porque não tem onde botá o material, uma pena.

Antes do coletivo de trabalho, tinha um outro jeito de conseguir renda?

Eu trabalhava de vendedora ambulante assim. Eu me separei do meu marido, ele me incomodava muito, bebia muito e me incomodava daí eu tive que pára e entrei no coletivo e daí agora ele também não tem, ele é vendedor ambulante, vende alho essa coisa, outro dia, foi ontem que ele trouxe um leite pras criança daí.

E agora tu não tá trabalhando de vendedora ambulante?

Agora eu parei, porque to meia ruim de saúde, com uns problema aí não to trabalhando. To com problema nos rins, problema nas perna, eu tem que operá minhas perna e também to com problema no estômago, tem que fazê uns exame que a dotora tá preocupada comigo, né. E agora ela qué que eu faça um exame, acho que eu tenho algum probleminha no útero também, aí eu já não me sinto mais em condições de andá muito na rua. Antes, eu andava bastante. mas agora não dá e a minha guria ta com nenezinho agora, tem que dá uma mão pra ela também, coitada. Que agora eu to com esses dois que tem que levá pro colégio e não dá pra deixá eles dois irem sozinho também. Então eu levo e trago, é um compromisso que eu tenho porque se eles não estudá eu perco o Bolsa Família, se eles não tivé estudando, com o controle do peso no posto todos os mês, eles me tiram, me cortam.

Como é que tu ficou sabendo que tu podia ganhar o Bolsa Família?

Começô recebendo o Bolsa Escola, além do colégio que os meus outros dois mais velho estudavam. Então eles tavam ganhando o Bolsa Escola que era 30 e 45 por mês.

30 pra um e 45 pra outro?

Não, era pros dois, um mês eu recebi 30 e no outro 45 e naquela época era um dinheirão, aí depois foi pra 95 aí inventaram esse tal de Bolsa Família, aí tinha que fazê um cartão pra recebê o Bolsa Família aí por um tempo eu continuei recebendo sempre os 95. Agora há pouco tempo eu renovei o cartão do Bolsa Família daí ai eu comecei a recebê 112, agora é 112 que a gente recebe por mês, mas não sei se vai aumentá ou não, né

E como é que tu ganhou o Bolsa Escola? Desde quando que tu recebe o Bolsa Escola?

Desde quando o meu mais velho era pequeno ainda, tava no colégio faz tempo e daí pra receber o Bolsa Família eu tive que levá os meus documento e fazê um cartão pra retirá no banco.

Então veio um documento da escola, tipo um cadastro...

Isso um cadastro.

Mas veio em casa ou tinha que ir no colégio?

Tinha que ir no colégio fazê, no colégio. Eu fui no colégio, me chamaram, aquela época eu fazia doce pra vendê, eu fazia, aí quando eu me separei eu só vivia de vendedora, tinha que vivê, não era fácil.

E pro Bolsa Família tu teve que ir de novo pro colégio?

Não tive que ir lá na assistente social lá na, na Bom Jesus tem um centro e é lá que tinha que fazê.

Mas lá é um posto, o que é lá?

É uma assistente social, é que nem um coisa assim, que tem de tudo lá, tem advogado tem várias coisa assim lá, e o cartão eu tive que fazer na Caixa, na Caixa e na mesma hora que eu fui fizeram um cartão novo.

Ta, mas tu foi lá e o que tu precisou levar lá?

Todos os documento, registro das criança, identidade, cpf, comprovante de residência, aí eu fiz de novo o cadastro.

E tu já ganhou o cartão na hora, como é que foi?

Eu tive que ir lá na Caixa e ganhei o cartão na hora. Faz o cadastro ali depois vai na Caixa e peguei o cartão no mesmo dia, na hora assim eu já recebi.

E tu tá recebendo quanto mesmo?

112.

Por que tu quis recebê o Bolsa Família?

É que eu necessitava né, tava desempregada né e precisava e é uma coisa que é direito das criança mesmo ganhá o Bolsa Família, né? Um direito porque eles por enquanto né, é pra podê comprá material de colégio essas coisa assim, não tinha condições de comprá pro estudo deles. Esse Bolsa Família aí é mais pras criança comprá material, comprá calçado, comprá roupa não é só pra comida, no meu caso é pra tudo, não é só pra comida é também pro material, é em geral eu dependo desse dinheiro. Não tem outro benefício, então é pra tudo, né, quando sobra é pra comprá material pras criança e tudo.

Mas daí tu compra, que mais tu compra?

Tem que comprá material, comprá comida, tem que comprá tudo, o leite pra eles, um arroz uma coisa assim.

E falta comprar alguma coisa com esse dinheiro?

Já nem tá dando muito, já o dinheiro tá bem desvalorizado, então tá conseguindo só ajudá, né, tem que fazê milagre né, tem que pegá o dinheiro comprá o leite, comprá o feijão e o arroz e compra o gás ainda, ia aumentá né.

Teve alguma coisa que tu precisou fazer de diferente pra ganhar o Bolsa Família?

Nada diferente, só isso.

E o que tu precisa fazer pra seguir recebendo?

Eu tem que continuá não deixando eles faltá o colégio, não pode faltá no colégio. Só essa coisa esse critério, eles tem que continua estudando.

E o que acontece se faltar o colégio?

Aí eu perco o Bolsa Família, vou me incomodá com o Conselho porque que a criança não tá estudando.

E os teus filhos já iam na escola?

Já, os dois mais velhos, depois a minha guria entrô, os dois mais velhos já tavam.

E tu recebe pelos dois?

No caso eu recebo pelos três né, porque a guriuzinha também. E a minha guria tem 17 no caso cai o Bolsa Família, porque ela já tem a idade de 17 anos né.

Ele vai até os 17?

É e ela já tem os 17 feito já. Então ela vai saí fora do Bolsa Família, não tem nada a vê mais e por enquanto ainda tão deixando ela. Porque aconteceu o seguinte com ela: ela estudou até a 3ª série e depois botou na cabeça que não ia mais estudá, que não queria mais estudá e foi, foi, acabou não indo mais no colégio aí ficou em casa e mandaram até o Conselho (Tutelar) aqui na minha casa aí eu expliquei a situação pra ela e ela não fez nada, não ajudou em nada o Conselho. Aí troquei ela de colégio e ela voltou a estudá depois de grande. Mas se eles pararem, eu perco isso aí que é o meu ganha pão de cada dia, sem isso aí eu não vivo né? O Bolsa Família pra mim hoje é muito importante, é o meu salário de todo mês. Às vezes a gente tem os vizinho que ajuda a gente né. Se eu não consegui mudá minha vida vou morar pra fora com meus parente.

E como é que tu pensa em muda a tua vida?

Arrumá minha casa, arrumá o piso. Isso aqui tá uma lixaiada braba e a gente até desanima se não tem uma pessoa legal pra ajudá, pra ajeitá minha casinha, limpá, fazê uma reforma boa né, aumentá um pouquinho. Que aqui é morro né, todo dia eu tem que subi e descê a escadaria pra ir pro colégio, eu quase morro com as minhas perna, ficam horrível com problema de varizes, né.

Se tu não vais pesar e medir tu corre o risco de perde?

Acho que corro o risco sim, tem que te tudo o controle se a criança tem baixo peso, tudo a gente tem que tê controle, o certo é ir consultá, também, mas se a criança tá bem porque precisa ir no posto consultá, né? Então agora esse mês que vem agora eu quero consultá eles pra pesá e medi porque eles tão bem de saúde, né, então, tal dia do mês que vem pesá e medi, porque eles exige lá em Brasília, o governo, que Deus o livre, mas se tá bem de saúde eu não vou ficar pesando no posto o importante é pesa e medi o mais importante pra eles é isso.

E o que a senhora acha disso, assim de ter que levar no colégio, ter que pesar e medir, se não faz isso corta o Bolsa Família, o que tu acha disso?

Eu acho importante né, porque as criança não pode ficá sem estudo né, é importante pra eles né, eu não tenho estudo, eles tem que tê estudo, eu estudei muito pouco.

Até que série tu foi?

Até a segunda série, eu morava pra fora e não tive mais oportunidade e eu não tenho muita cabeça pro estudo não. Graças a Deus, os meus guri são bem inteligente assim, eles fazem os trabalho tudo. Tem que levá no colégio, porque sem estudo tu não vive né? O governo já botou esse negócio do Bolsa Família já pras pessoa que não tem condições de botá os filho no colégio, tê condições de botá, porque tem muitas criança que não tinha condições de comprá o material, essas coisa tem muitos que trabalham de papeleiro, também trabalhei na reciclagem, também trabalhei já, eu acho que eles fizeram pra ajudá muitas pessoa necessitada de podê botá os filho no colégio, pra podê comprá os material né, eu acho que o mais importante. Eu acho que o Bolsa Família é pras necessidade das criança ir, eu acho eles dizem que as pessoa que tá ganhando acima do salário não tem

direito de ganhá o Bolsa Família. Numa casa o marido e a mulher trabalham daí eles não podem ganha o Bolsa Família porque eles ganham bem, né, aí é só pra quem tem baixa renda só pras pessoas que onde tu pegá e ganha mais tu já não ganha o Bolsa Família.

O que tu acha do Bolsa Família, o que ele é pra ti, o que significa pra ti ganhar o Bolsa Família?

Pra mim é muito bom, importantíssimo, se não fosse ele como é que eu ia sustentá os meus filho? Né, não tinha condições de sustentá eles. Tu já tem dificuldade de trabalhá porque não tem creche aqui na vila prá cuidá as criança se tinha que trabalhá fora, no caso, ninguém cuida direito do teu filho no caso, bah é muito importante, bah pra mim é muito bom.

Tu vê alguma coisa negativa no Bolsa Família?

Eu não vejo nada, eu acho que não no meu ver não tem nada de errado. É uma coisa que tão ajudando os pobre, que não tem condições de dá as coisa pros filho assim, muitas pessoa também não tem condições de dá material pro colégio bem dizê, muitas pessoa trabalham em reciclagem eles ganham pra comê e se eles ganham o Bolsa Família já dá pra compra os material pros filhos ir pro colégio daí eles, é bom. Eu acho que é bom e no meu caso que tu desempregada eu só dependo do Bolsa Família né só dependo desse programa aí, quebra um galho, quebra um galho grande pra gente.

Que mudou na tua vida depois que tu começou a receber o Bolsa Família?

Olha acho que não mudou muita coisa não, não mudou porque eu já tava nesse programa né, daí com esse auxílio eu tô levando.

Se não tivesse o Bolsa Família?

Se não tivesse eu tinha que continuá vendendo meus doce, de vendedora ambulante, tinha que ir vendê nas escola, porque a gente sofre muito, porque eu tenho problema nas perna eu não posso ficá carregando carrinho, arreventa a gente né, sofria de monte né, isso não é vida pra nós né. Às vez, a gente desanima né, mas vai melhorá né, mas eu vou mudá a minha vida se eu arrumá uma pessoa que me ajuda, não tem nada a vê com o Bolsa Família, que é pras criança, se eu arrumá uma pessoa pra me ajudá ou um serviço pra mim eu ia fica só prá compra roupa pra eles e o material, ia ser melhor ainda vai ajudá bastante, aí dá eu acho assim.

Por que tu acha que o governo criou o Bolsa Família?

Porque eu, eu acho que ele criou pra ajuda os necessitado né, os pobre né mesmo. Porque isso não tinha antes né, isso veio depois que o Lula inventou. Acho que ele viu, né, que tinha pessoas que tavam precisando né e aí com essas pessoa, eles andavam nas casa com essas pessoa, teve pessoa que eles chegavam nas casa, que não precisava te esse benefício do Bolsa Família do Bolsa Escola, muitas pessoa foi cadastrada errado, porque não tava precisando.

Por que tu achas?

Todas as casa, eles iam e eles sabiam, as pessoa falava, mentiam, que não ganhavam salário nenhum eu acho né, porque como é que tu vai menti? Mas eles mentiram, depois agora que eles tão vendo que tem pessoa que não precisa, que eles querem tirá fora, tá querendo dá pra quem tem tudo, tem carro na garagem e tá ganhando é só pra quem ganha um salário mínimo pra baixo.

Como é que tu recebe o dinheiro?

Eu vou na lotérica, passa o cartão, coloca a senha e eu recebo.

E tu pegas esse dinheiro e faz o que com ele?

Quando eu pego esse dinheiro, eu tiro, passo no mercado pra comprá leite, comida, separo o dinheiro do gás. Esse mês eu não vou recebê, mês que vem eu recebo, então eu vou guardá um dinheirinho pra até dura o outro mês né.

E o que tu faz esse mês que tu não vai recebê?

Esse mês que eu não recebo eu tenho uma amiga que compra umas coisinha prá mim, o padre da igreja, principalmente, feijão e arroz eles me dão. Uma coisinha e outra sempre ajuda né. Eu sou pobre tenho mais que usá o que tem, né?

Até quanto tempo tu está recebendo?

Mais ou menos uns 5 anos.

Até quando dura o Bolsa família, ele termina?

Eu acho que não termina, se não já tinha terminado né, essa nova governadora queria tirá tudo mas o Lula não ia deixá, não vai deixá ela tirá. Ela veio pra prejudicá, não veio pra ajudá ninguém, ela só qué prejudicá os pobre. Quem tem dinheiro, 50 real é troco, não é dinheiro. No mercado com 50 real tu vai ali compra arroz, feijão, um azeite se foi o 50 real, não dá pra comprá mais nada, então ela veio prá prejudicá muito a gente. Ela queria tirá o Bolsa Família de nós, aí ia sê bem complicado.

Então tu acha que o Bolsa família dura pra sempre?

Eu não acho que ele vai durá pra sempre, eu não sei, tomara que durasse, né.

E até quando ele dura...

Não tenho idéia.

Mas a tua filha tem 17...

É ela tem 17 e já saiu do Bolsa Família...

Então quando teus outros filhos tiverem 17...

Aí eu já vou ta melhor de vida, não é possível que não.

Então ele tem um limite então?

Sim depende da idade da pessoa.

E como é que vai ser pra ti se acabar então?

Nem posso te dizê como vai sê, porque nem sei se vô tá viva, ou se vô tá velha já já.... monte de coisa na vida da gente, né?

Mas tu já imaginaste assim, se acabasse o Bolsa Família, não vão te pagar mais?

Ia te que sai por aí, fazê faxina, vendê uns doce, tirá um lucro né. Vô levando, tem que te fé que vai melhorá.

Até quando tu acha que o Bolsa Família deveria durar?

Até quando as criança fossem grande mesmo, né, até os 17 anos. Tem muito chão ainda, muito colégio pra eles.

E se te oferecessem um trabalho que tu tivesse que escolher, ou o trabalho ou o Bolsa Família, o que tu escolheria?

Eu escolhia o trabalho, tinha que ganhá mais né mais do que eu ganho.

E se te pagassem a mesma coisa?

Daí eu ficava com o trabalho de repente ganhava mais alguma coisa né.

Tem mais alguma coisa que tu gostaria de me dizer, que tu não dissesse ainda sobre o Bolsa Família, da importância que ele tem pra ti?

É isso aí, pra mim tá sendo muito importante pra mim podê mantê meus filho né, não passá fome, né, a verdade é essa.

E já aconteceu isso de vocês passarem fome?

Quase, não passô porque sempre tem gente pra ajudá, né, se eu precisá tenho ajuda sempre. Se eu tenho dinheiro, ainda assim ela me ajuda, uma gordurinha, umas coisinha de casa que ela tem, ela sempre me ajuda. Então eu fico por isso. Se eu ganhá alguma coisa eu fico feliz. Pra comprá um tênis, comprá comida, tem que dá um jeito, se eu tenho que comprá umas calça pra ele, tem que andá arrumadinho né, não dá pra andar maloqueiro como se diz, né, então pra comprá uma calça uma camisa. Tem que se puxá pra comprá as coisa pra eles.

Muito Obrigada.

E5 JD - 00:31' - 22/05/2008 - 18:58

Quantos anos tu tem?

31.

Com quem tu moras em casa?

Ah, com as minhas três criança e meu marido.

Como vocês conseguem dinheiro pra trazer pra casa?

Bolsa Família né, porque os quindim não dão muito né, mais o que ajuda a gente é o Bolsa Família.

E o teu marido trabalha?

Trabalha, tá fazendo bico só.

Bico de quê?

Assim arrumá uma casa, tá ganhando 6 pila por dia, trabalhando de pedreiro numa casa.

E era com isso que vocês viviam antes de ganhar o Bolsa Família?

Era, até que um dia a gente tava passando ali na Bom Jesus ali no Módulo e o rapaz chamou a gente pra fazê a inscrição no Bolsa Família.

E como era viver só com os quindins?

Era ruim a gente tinha que pedi as coisa, ir na minha sogra pedi pra comê alguma coisa, também pedia na rua e ganhava também bastante coisa.

E que rua que tu ia pedi?

Qualquer rua de qualquer bairro.

E quem é que ia?

Ia eu, meu esposo, meu padrinho e levava um carrinho.

E como é que é pedi na rua?

Ah, é horrível, né, que às vezes as pessoa dão, outra vez não dão. E tu também, só dá, as pessoa se acostuma, só dando. O que eu acho que eles devia de dá era um emprego pras pessoa.

E tu acha que é ruim acostumar com isso?

Ah eu acho, a gente fica com vergonha, as pessoa te humilha, ás vez tu bate nas casa pra vendê quindim as pessoa não qué dá nem um copo de água pra gente, então eles humilham a gente porque a gente é pobre, é uma situação...

E como é que tu ficaste sabendo mesmo que tu podias ganha o Bolsa Família?

Através desse moço que tava no módulo que chamou a gente, porque ele disse que era pra tirá as criança da rua, que era ruim pra mim vendê com as criança, que eu ia na rua e no sol eu ia, vendia no sol.

Vocês estavam na rua e apareceu alguém?

É na frente do módulo da Bom Jesus, ali que era na faixa ali antes, ai eles pediram pra levá os documento do meu filho, ai eu fui e levei, mas levei um ano pra buscá.

E que documentos tu teve que levá?

Ah, identidade, registro das criança, tudo, comprovante de residência.

E aí o que tu fez lá?

Eu fiz o cadastro e depois 2 anos veio o Bolsa Família.

E por que demorou tanto?

Demorou bastante...

E como é que tu ficaste sabendo que tu podia tirar o dinheiro, que tu ganhou?

Ai a minha vizinha aqui de baixo passô aqui um dia e disse: teu nome ta lá no banco, aí eu aí eu fui lá e tava mesmo.

E quanto é que tu ganhaste aquela vez?

280 na época, era acumulado que eu fiquei um tempo sem recebe eu não sabia.

Ah então tu demorou mais porque tu não sabia...

É aí eu fui na Caixa e tava o cartão dentro de um envelope, que eu tinha ganhado o programa.

E quando aconteceu isso?

Faz uns quatro ou cinco anos.

Quem era essa pessoa que te abordou na rua, tu sabe?

Era na frente do módulo um rapaz do módulo de assistente social, isso! eles vieram falá que eu não podia vendê na rua, que era ruim por causa do conselho, ai ele me explicou que eu tinha uma meio de ganhá dinheiro e não precisava botá as criança pra fora de casa.

E tu precisaste fazer alguma coisa pra ganhar o Bolsa Família, mudar alguma coisa?

Ah sim, mandá as criança pro colégio, tem que mandá. E de ir pesá, agora tem que ir no posto, tem que ir pesá.

E antes as crianças não estavam no colégio?

Antes era só a S. na época, ele era pequenininho. Aí depois do Bolsa Família eu tive que mandá todos.

E pra continuar recebendo?

Tem que ter esse compromisso, de botá as criança na escola e medi e pesá todo mês no posto, que se não tu sai do programa.

Mas o que acontecesse pra tu sai do programa?

Se eu não deixá ela ir pro colégio, assim não ir lá e falá nada, aí eu perco. Se falta a escola e não ir pra medi e pesá. Essas são as regra do programa.

E o que tu acha dessas regras do programa?

Eu acho bom, só eu acho que as pessoas não devem se acostumá só com o programa também. Eu pra mim queria que me arrumassem um serviço, que o Bolsa Família fosse pra dar um teto e depois vou te arrumá um emprego, vou te tirá disso aí, ai eu gostaria, porque daí tava me dando uma oportunidade pra mim trabalhá e sê alguém, que só com o programa a gente não vive, eu acho. Só dependê de programa, só dependê de governo não era, um dia acaba e daí acho que eles tinham que botá uma oportunidade pra gente, um emprego, uma coisa que ficasse um tempo o Bolsa Família, assim vou te arrumá um emprego e vou te tirá o Bolsa Família, vou te arrumá numa casa de família eu ia. Que eu acho que deve dá uma oportunidade pra gente sê alguém, né, o programa ali não é, só tu vivê de programa é muito pouco, 94 se tu bota na mão é muito pouco, tinha que sê mais.

Diminiu então?

O meu é 94 pros meus 3.

Mas quando tu tirou era mais.

Tava acumulado o benefício. Aí eu ganho do Bolsa Escola, ai eu entrei um dia no PET que é o que tá incluído junto com o Bolsa Escola.

Mas me explica como é que é isso do PETI e do Bolsa Escola?

O Bolsa Escola é porque a S. vai pro colégio e o PETI é pras criança que não pode pegar latinha, que não pode juntá coisas velha pro trabalho infantil, é contra o trabalho infantil, isso o Programa do PETI é contra o trabalho infantil. Porque eu tava no Bolsa Família aí eu tava ganhando pouquinho, aí como eu fui de novo com as criança pra rua, aí eles inventaram o PETI pra mim não ficá na rua com as criança, que era contra o trabalho infantil. Então, as minhas criança tão na creche de manhã e de tarde vão pro colégio, eu ganho esse programa eles tem almoço e café da manhã.

Mas daí tá indo pra rua só tu?

Daí fui só eu hoje pra rua.

O que tu acha das crianças terem que ir pra escola pra ganhar o Bolsa Família?

Eu acho bom, acho que é honesto, é pra podê dá educação pra ela, pra amanhã ela pode sê alguém e aprendê, eu acho assim. Porque é um meio que eu tenho pra comprá um caderno pra ela um lápis, se não fosse o Bolsa família eu não ia te meio de comprá caderno, porque com 6 real como é que eu ia comprá, eu ia compra um caderno? ia compra uma carne, ia vivê do quê? E eles iam ir como pro colégio? leite tudo. Pra nós é bom né. Pra

tu vê uma coisa eu acho que a gente não pode se acomodá com isso assim, eu não me acomodo, eu vou lá vendê quindim. Se eu for só esperá, só disso aí, eu vô morre de fome se tu vai esperá um mês todo aí, é só um mês .

E o que tu acha do Bolsa família, qual a tua opinião sobre o Bolsa Família?

Ai eu acho bom, mas mais importante, assim, que eu acho era um serviço do que o Bolsa. Eles tinham que dá assim uma coisa pra gente trabalhá, um curso pra fazê, aquele curso pra depois sai trabalhando, mas a gente não ganha nada disso.

Que tipo de serviço?

Ah assim reciclagem, alguma coisa assim, né, galpão, coletivo de trabalho, trabalhei no coletivo de trabalho aqui na vila, trabalhei no coletivo. Alguma coisa assim, de galpão de reciclagem, padaria, alguma coisa, um curso mas não se vê nada, só o Bolsa.

E tu vê alguma coisa negativa no Bolsa Família?

O Bolsa Família é bom mas é muito pouquinho, assim, um mês 94, pra um monte de criança não, acho que tinha que se aumenta ou um trabalho era melhor né.

Que tu compra com esse dinheiro?

Tem que comprá um material, tem que comprá leite, fralda e comida quê que vai sobrá de 94 real? O leite tá caro, fralda ele usa uma caixa. Eu ia da uma mochila, tive que tirá.

Porque tu acha que o governo criou o Bolsa Família?

Acho que é pra a ajudá as criança que não tavam indo pra escola, porque não tinham oportunidade de ir pra escola por falta de dinheiro que os pais não tinha. Eu acho que é assim, vejo por isso, porque era uma coisa que as criança não tinha né, os pobre não tinha condições, né, então o governo fez o Bolsa pra todo mundo ficá igual né.

Igual como?

Ah, pra tê o material, a minha filha via as coisa dos otro e tinha vontade de tê e não tem, hoje a minha filha tem, né filha? Caderno essas coisa, né, que ela via, não tinha oportunidade de tê, coisa que eu não podia dá pra ela, ela tem hoje igual, né, sê igual na escola, como os colegas que esses né, não tem condições, mas a gente tem condições de dá né. Só de coisa de escola a gente também não vive, tem que tê dignidade, oportunidade.

Mas tu está falando bastante em trabalho como é que tu achas que isso podia ser? O governo dá por um tempo...

Isso! o governo dá por um tempo o Bolsa Família e depois passa pra outra pessoa que não tem, porque a minha irmã, lá fora não tem a oportunidade que eu tenho, entendeu? Que aqui, aquela pessoa que já arrumô aquele ali pra ela, ela larga e dá pra otra, eu acho assim. Daí o governo tinha que arrumá um serviço né, ficá com uma coisa mais fixa.

O que mudou na tua vida o Bolsa Família?

Ah, mudou bastante, porque hoje eu posso dá pros meus filhos coisa que antes eu não podia dá.

Que tipo de coisa?

Ah, de diferente? Desse Bolsa eu comprei uma TV prá mim, tô pagando na loja, coisa que eu não podia né. Como na época eu não tinha bujão grande eu só tinha liquinho, hoje eu já tenho meu bujão, isso eu não tinha, eu não tinha tv hoje eu tenho to pagando (risos).

Então melhora um pouco a situação?

Melhorou, melhorou.

Como é que é, como é que tu faz pra pega o dinheiro do Bolsa Família?

Eu vou na lotérica. Retiro na lotérica, tenho o cartão, aí passo a senha e pego.

E quando tu está com esse dinheiro na mão, o que tu faz com ele?

Eu vou direto no mercado (risos) e compro comida: arroz, feijão, azeite, um monte de coisa e fralda pro meu bebê.

E assim, tu sabe até quanto tempo dura o Bolsa Família? Será que ele acaba um dia?

Ah, eu acho, porque já vi gente que ganhou, que nem a minha amiga que tava ganhando os 80, ela tava ganhando 80 e agora tá ganhando 30. Então acho que uma hora vai acabá, né, perde sim.

Mas e o que acontece pra acabar?

Acontece que a pessoa daí deixa os compromisso né, os filho não vai pro colégio, não vai medi e pesá aí começa isso.

Fora isso, se tá tudo certinho, será que acaba um dia?

Ah tem que fazê o cadastro também, dia 16 eu tenho que ir fazê o cadastro, tem que fazê o cadastro também. Porque se eu tivesse pegado um serviço mim, numa firma, tinha que sê desligada do programa, aí tinha que passá pruma outra pessoa que não tem carteira assinada um salário, agora se eu trabalhasse ganhasse um salário, claro que eu tinha que ir largá pra outro, e com razão né, como é que eu ia quere duas coisa, eu não sou olho grande.

Mas e fora isso será que ele acaba um dia?

Ah, eu acho, acaba um dia por causa do presidente se cai. Porque foi o Lula que inventô, né esse Bolsa, foi ele que deu pro pobre, ele qué igualdade com os pobre né, ele qué igualdade. Porque assim, uns ganham mais, outros ganham menos. Ele qué igualdade pras pessoas, né, a gente qué uma vida digna pra gente.

E já que tu falo no Lula o que tu acha do Lula?

Eu acho ele bom ele só ajuda as pessoa pobre os outros nunca se preocuparam em ajuda ninguém nunca ajudaram nada. Eu já cansei de ir na câmara dos vereadores quando eu tava sem nada assim qu eu não ganhava esse programa eu cansei de ir na câmara dos vereadores e nunca me deram nada! Nenhum trabalho e depois eles pedem pra gente votá! Eu já fui na câmara dos vereadores, quando eu não tinha esse programa eu ia até no Santo Daime, eu não tinha daí eu, quando eu não tinha esse programa, eu ganhei coisas lá, quando eu não tinha esse programa eu fui ali. Eles davam um pouco, eles só fazem a voz, né, mas já tá bom.

E tu já pensaste como é que vai ser quando acabar o Bolsa Família pra tí?

Ah, daí pra mim vai sê ruim, vô tê que ficá de novo sem nada e vô tê que volta de novo a pedi, tudo de novo. Porque hoje em dia, trabalho tá difícil as pessoa já olham, ai gordinha, ou ah tem várias coisa né, vários preconceito pra gente pegá serviço, também ,ah tu mora naquela vila eu não vou te pegá.

Já aconteceu contigo?

Já não quiseram me empregá porque eu sou gordinha, então já aconteceu. A gente vai vê isso assim, se eu vô pensá em compra roupa pra mim, ninguém vai dá, a gente tem que ganha dum, doutro tem muito preconceito de...

E se acaba o que vai acontece?

Vendê quindim tudo de novo.

E como é que é isso?

Ah, é humilhante tu tê que pedi nas casa, a pessoa diz que não, muito rancho eu ganhei nas casa, tinha gente boa, né, que dava, mas tem outras pessoa que não, que dizem ah eu não. Tem pessoa que humilha as pessoa, que acha que tem mais pode humilhá as pessoa se eu tivesse, até daria pras pessoa, que a gente vive nesse mundo né, a gente tá aqui só de passagem mesmo.

E aí tu ias tirar os filho da escola pra te ajudar?

Não, ai eu não tiraria, mesmo assim, eu ia tentá né pedi ajuda pra prefeitura, pra alguém. Mas eu não ia tirá eles, pra eles tê um futuro melhor do que o meu né.

E tu conseguiste estudar?

Até a 7ª, então eu quero que eles tenha uma oportunidade melhor do que a minha né.

Tu já trabalhaste alguma vez?

Já trabalhei num clube, já trabalhei uma vez.

E o que aconteceu?

Ah eu não quis mais, eu não quis mais, ai não fui mais.

Aconteceu alguma coisa que tu não quis mais?

Não, eu não quis, aí a preguiça me bateu e eu não quis trabalhá mais.

E como é que era teu trabalho?

Era bom, eu lavava banheiro, eu cuidava as piscina, era uma coisa boa.

E tu ganhava mais ou menos?

Eu ganhava, na época uns 80 reais. Eu ia de manhã e voltava de tarde, era 80 reais por semana e eu ganhava almoço, Bom. Mas eu queria arruma um serviço agora.

Que tipo de serviço tu queria arrumar?

Ah, qualquer um pra limpa a casa de alguém, mas é ruim as pessoa não dão. Porque chega com uma ropinha assim, que nem a minha, as pessoa te olham, eles não entende que a gente não tem condição de compra ropa, né. Com 94 tu vai compra roupa? Tem que pegá e ganhá das pessoa, essas ropa que eu tenho eu ganho dos freguês na rua, eu ando pedindo, eu peço, digo: ah tu me arruma umas ropinha pra mim, que eu não tenho condições de comprá. Mas mesmo assim é humilhante, eu me sinto humilhada sabia? sabe que a gente podia tê uma oportunidade melhor né, ficá pedindo pras pessoa aí é humilhante.

Mas como é esse sentimento humilhante?

Ah, humilhante é tu tê que se humilhá pras pessoa: ah tu não qué compra uma caixa de quindim de mim, então me dá um kilo de arroz, feijão, um açúcar eu faço assim. Às vezes, eu faço um rancho pedindo. Mas mesmo assim, eu sei que a pessoa fica daí só baseada naquilo, né, é que nem o Bolsa, incentiva, se eu pedi pra tí, tu vai me incentivá entendeu?

Se eu te der...

Tu vai me incentiva sempre a pedi pra tí

E tu acha que tu tá assim um pouco, incentivada?

É eu acho.

Ma tu tá com vontade de trabalhar?

É tenho vontade, mas eu digo assim, pedi tu vai tá incentivando as pessoa, que nem esmola, se tu pedi esmola e te derem tu tá incentivando as pessoa. A pessoa continua pedindo, por isso que muitas pessoa não dão, porque já vai incentivá.

E o que tu acha de não darem, não incentivarem?

Eu acho que eles tão certo mesmo. Por que as pessoa não vão pegá um serviço? Catá latinha alguma coisa.

E porque tu não vai busca um serviço?

Ah, porque minha identidade vô fazê segunda e tenho um monte de pequenininho, como é que eu vô ir? Como é que eu vô levá? Como é que eu vô levá?

Não tem onde deixar eles?

Não, esse é que é o ruim pra gente, né, se tivesse uma creche aqui na vila que a gente deixasse as criança tranqüila, a gente ia trabalhá né.

Até quando tu acha que deveria durar o Bolsa Família?

Acho que até um tempo né, até quando as criança tivesse uns 15, 16 ano, tava bom. Porque daí já tavam grande, aí eles iam arrumá outra coisa, um trabalho. Que a guriazinha quando ficá grande, vai arrumá um serviço pra me ajuda né, porque hoje em dia tem oportunidade, antigamente, não tinha tanta oportunidade, hoje em dia, o jovem tem oportunidade de pegá uma bolsa pra tentá estudá, pra trabalhá né, ganha um programa. Quando era pra mim, não tinha pra mim esse programa, como hoje tem, pró jovem, que eles ajudam os jovem a pegá serviço. Hoje em dia tá mudada as coisa, quem não que estuda é porque não qué, porque é vagabundo mesmo, porque hoje em dia tem mais oportunidade que nos outros ano né. Antigamente as pessoa não tinham essa oportunidade.

Mas onde é que tu vê essa oportunidade hoje? Antigamente, não tinha oportunidade, eu não ganhava Bolsa Escola. Na época eu não ganhava, várias oportunidade eu não tinha, que hoje já minha filha tem e ela vai tê, né.

E se te oferecessem um trabalho que tu tivesse que escolhe ou o Bolsa Família ou o trabalho, qual tu escolheria?

O trabalho, acho que é mais digno. Ah, porque é uma coisa que ganha um dinheiro suado né, não é uma coisa que vem ganhada.

E qual a diferença de ganha um dinheiro suado?

Ah uma coisa que tu batalha, batalhou sozinho é suado não é uma coisa dada assim, meio humilhante não sei.

Mesmo que fosse o mesmo valor?

Mesmo que fosse, eu saio todo dia, seja o sol que for pra vendê quindim e vendo óleo. Mas é que vida de vendedora, um dia tu vende, otro dia tu não vende, não é todos os dias que tu vai chegá numa casa e vai comprá, depende muito da pessoa, da boa vontade, né. Tem que ir em lugares diferente. Não é todos os dias que a pessoa vai te pegá e te comprá.

E como é que é essa venda do quindim, fica todo dinheiro pra ti?

Não, meu cunhado que faz, é cinco pila a caixa eu tenho que vendê ele a 12 a dez, prá ficá com cinco pila. É assim, mas muitas vez não ganha, muitas vez tu não ganha.

Tu escolheria um trabalho mesmo que tu ganhasse a mesma coisa que o Bolsa Família?

Aí não, eu queria ganhá um salário, né.

Mas aí tu escolhia o Bolsa Família?

Se fosse escolher um que ganhasse menos, acho que não, porque daí né, tinha que sê um salário eu acho. Acho que esse Bolsa Família tinha que dá um pouquinho mais né, 200 real já tava bom, porque as pessoa já se mantinha mais ou menos. Agora eu com 94, tu vê eu ganho mais 100 do PETI, 194 é o meu dinheiro. Eu gostava quando era a família cidadã, eu não tinha pego, mas era 300 reais aí era bom, gastá 220 no rancho e tem 100 ainda guardadinho, aí sim. Mas 94 não é dinheiro, se aumentá pra 300 pila já cabia bem, aí uma família, aí sim, eu fazia 200 de rancho, comprava gás, comprava os material, aí sim, mas não, assim a gente tem que comprá gás, tem que comprá tudo e agora o gás é 37 real. Quando eu compro gás do Bolsa aí o PETI, que é o fim do mês é pra compra comida, fora os caderno que tem que compra pra eles, que eles não fica sem.

E tu compras isso todo mês, caderno?

Às vezes eu deixo de compra o caderno dela pra compra os quindim e pegá o Bolsa e o PETI pra compra comida, porque no meio do caminho começa a faltá o leite.

E tem sempre que comprar caderno?

É, o Bolsa Família é pra compra material, eu é que compro comida. Sempre falo, não compro sempre caderno, aí eles pedem sempre prá compra uma coisa, eu não tenho, aí eu fico sentida porque ás vez, tirei o Bolsa Família deles prá comprá rancho e eu poderia dá pro passeio deles no colégio. Aí eu fico sentida, porque daí eles não vão, eles deixam de ir no passeio porque eu peguei o Bolsa Família pra compra comida, então eu acho errado né. Então, eu queria que eles dessem um pouquinho mais pra gente podê dá pra eles e ainda comprá coisa pra gente.

E o que tu gostaria de comprar pra ti?

Eu, roupa (risos) que a gente vê as pessoa, assim compra roupa boa e a gente tem os trapo da gente assim, mas a gente não tem, é ruim mas o quê que a gente vai fazê? Roubá a gente não vai, tem que ficá assim.

O que mais tu gostaria de me falar sobre o Bolsa Família que tu acha importante?

Eu acho assim que eles tinha que melhorá, aumenta um pouquinho mais, melhorá, aumentá.

E qual é a importância mesmo do Bolsa Família na tua vida?

É podê mantê as criança. Todo mês eu vou tê aquilo ali pra dá pra eles né, porque antes eu não tinha né. Antes eles não tinha oportunidade de comê fruta, antes eles não tinham oportunidade de tê as coisa, antes tinha coisa que eu não podia dá, antes eu não tinha um pão pra comprá pra eles de manhã, não tinha caderno pra dá prá eles irem pra escola, pra mim é bom, uma oportunidade boa. Antes eles não tinham as coisa, meu bebezinho hoje tem

leite, que quando eu tava com meu otro bebe, agora ele tá grande, ele não tinha leite. Aquele pequeninho tá engordando mais que os outro, ele não tá passando o mesmo trabalho que os outro, que tinha que botá as coisa no carrinho e pedi, porque os dois era pequeninho e eu tinha que pedi na rua, tomavam banho de chuva pedindo com eles nas casa. Quando eu vendia os quindim e não comprava, eu pedia um arroz, uma coisa porque eu não tinha nada em casa e o pessoal dava, então assim ele passô muito trabalho, hoje aquele ali (o mais novo) tá com mais coisa boa que os otros. Hoje eu ganho o programa pra ajuda pra eles.

Então tá, muito obrigada pelo teu tempo.